



# DESPEDACADOS



UM ROMANCE DE  
VIVIAN LEMOS



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## **SOBRE A OBRA PRESENTE:**

**A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO**

---

## **SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:**

**O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.**

---

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER  
UNIDO NA BUSCA DO  
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS  
LUTANDO POR DINHEIRO E  
PODER, ENTÃO NOSSA  
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM  
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**

---



# Sumário

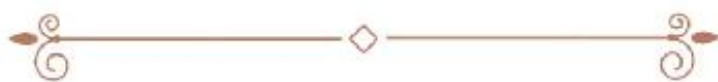
<a href="#">1</a>
<a href="#">2</a>
<a href="#">3</a>
<a href="#">4</a>
<a href="#">5</a>
<a href="#">6</a>
<a href="#">7</a>
<a href="#">8</a>
<a href="#">9</a>
<a href="#">10</a>
<a href="#">11</a>
<a href="#">12</a>
<a href="#">13</a>
<a href="#">14</a>
<a href="#">15</a>
<a href="#">16</a>
<a href="#">17</a>
<a href="#">18</a>
<a href="#">19</a>
<a href="#">20</a>
<a href="#">21</a>
<a href="#">22</a>
<a href="#">23</a>
<a href="#">24</a>
<a href="#">25</a>
<a href="#">26</a>
<a href="#">27</a>
<a href="#">28</a>
<a href="#">29</a>
<a href="#">30</a>
<a href="#">31</a>
<a href="#">32</a>
<a href="#">33</a>
<a href="#">34</a>
<a href="#">35</a>

36

Epílogo

Sobre a Autora

# DESPEDAÇADOS



VIVIAN LEMOS

# **Despedaçados**

Vivian Lemos

Edição de original: Liciane Corrêa

Revisão: Carolina Leocadio

Capa: Larissa Chagas

Diagramação: Yasmim Mahmud Kader

Despedaçados Copyright © 2020 – Vivian Lemos  
Todos os direitos reservados.

Acesse [www.lemoslivros.com.br](http://www.lemoslivros.com.br)

**É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a indicação dos créditos autorais.**

**Plágio é crime.**

**Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais é mera coincidência.**

**Alerta de gatilho: Se você passou por um relacionamento abusivo, ou foi vítima de violência doméstica, talvez esta história toque em alguns pontos sensíveis para você.**

*Este livro é dedicado à memória da minha mãe, por isto o lançamento no dia de seu aniversário. De onde você estiver, espero que esteja orgulhosa. Obrigada por ter se dedicado, integralmente, à minha formação intelectual. Também dedico à memória do meu avô, Hélio. A primeira pessoa que disse que eu seria escritora, após ler uma redação quando eu tinha sete anos.*



*She walks in beauty, like the night  
Of cloudless climes and starry skies;  
And all that's best of dark and bright  
Meet in her aspect and her eyes;  
Thus mellowed to that tender light  
Which heaven to gaudy day denies.  
One shade the more, one ray the less,  
Had half impaired the nameless grace  
Which waves in every raven tress,  
Or softly lightens o'er her face;  
Where thoughts serenely sweet express,  
How pure, how dear their dwelling-place.  
And on that cheek, and o'er that brow,  
So soft, so calm, yet eloquent,  
The smiles that win, the tints that glow,  
But tell of days in goodness spent,  
A mind at peace with all below,  
A heart whose love is innocent!*

**She Walks in Beauty - Lord Byron**



## CAPÍTULO 1

### LAUREN

Enquanto eu ouvia o som de cacos de vidro sendo quebrados e objetos arremessados, pensava em como tudo tinha saído dos trilhos. *Será que a minha vida já estivera na rota correta em algum momento?* Eu sentia dor, muita dor. E um gosto de ferrugem. Queria sair dali, mas não conseguia me mover. Então era assim que tudo terminava? Num silêncio solitário e numa escuridão gelada?

Eu era a personificação da perfeita dona de casa. Fazia bolos, cozinhava (ainda que mal, confesso), mantinha a casa impecável. Levava uma rotina confortável e tediosa, mas todo mundo dizia que era assim mesmo após alguns anos de casamento. Havia dias em que Graham e eu parecíamos dois estranhos. Nós nos sentávamos à mesma mesa para jantar, porém mal trocávamos algumas palavras. Em outras ocasiões, ele trazia flores, era carinhoso. Nós éramos muito diferentes. Mas não dizem que os opostos se atraem? Se alguém me perguntasse o motivo de ter me casado com Graham, eu não saberia dizer nada além do fato de que tinha me apaixonado

loucamente. Talvez fosse porque ele me enxergou quando mais ninguém notava a colegial sem graça que eu era.

Aquela menina da escola havia crescido com o passar dos anos, mas uma coisa não mudara: eu lia muito. Cada vez mais. Graham já tinha saído em missão três vezes ao longo dos cinco anos em que estávamos casados. Ao todo, ele ficara dois anos fora. Por causa do trabalho no exército, que eu nunca sabia exatamente o que era, ele viajava bastante, mesmo quando estava nos Estados Unidos. E, durante todo esse período, eu aproveitava para ler.

Já fazia algum tempo que não via meus antigos amigos. Ruth, minha melhor amiga nos tempos da escola, havia desistido de tentar manter contato comigo, e eu a entendia. Durante a faculdade, ainda nos falávamos, mas depois Graham disse que uma mulher casada não deveria ter a companhia de *vadias como Ruth*. Como ele ficava muito pouco em casa, eu não queria contrariá-lo. Não queria ter nenhum estresse com ele.

Depois de participar da guerra pela primeira vez, Graham passou a ter muitos pesadelos, mas nunca queria conversar a respeito disso comigo. Logo depois de cada missão, ele ficava ainda mais instável e odiava ser contrariado. Qualquer palavra mal interpretada era recebida com socos na mesa, gritos e descontrole. Eu respeitava o espaço dele, mais por querer evitar novos conflitos do que por qualquer outra razão. E porque, no final, ele sempre melhorava e voltava a ser o rapaz que tinha me conquistado anos antes.

O meu mundo girava em torno do meu marido, mesmo quando ele estava fora, em missão. Eu não tinha emprego e praticamente não tinha vida social. Morar em Augusta, uma cidadezinha de menos de vinte mil habitantes no Maine, também não ajudava nesse quesito. Quando um dia eu disse que estava pensando em lecionar, Graham apenas revirou os olhos e perguntou se faltava algo em casa. Eu sabia que ele queria me proteger, esse era o jeito dele de me amar.

Passei, então, a ocupar meu tempo no clube do livro da biblioteca pública da cidade. Graças à minha formação em literatura, consegui uma vaga de voluntária, e ajudava a

organizar leituras mensais de clássicos e de livros contemporâneos. Graham concordou com a minha participação desde que, quando ele estivesse em casa, eu reduzisse o ritmo, já que ele precisava da minha atenção.

Quando ele não estava em casa, eu me sentia mais livre, podia participar de todos os encontros com tranquilidade, ter contato com pessoas que amavam livros tanto quanto eu. O clube estava sendo um sucesso, e eu me sentia muito bem em poder contribuir para o desenvolvimento da leitura na cidade. Meu marido, infelizmente, não era grande fã da atividade. Dizia que havia muitos homens jovens que iam lá só para me ver e que não estavam interessados em literatura.

Naquela noite, um dos colegas do grupo de leituras decidiu me acompanhar até em casa. Graham geralmente me dava carona para todos os lugares, mas ele estava fora e já havia escurecido, então decidi aceitar a companhia de Marcus na caminhada até a minha casa. Ele era divertido, adorava literatura russa, que não era tanto a minha praia, mas era legal ter alguém tão apaixonado por livros com quem conversar. Ele apreciava tanto Tolstói que tinha dado o nome de Anna Karenina para a filhinha recém-nascida. Estava me mostrando uma foto dela no celular, enquanto falava com entusiasmo sobre as primeiras descobertas da criança.

— Ainda bem que tive uma menina, acho que minha esposa não aceitaria bem Liev Nikoláievich. — Marcus riu.

Quando chegamos em frente à minha casa, ainda estávamos rindo, e ouvi uma porta bater. Lá estava Graham, imóvel. O cenho franzido, os braços cruzados. Eu só o esperava no fim de semana, então senti um misto de surpresa e constrangimento. Para evitar uma cena, me despedi rapidamente de Marcus e fui em direção ao meu marido. Quando tentei abraçá-lo, ele me repeliu. Entrou pisando duro em casa e eu o segui. Assim que fechei a porta, Graham veio em minha direção como um furacão.

— Quem é esse vagabundo que estava com você? — Ele quase espumava de raiva.

— Que vagabundo, Graham? Eu estava com um colega do clube do livro, o Marcus.

— Ah, *colega... Marcus...* — retrucou ele, debochado.

— Graham, por favor, você acabou de voltar para casa, querido. Vamos ver um filme. Eu estou cansada...

— Está cansada de quê? O que você fica fazendo nesse clube do livro, Lauren?

— Graham, por favor! Não é óbvio o que as pessoas fazem num clube do livro? Elas leem! — falei de um jeito que eu nunca havia usado com ele antes.

— Não fale nesse tom comigo, Lauren! Me respeite!

— Para isso você precisa me respeitar antes! — Não sei como, mas eu simplesmente cuspi as palavras, que havia tanto tempo estavam enterradas em mim.

— Como eu vou respeitar você? Você não se dá o respeito. É uma vagabunda, que fica andando com outros homens enquanto o seu marido está fora de casa. Posso imaginar o que você fazia enquanto eu estava no Afeganistão.

— Ah, não, Graham... Você não vai vir com esse papo de herói do país pra cima de mim de novo! — Eu sentia uma raiva que nunca tinha experimentado.

Antes que eu pudesse falar qualquer outra coisa, ele me deu um tapa muito forte. Senti a bochecha arder. Levei a mão ao rosto, tentando entender o que tinha acabado de acontecer. Ele me fuzilava com o olhar. Uma expressão de fúria.

— Você é uma inútil. Nem para me dar um filho serviu! — gritou.

Fiquei cega de ódio quando ele disse isso. De todas as coisas que Graham poderia falar para mim, sem dúvida essa era a que mais feria. Eu havia chegado ao meu limite de exaustão física e emocional. Meu cérebro não funcionava mais. De repente, me ouvi dizendo:

— Acabou, Graham. Eu quero o divórcio. Chega!

Ele veio em minha direção com tanta fúria que eu estremei. Com uma das mãos agarrou o meu rosto e com a outra me empurrou em direção à parede. Eu estava paralisada de terror. Jamais imaginei que teria tanto medo dele.

— Você não quer o divórcio porra nenhuma! Este casamento não termina até eu dizer que acabou, está me entendendo? —

Ele segurava o meu rosto com tanta força que achei que fosse quebrar o meu maxilar.

E então me deu um tapa no rosto. E outro. E mais um. Os tapas se transformaram em socos, e, quando levantei os braços para me defender, percebi que estava tonta. Perdi totalmente o equilíbrio e caí em cima da mesa de canto ao lado do sofá. O enorme vaso de flores que estava ali se espatifou.

Meu nariz sangrava e doía. Eu ainda recuperava o equilíbrio quando Graham veio de novo para cima de mim, e dessa vez me deu um soco tão forte que caí ainda mais rápido. Ele começou a me arrastar pelos braços.

— Graham, você está me machucando. Me solte! — eu berrava.

— É para o seu bem, meu amor. — Ele me deu um beijo no topo da cabeça.

Tentei lutar contra ele. *Muito*. Quando eu quis me desvencilhar, ele me prendeu ao chão, com as duas pernas, se posicionando sobre mim. Entrei em desespero. Tentei gritar por socorro, mas ele tapou a minha boca, eu mal conseguia respirar. Comecei a me debater como um peixe fora d'água. Ele começou a me socar em diferentes partes do corpo. Eu estava caída no chão, quase sem forças para me levantar.

— Você me obriga a fazer isso. Por quê, Lauren? Por que você não se comporta? — Ele levantou a minha cabeça puxando pelos cabelos. — *Eu* sou o seu marido. Você não vai a lugar algum. O seu lugar é aqui, nesta casa, comigo!

Ele me deu outro beijo, e eu cuspi na cara dele. Meu corpo inteiro tremia agora. Ele largou a minha cabeça, que fez um estrondo ao bater no chão. Eu estava com muita dor. Senti que algo quente escorria pelo meu rosto, e logo um gosto familiar de ferrugem atingiu a minha boca. Quando fiz um esforço para me levantar, ele pegou o meu rosto com raiva e me deu mais um tapa. Tudo começou a ficar confuso, eu já mal o enxergava, Graham era apenas um borrão. Eu só queria que aquilo acabasse logo. Ouvi um som não muito distante de vidro quebrando.

— Vagabunda, você não vai se livrar de mim! — A voz dele já não estava tão próxima.

Aproveitei e fui me arrastando até o sofá. Todo o meu corpo doía. Avistei a minha bolsa e peguei o celular. Mandeí uma mensagem para Kate. *Socorro. Morrendo.* Foram as únicas palavras que consegui digitar. Depois disso, desmaiei. Não me lembro do momento exato em que tudo ficou preto, mas eu apaguei.

— *Lala, Lala...* — me chamava uma voz bem distante.

Era um som abafado, parecia que vinha de dentro de um túnel. Com algum esforço, reconheci a voz de Kate, minha irmã. Eu queria responder, mas não conseguia. Tudo doía. As minhas costas queimavam, como uma brasa de dor lancinante. Era diferente do que eu sentia em outras partes do corpo. Eu continuava ouvindo Kate gritando o meu nome, e agora ouvia também o som do seu choro. Eu queria gritar “Aqui, Kate, estou aqui”, mas não conseguia.

— Lala, meu Deus, Lala! — Kate sentou-se ao meu lado e passava a mão em meu rosto. — Tudo vai ficar bem, eu estou aqui. — Ela desabou num choro profundo. Eu queria abraçar a minha irmã, mas não conseguia me mexer. *O que estava acontecendo?*

Ouvi as sirenes a distância. Pude sentir Kate levantando-se, apressada. Agora havia várias vozes. Eu não conseguia entender o que estavam falando. De repente, percebi que mais pessoas se aproximavam de mim. Eu sentia o que estava acontecendo ao meu redor, mas não conseguia falar nem me mexer. Queria gritar, perguntar o que estava acontecendo, mas não era possível.

— Qual é o nome dela? — uma voz masculina perguntou à Kate.

— É Lauren Gordon — respondeu minha irmã.

Senti um solavanco sob o meu corpo. Duas pessoas estavam me transferindo para outro lugar, talvez uma maca. Kate continuava chorando. Senti quando começaram a me mover. Pude perceber que estávamos saindo da minha casa em direção à rua. Mais um solavanco e me puseram dentro de um carro.

Parecia ser uma ambulância. Kate estava junto e segurava a minha mão. Ouvi as sirenes novamente.

— Lala, por favor, me escute... — O som da voz de Kate era tenso. — Não desista. Ele não vai conseguir destruir você. — Ela apertou a minha mão com força.

Minha cabeça girava. Kate tinha dito que eu estava inconsciente. Mas não era verdade. Eu tinha ciência do que estava se passando ao meu redor, só não conseguia mostrar isso. Estava presa em meu próprio corpo, sem conseguir contatar ninguém.





## CAPÍTULO 2

Dois anos antes

THOMAS

Eu estava parado num parágrafo havia horas. Já tinha lido a frase *Lord Byron é a expressão do romantismo inglês por si só* umas quinhentas vezes. Simplesmente não conseguia avançar. A frase era ruim, o parágrafo era pior ainda, mas eu não tinha mais forças para fazer os apontamentos necessários na dissertação. Orientar pesquisas acadêmicas não era um trabalho fácil. Joguei o calhamaço de papel no espaço vazio ao meu lado no sofá e massageei as têmporas. Inspirei profundamente e olhei para o teto: branco. Estéril. Sem personalidade. Sem nenhuma cara de casa.

Abaixei a cabeça e me forcei a observar o corpo inerte em cima daquele leito de hospital. Se não fosse pelo *bip* constante do monitor de sinais vitais, eu poderia pensar que Lisa já estava morta. Não restava mais nada dela. Não havia mais sombra da mulher que eu conheci. *Glioblastoma multiforme*. Minha esposa agora se reduzia a esse nome. Ela tinha um tumor de grau quatro no cérebro. O mais agressivo de todos. Encostei a cabeça na parede atrás de mim e fechei os olhos. Mantê-los abertos era um

sofrimento. Fui entrando naquele estado de semiconsciência que precede o sono. E vi o sorriso que ela me lançara quatro anos antes.

— Oi, o que você está fazendo abaixada aí? — perguntei quando a vi perto de um canteiro.

— Ah, oi... — disse ela, sem jeito. — Tenho quase certeza de que vi um filhote de gato correndo por aqui.

Ela se abaixou ainda mais, até quase colar o rosto no chão.

— Ali, ali! — sussurrou. — Não posso gritar para não assustá-lo.

Eu me abaixei ao lado dela. Olhei no meio do arbusto e vi um bichano tigrado, encolhido.

— Viu só? — Ela me olhou. — Coitadinho, é tão pequeno. E parece tão assustado!

— Você tem algum plano para resgatá-lo? — Eu a observei. Algo naquele rosto, emoldurado por cabelos vermelhos que me lembravam o pôr do sol, me trazia bem-estar.

— Não...

— Bom, então talvez eu possa ajudá-la.

— É mesmo? — Ela arregalou os olhos âmbar, intensos e cheios de vida.

— Sim. Minha família sempre teve gatos. Minha avó é uma amante de felinos. Convivo com essas criaturas desde sempre — respondi, num tom imponente que mataria Homero de inveja.

Ela continuou me olhando, com uma expressão surpresa, mas não disse nada.

Então, decidido a salvar o dia, fiz a coisa mais ridícula que podia: fui me arrastando sorrateiramente de gatinhas, sem trocadilhos, em volta do arbusto. Lentamente, tirei o paletó. Gatos são criaturas difíceis de conquistar num primeiro contato. Cada movimento precisava ser bem pensado. Ia jogar o paletó sobre o bichano e capturá-lo. No entanto, antes que eu pudesse tentar qualquer manobra heroica de resgate, o gatinho cinza simplesmente me olhou nos olhos, abriu a boca e:

— Miau.

Eu realmente esperava uma cena mais dramática, na qual pudesse mostrar toda a minha habilidade com felinos, mas o bichano decidiu simplificar as coisas. Veio em minha direção e escalou as minhas pernas. Eu o peguei sem maiores dificuldades e o levei até a mulher.

— Não foi um resgate dos mais difíceis — falei, constrangido, mostrando o minúsculo animal.

— Sua calça está cheia de grama — observou ela, enquanto tentava limpar os meus joelhos.

— Ah, obrigado. Bom, aqui está o seu bichano. — Entreguei o gatinho a ela.

— Nem acredito que você o pegou com tanta facilidade. Estou me sentindo uma tonta. — Ela gargalhou. E aquele som foi extremamente reconfortante.

— Gatos podem ser difíceis mesmo. Se você tivesse chegado de supetão, ele poderia ter se assustado.

— Muito obrigada! A propósito, meu nome é Lisa Thompson. Sou professora do Departamento de História. — Ela estendeu a mão para mim.

— Eu sou Thomas Keith, professor do Departamento de Literatura. — A pele dela era macia. Se alguém estivesse nos observando, ia notar que o aperto de mãos demorou mais do que um cumprimento habitual entre dois desconhecidos.

— Não tenho experiência nenhuma com gatos. — Ela franziu o cenho enquanto acariciava o bichano. — Qual é a primeira coisa que eu tenho que fazer?

— Acho que o primeiro passo é batizá-lo — zombei. — Alguma ideia de nome?

— Minha pesquisa atual é sobre o Reino Ostrogótico... Poderia batizá-lo de Teodorico, mas isso seria uma maldade com este fofinho. Qual é o seu objeto de pesquisa?

— Literatura inglesa do século XIX. Mais especificamente, Lord Byron.

— É isso! — Ela segurou o gatinho com as duas mãos e o posicionou em frente ao rosto. — Você tem mesmo cara de Lord Byron.

— Não vou discordar de que é um bom nome.

— Então, agora que Lord Byron já tem um nome, o que devo fazer? Quais são os próximos passos?

— Bom, se ele for mais simples do que seu homônimo, você não precisa se preocupar tanto, ele não terá gostos *tão* extravagantes. — Arqueei as sobancelhas. — De início, você deve providenciar potinhos de água e comida, ração, uma caixinha de areia, que será o banheiro dele... — Fui enumerando com os dedos.

— Eu realmente não tenho a mínima ideia das necessidades de um felino. Será que você poderia me ajudar? — Ela abriu aquele sorriso sem jeito, de quem está pedindo um favor, mas era justamente a oportunidade que eu estava esperando.

E era daquela expressão que eu mais me lembraria pelo resto da vida. Eu ouvia a voz dela. *Continue conversando comigo, Lisa. Por favor, não me deixe.* Quando ela ia dizer mais alguma coisa, senti mãos balançando o meu joelho.

— Tommy, acorde.

Abri os olhos e vi um rosto familiar me analisando. *Vovó Liv.*

— Oi, acabei pegando no sono. Que horas são? — perguntei, me espreguiçando.

— Quase meia-noite. Eu combinei que dormiria com Lisa hoje, lembra? — Ela passou as mãos em meus cabelos.

— Não quero ir para casa...

— Meu filho, você não sai deste hospital há seis meses. Precisa ir um pouco para casa. Byron também sente sua falta.

Aquele foi um golpe baixo. Fiquei com a consciência pesada, pensando que o nosso gato estava sendo negligenciado. Lisa o amava muito. Ela não gostaria que o bichano ficasse tão solitário. E, como eu temia lá no fundo, esse Byron era tão exigente quanto o poeta. Lisa o mimara terrivelmente, dando-lhe atum todos os dias. Ele não poderia carregar esse nome e não reconhecer as coisas boas da vida, diga-se de passagem.

Resolvi ceder e dormir em casa pela primeira vez em seis meses. Minha coluna agradeceria. O sofá do hospital não era exatamente uma boa pedida. Mesmo quando os pais de Lisa

vinham da Escócia, uma vez por semana, eu não queria deixá-la. Temia sair do seu lado.

Quando cheguei ao apartamento, Byron fez sua habitual festinha, esfregando-se em minhas pernas. Aquela demonstração contida, discreta, quase fria — afinal, era um gato. Mas eu sabia que ele estava feliz por me ver em casa. Ele pulou no lugar de Lisa na cama e ficou me estudando com seus grandes olhos azuis.

— Você sente falta dela, não é? — Acariciei-lhe as orelhas. — Eu também sinto, Byron.

Depois de alguns minutos afagando o gato, tomei um banho bem demorado e desabei na cama. Estava tão cansado que apaguei. Despertei num pulo, ao ouvir meu telefone tocando.

— Tommy...

— Vovó Liv, aconteceu alguma coisa? — Estendi a mão para acender a luminária na mesa de cabeceira, mas minha mão tremia de nervoso.

— Ah, meu querido... Ela não resistiu... Lisa partiu...

As palavras da minha avó penetraram na minha cabeça como uma lâmina afiada. *Lisa partiu*. Eu não poderia nunca mais vê-la irritada, vociferando contra os programas do History Channel, que segundo ela era um desserviço à história. Não a ouviria mais falar com voz infantil enquanto brincava com Byron. Não ganharia mais nenhum suéter com tema natalino, que ela me obrigava a usar na noite de natal só para rir à minha custa. Eu havia acabado de perder a minha ouvinte mais fiel.

Desliguei o telefone e fiquei encarando o feixe de luz que vinha da luminária. Byron começou a esfregar a cabeça no meu braço. Eu podia jurar que ele tinha uma expressão triste, que podia compreender a minha dor. Eu acabava de perder a minha esposa, a minha melhor amiga. *O mundo era uma porra de um lugar injusto, que matava uma mulher como Lisa aos trinta anos.*

Senti as lágrimas escorrerem pelo rosto e enterrei a cabeça no travesseiro. Byron deitou-se ao meu lado. Passei algum tempo ali, chorando e fazendo carinho nele, até que decidi que precisava me recompor. Eu precisava ir até o hospital. Teria de

enfrentar os trâmites legais e a realidade que se descortinava diante de mim.

— Agora somos só eu e você, amigão. — Afaguei uma última vez a cabeça do gato antes de sair.



## CAPÍTULO 3

### LAUREN

Eu ouvia uns barulhos distantes. *Bip, bip, bip*. Eram ritmados. À medida que o tempo passava, os sons iam ficando mais nítidos e próximos. Abri os olhos. Uma luz branca e incômoda me fez lacrimejar. *Que lugar é este?* Estava muito cansada e meio desorientada. Minhas costas ardiam demais. Logo, senti uma pessoa se aproximando pelo meu lado esquerdo.

— Lala, você acordou! Graças a Deus! — Kate deu um suspiro e se atirou em cima de mim.

— Onde eu estou? — perguntei, ainda confusa.

— Você está no hospital, meu amor. Você se lembra do que aconteceu?

*Hospital?* Meu corpo doía. Minha cabeça latejava. Estava me esforçando para achar alguma lembrança que explicasse por que eu estava num hospital, mas eu não conseguia recordar nada. Olhei para minha irmã e neguei com a cabeça. Eu não sabia o motivo de estar ali.

— Bem, Lala... Foi o Graham. Você ficou inconsciente por dois dias. Teve um traumatismo craniano. Quebrou o nariz. Está com algumas costelas fraturadas. Ah, o braço direito também. Meu

Deus, Lala... Achei que você fosse morrer. — Kate começou a chorar.

Era difícil ver a minha irmã chorar. Kate era durona, forte. Eu sempre a vira como uma fortaleza. Mas, naquele momento, ela estava desabando bem ali na minha frente. *Graham havia me agredido*. Essa informação percorreu minha espinha como uma descarga elétrica. Sim, às vezes a gente brigava quando ele se sentia contrariado por algo que eu fazia. Mas eu jamais imaginei que ele pudesse tentar me matar. Afinal, a gente se conhecia desde a adolescência... Ele tinha sido o meu primeiro e único namorado.

— Kate, você tem um espelho?

— Por que você quer um espelho, Lala?

— Eu quero me ver. Quero ver o que ele fez comigo.

— Acho que não é uma boa ideia, querida...

— Por favor, Kate. — Eu a encarei, apesar dos olhos embaçados. — Preciso me ver.

Ela foi até o sofá e pegou na bolsa um pequeno espelho que sempre carregava na *nécessaire*. Levou uma eternidade até que chegasse à minha cama. Então pegou carinhosamente a minha mão esquerda e colocou o espelho nela. Levantou o meu braço em direção ao meu rosto.

Quando me enxerguei no reflexo, uma onda de terror me percorreu. Eu mal conseguia respirar. Como se eu tivesse voltado no tempo, a imagem daquela flor tomou meu pensamento.

— O que está rolando dentro dessa cabeça? — Graham me estendeu uma flor.

Olhei para ele, incrédula. Como assim *O Popular Graham Gordon* está falando comigo, me deu uma flor e ainda sorriu para mim? É alguma pegadinha? Ai, meu Deus, será que vão me pregar alguma peça? Logo senti um arrepio ao me lembrar de *Carrie, a Estranha*. Será que vão jogar um balde de tinta em mim? Continuei observando-o, agora tensa.

— Nossa, você deve estar pensando em algo terrível mesmo, para estar com essa cara. Posso te dar um buquê de flores,



então. — Ele ria ainda mais.

— Ah, desculpe. Não é nada terrível. Estou apenas observando a festa.

— E por que você não está vivendo a festa, em vez de ficar só olhando? — Ele arqueou as sobrancelhas. *Que rosto simetricamente perfeito.* Meu Deus, ele era muito lindo. Eu nunca tinha ficado tão perto da pele lisa de Graham Gordon. Ele tinha olhos verdes alucinantes. Eram tão lindos e vivos. Também cheirava superbem e, surpresa, não estava bêbado! Só que ele era bom demais para estar me dando bola. Logo eu, que era invisível no colégio. Tinha alguma coisa errada, era uma aposta, só podia! Com muito esforço para manter a coerência, consegui dizer:

— Não conheço muita gente aqui. Então prefiro ficar na minha — falei meio baixo, nem sei se ele me ouviu.

*Ficar na minha.* Que expressão mais ridícula. Ele me deixava nervosa. Eu não conseguia articular muitas palavras com aqueles olhos verdes maravilhosos me analisando.

— Não seja por isso: Graham Gordon a seu dispor. — Ele estendeu a mão e abriu de novo o sorriso.

— Prazer, Lauren Taylor. — Estendi a mão para ele.

Ele pegou a minha mão e beijou. Eu não esperava por isso. Sentia raiva e vergonha, porque não queria parecer tão pateta perto dele, mas não sabia como agir. Eu realmente não entendia por que Graham estava ali. Ele podia ter qualquer garota que quisesse, mas estava perdendo tempo comigo.

— Eu sei quem você é, Lauren. Sei que gosta de ler, que passa mais tempo na biblioteca do que em qualquer outro lugar. Sei que prefere ser discreta e não gosta de chamar atenção. Estou certo? — Ele inclinou a cabeça de um jeito questionador.

Só consegui assentir com a cabeça. Parecia que eu havia ficado muda de repente. Simplesmente eu não conseguia emitir nenhum som em resposta àquele cara. Como assim ele sabia aquelas coisas sobre mim? E qual era o objetivo daquilo?

— Não precisa me olhar com essa cara. Não sou um *stalker* maluco. Eu só estou interessado em você — disse ele enquanto afastava uma mecha de cabelo caída no meu rosto.

Senti o coração disparar. *Eu só estou interessado em você.* Era oficial. Eu estava louca. Meu Deus, será que eu estava tendo um AVC e não conseguia mais distinguir o que era real ou não? Realmente pensei ter ouvido Graham Gordon dizer que estava interessado em mim. Era algum tipo de alucinação, com certeza.

— Eu não estou entendendo — respondi, num tom mais sério do que pretendia.

— Qual parte? Quando eu disse que não sou *stalker* ou quando falei que estou interessado em você? — Ele parecia estar se divertindo.

— Por que você está interessado em mim?

— Você é diferente. Me intriga. Quero te conhecer melhor.

— Mas você tem todas as garotas da escola correndo atrás de você.

— Elas são todas iguais. Você não...

— Você não sabe nada sobre mim — eu disse, quase querendo correr.

— Sei, sim. Você gosta de livros. Fazemos aula de literatura e história juntos. Você tem poucos e fiéis amigos. Não é fã de esportes. Nunca vai aos nossos jogos, mesmo tendo uma irmã líder de torcida. Não aparece nas festas. E tem olhos castanhos grandes e lindos. — Ele arqueava os lábios sedutoramente.

— Graham, qual é o problema? Alguém te pagou para fazer isso? É uma aposta?

— O quê? — Ele gargalhou. — Você realmente acha que ninguém pode se interessar por você?

— Não o *quarterback* do time de futebol americano da escola. O cara mais popular. Isso não acontece na vida real.

— Por que você diz isso? Por que eu não me interessaria de verdade por você? — Os olhos dele agora mostravam uma expressão desafiadora.

— Porque eu sou muito comum. Sou sem graça — respondi, como se tivesse que explicar o óbvio.

— Meu Deus, Lauren. É sério? — Ele cruzou os braços. — Eu não te acho comum. Nem sem graça. Eu acho você diferente, e isso é bom. Por que ser igual aos outros?

— Disse o Senhor Popular... — falei num tom sarcástico.

— Ok, ok! Eu não sou uma pessoa assim tão diferente. Mas talvez seja justamente isso o que me atrai em você. Você é interessante, Lauren. E não sei que tipo de espelho você tem em casa, mas você é linda, de verdade.

Não consegui dizer nada. Eu não entendia como ele estava ali, bem na minha frente, falando que eu era linda. Meu Deus, quando isso aconteceu? Quando pessoas *como ele* começaram a notar a existência de pessoas *como eu*?

— Olha, Lauren... Eu realmente quero te conhecer. Desculpe se eu te assustei com essa abordagem aqui, mas nunca tive uma oportunidade melhor de me aproximar de você. Me dá uma chance para a gente se conhecer. E aí?

— É, acho que podemos fazer isso... — falei meio sem graça.

— Então, senhorita Taylor, eu digo que vamos nos conhecer melhor a partir de agora. — Ele pegou a minha mão e a beijou mais uma vez. Em seguida, se despediu com um aceno e voltou ao grupo de atletas, no qual se encaixava perfeitamente.

Ouvir Kate fungando me trouxe de volta à realidade. Continuei observando fixamente o reflexo no espelho. Eu não reconhecia o rosto que via. As espinhas da adolescência não eram nada perto do que o reflexo me mostrava. Meus olhos estavam inchados, com manchas arroxeadas em volta; o nariz, enfaixado. Eu não tinha mais forças para me examinar. Foi então que os flashes das agressões começaram a pipocar na minha cabeça. *Meu primeiro amor. Meu maior pesadelo.*



## CAPÍTULO 4

### THOMAS

Como era rotina no último ano, eu estava jogado no sofá, com Byron deitado na minha barriga. No toca-discos, não havia outra opção possível senão The Smiths. Já que era para estar afundado na bosta, então que eu chafurdasse em grande estilo. Quando estava quase pegando no sono, ouvi um barulho que me despertou.

— Tommy, que porra é essa? — Minha irmã fez sua habitual entrada dramática. Ela foi direto até o som e abaixou o volume. Logo na hora que começava “There Is a Light that Never Goes Out”. *Ótimo.*

— Maldita hora em que eu concordei em dar uma cópia da chave para você, Meg. — Sentei-me no sofá, colocando Byron ao meu lado.

— Tommy, pelo amor de Deus, você precisa sair de casa! — Ela bufou.

— Eu saio, Meg. Todos os dias vou à universidade.

— Você só sai de casa para trabalhar, *Thomas!* — retrucou ela, irritada.

— Sim, eu trabalho, *Meghan*. É o que as pessoas fazem. Você também, contrariando todos os prognósticos — declarei debochadamente.

— Tommy, por favor. Não seja sarcástico comigo, não agora. Estou preocupada com você. — Ela sentou-se ao meu lado e pegou a minha mão.

— Eu sei, Meg, e agradeço pela sua preocupação. Mas não há nada que você possa fazer.

— Não posso deixar você bancar o morto-vivo, Tommy. Por favor, venha jantar comigo e com Pete amanhã lá em casa.

Minha irmã me olhava com tanta expectativa que não pude recusar. Eu não estava com a mínima vontade de interagir com ninguém. Ainda não conseguira superar a morte de Lisa e também não queria lidar com os olhares de pena e ter que reviver todo o processo da doença da minha esposa.

— E, como eu sei que saco vazio não para em pé, trouxe sua janta. — Ela me entregou uma sacola de papel pardo.

— Hum, comida chinesa. Obrigado. Você está me deixando mal-acostumado.

— Sabe, Tommy, eu gostaria muito que você voltasse a cozinhar. Estou com saudades da sua comida.

— Qualquer hora dessas, Meg.

Ela me olhou com descrença. Me conhecendo como ninguém, minha irmã sabia que eu não tinha planos de voltar a cozinhar tão cedo. Lisa adorava cozinhar. Eu me tornei um bom cozinheiro porque aprendi muitas coisas com ela. Entrar na cozinha significava ter que lembrar que aquele espaço, hoje vazio, já havia sido um dia preenchido pelas gargalhadas e pelos temperos da minha esposa. Eu não suportaria.

— Bom, Tommy, eu tenho que ir para casa. Saí do escritório e vim direto te ver. — Ela me deu um beijo na testa. — Por favor, faça essa barba antes de ir jantar comigo amanhã. Esse visual desleixado não combina com você.

Revirei os olhos, e Meg saiu rindo, insolente. Devorei o yakisoba que ela havia trazido. Eu estava com fome e nem tinha percebido. Joguei fora a embalagem da comida e coloquei mais ração para Byron. Tomei um banho demorado, ainda ruminando

as palavras de Meg: *Não posso deixar você bancar o morto-vivo.* Saco. Eu realmente não queria mais ficar nessa, mas não sabia o que fazer. A companhia de Lisa me fazia tanta falta... Nós éramos melhores amigos, e ninguém me entendia como ela. Nem mesmo Meg. A gente levava uma vida tranquila, de jantares harmonizados com vinho e literatura.

Quando saí do banho, olhei demoradamente o meu reflexo no espelho. *Meu Deus.* Eu era quase uma versão light do personagem de Tom Hanks em *Náufrago*. Nunca havia sido tão desleixado com a minha aparência, mas a verdade é que eu não tinha vontade sequer de pentear os cabelos. Byron estava a meus pés, me olhando com sua típica expressão julgadora.

— Ok, Byron. Vou dar um jeito nisso amanhã. Não quero mais críticas. Vamos dormir.

Ele miou em resposta. Sim, eu estava me tornando o velho dos gatos. Solitário, ranzinza e esquisito. Fui para a cama e Byron pulou para ficar ao meu lado, como fazíamos todas as noites. Peguei o notebook e decidi trabalhar mais um pouco na biografia de Lord Byron, o poeta, que eu estava finalizando. Era um trabalho de anos de pesquisa que, eu nem acreditava, estava conseguindo finalizar. Mandeí um e-mail para Mark Henris, meu editor, e era isso. Por hoje, missão cumprida.

No dia seguinte, eu estava imerso na minha rotina na universidade, corrigindo provas entre uma aula e outra. Lecionar era o meu refúgio, nas aulas eu me esquecia de todas as outras coisas e tinha o foco totalmente voltado à literatura. Realmente entrava em outro mundo em sala de aula. Ainda que fosse para sofrer.

— O romantismo, para mim, não é um movimento legítimo. É um monte de blá-blá-blá vazio. “Ode a um rouxinol”, por exemplo, é um poema oco. — Um aluno pediu a palavra e despejou essa heresia.

Respirei fundo.

Caminhei em direção à turma, decidido a honrar a memória do poeta, e declamei:

*Meu peito dói; um sono insano sobre mim*

*Pesa, como se eu me tivesse intoxicado  
De ópio ou veneno que eu sorvesse até o fim,  
Há um só minuto, e após no Letes me abismado:  
Não é porque eu aspire ao dom de tua sorte,  
É do excesso de ser que aspiro em tua paz —  
Quando, Dríade leve-alada em meio à flora,  
Do harmonioso recorte  
Das verdes árvores e sombras estivais,  
Lanças ao ar a tua dádiva sonora.*

A turma aplaudiu.

Caminhei até onde o revolucionário das letras estava e disse:

— Sr. Johnson, se isso não é uma das coisas mais belas que você já ouviu na vida, que Deus tenha piedade da sua alma. — A turma explodiu em risadas. — “Ode a um rouxinol” é um bálsamo para nossas almas despedaçadas. Todos precisamos de beleza e poesia na vida.

Depois de bancar o herói romântico defendendo a honra de Keats, meu expediente se encerrava, e era hora de ir para a casa da minha irmã.

Meg atendeu a porta com um enorme sorriso.

— Você voltou a ser civilizado, Tommy. — Ela me deu um abraço. — Você é tão bonito! Não deveria jamais se esconder atrás daquela barba e daquele cabelo.

— Viu só, irmãzinha querida? Ouvi seus conselhos e decidi ir ao barbeiro.

Ela me deu o braço e caminhamos até à sala de jantar. Quando chegamos, meus olhos logo foram atraídos por uma bela mulher loira sentada à mesa. Mas ela não estava sozinha. Meus pais, minha avó e meu cunhado estavam lá. Lancei um olhar de reprimenda para minha irmã. Eu me sentia num daqueles episódios de *reality shows* sobre intervenção familiar. E, obviamente, o protagonista era eu.

— Um convite para jantar com você e *Pete*, né? — falei entredentes para a minha irmã.

— Desculpe, Tommy. Acabei falando para a mamãe que você vinha, aí a notícia se espalhou.

— Obrigado, Meg — retruquei cinicamente. Cinismo fazia parte da nossa criação.

— Tommy, você está tão lindo. — Vovó Liv me deu um abraço apertado.

— Já estava na hora de sair da sua caverna — disse meu pai, num tom ríspido.

— Ah, querido, eu estava com saudades. Que bom que vamos jantar todos juntos hoje. Quero saber todas as novidades. — Minha mãe deu um beijo na minha bochecha.

— Não tenho novidades, mãe. Continuo sendo professor universitário e pesquisando Lord Byron. — Dei de ombros.

— Ah, Tommy, essa é Alexia Winters, ela trabalha comigo na empresa. — Meg me apresentou à belíssima mulher que eu nunca tinha visto.

— Eu trabalho na diretoria de finanças. Prazer em finalmente conhecê-lo, Thomas. — Ela abriu um sorriso e estendeu a mão.

Eu a cumprimentei e me sentei na cadeira que Meg havia reservado, estrategicamente ao lado de Alexia. Só olhei para a minha irmã. *Sério, Meg?* Ela me lançou um olhar inocente em resposta.

— Alexia é uma economista brilhante. Está se saindo muito bem na *nossa* empresa, Tommy. Na *sua* empresa — meu pai fez questão de frisar.

— Que bom. Fico feliz por você, Alexia. Eu sou péssimo com números — respondi, olhando para a mulher e tomando um gole do vinho que Peter acabara de servir.

— Não é, não. Isso é birra pura. Só porque você quer viver dessa *bobajada* de poesia — despejou meu pai.

— Pois saiba, *Robert Keith*, que é essa *bobajada* de poesia o que vai me sustentar pelo resto da vida. — Mantive o tom de voz calmo. — É o que eu quero fazer e é o que continuarei fazendo.

“É o que eu quero fazer, pai” haviam sido minhas palavras quinze anos antes.

— Ontem eu fui a um jantar e Craig, um dos professores do Departamento de Negócios da London School of Economics,



disse que você foi muito bem na entrevista, Tommy — comentou meu pai antes de dar uma garfada na comida.

Do outro lado da mesa, Meg me observava com os olhos arregalados. Minha mãe estava com a mesma expressão *blasé* de sempre. E minha avó tinha um ar de quem já sabia o que estava por vir.

— Só fui a essa entrevista porque você insistiu. Mas eu não vou fazer faculdade de economia. — Tranquilamente, tomei um gole de suco.

— Você pode fazer outro curso na área de negócios, Tommy. — Meu pai não me olhava.

— Eu já tinha dito que quero estudar literatura no King's College.

— Você gosta de ler sobre esses poetas românticos. Ótimo. Mantenha como um hobby. Você precisa ter uma carreira sólida. Deve assumir os negócios da família, nós já conversamos sobre isso, Tommy. — Ele ainda se recusava a me olhar.

— Eu não quero assumir os negócios da família, pai. Quero estudar literatura!

— Ótimo, meu jovem. Estude literatura. Mas não com o meu dinheiro. Você vai para a London School of Economics e ponto final! — Ele largou o garfo abruptamente.

— Não, não vou! — Eu o encarei com raiva.

— Ah, os arroubos da juventude... — disse ele, sarcasticamente. — E quem vai pagar por essa sua aventura no King's College?

— Eu vou! — interveio minha avó calmamente.

— Mamãe, não se meta nisso! — Meu pai lançou um olhar de reprovação.

— Robert, veja bem como você fala comigo! — Ela limpou a boca com o guardanapo. — Se Tommy quer estudar no King's College, ele vai. Inclusive porque foi aprovado.

— Foi você quem enfiou essas ideias na cabeça dele, mãe! Thomas precisa ser um homem responsável.

— Eu sou responsável! Fui aprovado em todas as universidades para as quais me candidatei. Só quero seguir um

caminho diferente do seu, é tão difícil entender? — Joguei o guardanapo na mesa.

— Quando você cansar dessa palhaçada, nós voltamos a conversar. Até lá, você vai sair desta casa, Thomas! — gritava ele.

— Você está expulsando seu filho de casa? — Minha avó parecia incrédula.

— Se ele acha que o meu estilo de vida não é bom o suficiente, então também não vai viver à minha custa!

— O que você está fazendo, Robert? — Agora minha mãe tinha a expressão alterada. Algo nela expressava medo.

— Ensinando o seu filho a ser homem de verdade.

— Você não pode fazer isso, pai! — Meg chorava.

— Cale a boca, Meghan! Pegue suas coisas e saia desta casa, Thomas! Só volte quando tiver recuperado o juízo!

Fiz as malas e fui para a casa da minha avó. *Eu nunca recuperei o juízo.*

Sim, nós parecíamos nunca sair da mesma conversa nos últimos anos. Alexia nos observava em silêncio. Parecia assistir a uma partida de pingue-pongue, alternando o olhar entre mim e meu pai.

— Você prefere viver com um salário medíocre de professor universitário a assumir uma posição na diretoria da empresa da sua família, *Thomas*? E pare de me chamar de Robert, eu sou seu pai.

— *Pai*, eu não entendo *nada* sobre construção civil nem tenho a mínima vontade de aprender. E eu não sabia que havia sido convidado para um jantar em que iríamos tratar dos meus rendimentos! Se eu soubesse, teria chamado o meu gerente do banco. Assim já sairia daqui sabendo quais os melhores investimentos para o meu *módico* salário — retruquei, tranquilamente.

— Não era esse o objetivo do jantar, Tommy! Pai, por favor, chega! — intercedeu Meg.

— Ok, vamos ver até quando você aguenta brincar de poeta — despejou meu pai.

Apenas revirei os olhos, decidido a não dar continuidade àquela discussão. Eu não me lembrava de conseguir ficar no mesmo ambiente que meu pai por mais de cinco minutos sem que discutíssemos. Não aguentava mais ouvir a minha mãe falar sobre as últimas fofocas da *high society* londrina. Depois da sobremesa, me afastei um pouco dos meus pais, pois precisava de um tempo. Eu estava perto da lareira, observando a rua pela enorme janela da sala.

— Os encontros entre vocês são sempre tão emocionantes? — Alexia se aproximou, estendendo uma taça de vinho para mim.

— Obrigado. — Peguei o copo da mão dela e sorvi um gole. — Na verdade, hoje até que tivemos poucas emoções. Em geral, nossas discussões são bem piores. Peço desculpas pela cena.

— Ah, não se preocupe. Estou na empresa há um ano, já conheço o jeito do seu pai. E admiro a paciência que você teve com ele.

— São anos de prática. — Suspirei.

— Na verdade, acho incrível que você tenha aberto mão de tudo para se dedicar ao que realmente ama. É admirável, de verdade.

— Eu não conseguiria ser diferente. Não sei se foi bem uma escolha.

Continuei conversando com Alexia pelo restante da noite. Ela era uma mulher muito bonita, agradável e inteligente. Mas nós não tínhamos nada em comum. Ela era uma executiva agressiva, que adorava economia, negócios e sabia todos os movimentos das bolsas de valores. Eu? Não entendia bulhufas de investimentos, nem dava a mínima para isso.

Depois que me despedi de todos para ir embora, Meg me seguiu até a porta, com um olhar esperançoso.

— Meghan Keith, você é um péssimo cupido. Por favor, não insista mais nessa ocupação. — Dei um beijo na bochecha da minha irmã.

— Poxa, Tommy, Alexia é tão legal...

— Sim, ela é. E linda. Mas nós queremos coisas diferentes na vida, Meg. E mais: ela foi educada o suficiente para não expressar a própria opinião de maneira tão contundente quanto o

nosso pai, mas aposto que também pensa que literatura é uma grande *bobajada*.

No caminho de volta para casa, fiquei pensando que talvez eu nunca mais voltasse a sentir interesse por nenhuma mulher. Porque é claro que eu não precisaria encontrar uma pessoa com exatamente os mesmos interesses que eu, nem com Lisa foi assim. Mas precisava de alguém que entendesse minimamente a importância do meu trabalho. E, além disso, eu não sentia nada, nem uma faísca provocada por uma mera atração física. No fim das contas, talvez eu estivesse mesmo destinado a ser o velho dos gatos.



## CAPÍTULO 5

### LAUREN

Enquanto minha irmã e eu chorávamos abraçadas, meus pais entraram no quarto. Eles tinham uma expressão de choque. Acho que não imaginavam que eu estaria acordada.

— Lala, graças a Deus! Você está acordada, minha filha! — Minha mãe pegou a minha mão.

Num gesto brusco, recuei o braço. *Que sentimento eu nutria pelos meus pais naquele momento?* Aquilo tudo era muito novo para mim. A única certeza que tinha era de que não queria que ela me tocasse. De alguma forma, eu sentia que os meus pais tinham uma parcela de responsabilidade naquilo tudo, principalmente a minha mãe.

— Lala, é a mamãe. Você não está me reconhecendo? — Dava para ver a tristeza no olhar dela.

Mas eu me perguntava se também não havia ali uma parcela de culpa ou de pena.

— Eu sei quem você é, *mãe!* — respondi, impaciente.

— Por que está agindo assim comigo?

— Você se lembra do dia do meu noivado?

Minha mãe não respondeu. Aliás, era a primeira vez que ela ficava sem palavras quando o assunto era meu relacionamento com Graham.

— Pessoal, nosso querido Graham gostaria de contar com a atenção da família por um minuto — disse minha mãe.

— Como todos sabem, Lauren e eu estamos juntos há seis anos. Em breve, eu serei enviado em missão ao Afeganistão. Creio que não haja momento melhor do que este jantar de Ação de Graças para dar mais um passo em nosso relacionamento. — Graham fez uma pausa e tirou uma caixinha de veludo vermelha do bolso. Então, saiu do seu lugar à mesa e se posicionou ao meu lado. Ele ficou apoiado num dos joelhos. — Lauren Taylor, espero em breve Lauren Gordon, você aceita se casar comigo? — Ele abriu a caixinha, e dentro havia um lindo anel solitário.

Antes que eu pudesse falar qualquer coisa, minha mãe já estava gritando de felicidade, pedindo que meu pai fosse pegar o espumante para um brinde. Os pais dele nos parabenizaram. As únicas pessoas em silêncio éramos Kate e eu. Minha irmã me lançava um olhar como quem diz “não aceite”. Ela nunca acreditou que ele fosse o cara certo para mim. Quando me dei conta, Graham já estava colocando o anel de noivado em meu dedo.

Minha mãe fez uma leve pressão em meu braço, me despertando de todas as memórias que eu queria apagar. Mas era impossível esquecer.

— A única pessoa que sempre ficou ao meu lado foi Kate. Você me fez acreditar que eu nunca conseguiria nada melhor do que Graham, e vejam onde eu estou agora. Ele destruiu a minha vida!

Minha mãe ainda não dizia uma palavra. Ela arregalou os olhos e ficou ali, em silêncio. Kate a olhou com um ar de desaprovação e em seguida veio em minha direção.

— Sei que é difícil acreditar nisso agora, mas ele não acabou com a sua vida. Eu sempre estarei ao seu lado. Vou te apoiar no que precisar. É agora que a sua vida vai começar de verdade,

Lala. — Minha irmã apertou minhas mãos com cuidado, por causa do soro, mas bastavam as palavras para que eu acreditasse nela.

Depois de uma semana, recebi alta do hospital. Já sentia menos dores e fiquei mais aliviada ao constatar que, lentamente, meu rosto ia voltando ao normal. Minhas costas ainda ardiavam, como se estivessem mergulhadas em brasas. Meus olhos já estavam menos arroxeados. Meu nariz parecia quase normal, apenas um pouco inchado. Ainda tinha que ficar de repouso por causa das costelas e do braço quebrados, mas ok, eu estava viva. Diante de tudo o que poderia ter acontecido, me sentia no lucro.

Não tinha muito bem ideia do que ia fazer, mas estava focada na minha recuperação. Voltei a morar na casa dos meus pais, mesmo a contragosto. A ideia era me mudar para o apartamento de Kate, em Portland, mas decidimos que era melhor não viajar antes da recuperação. A relação com os meus pais estava bem estranha. Pisávamos em ovos uns com os outros. Eu ficava trancada no quarto a maior parte do dia, lendo. Não tinha a mínima vontade de interagir com os dois. Nossos jantares e almoços transcorriam em silêncio quase sempre.

Não sei se por culpa, ou qualquer outro sentimento, a dinâmica do relacionamento com meus pais mudara. Parecia que eles estavam me vigiando 24 horas por dia. Nenhum deles queria me deixar sozinha, mesmo que eu dissesse que estava bem. Era sufocante. Às vezes me sentia como uma criança que não pode ficar um segundo sem supervisão. Eu estava lendo uma antologia de John Keats, certo dia, quando minha mãe bateu à porta do quarto.

— Lala, vou ao mercado, mas volto bem rápido — disse ela, quase se desculpando.

— Não precisa ter pressa, mãe. Estou bem.

— Se precisar de algo, me ligue. — Ela ficou parada, me observando.

Eu não estava acostumada a ter toda aquela atenção da minha mãe, então não sabia muito bem como agir.

— Pode deixar, vou continuar lendo. — Levantei o livro, para mostrar a ela.

Ela deu um sorriso sem graça e fechou a porta do quarto. Eu não podia negar que seria um alívio ficar sozinha, longe do escrutínio de meus pais, ainda que por alguns instantes. Estava imersa novamente na poesia de Keats quando a campainha tocou. Forcei-me a sair do conforto da poltrona de leitura. Minha mãe devia ter batido a porta e esquecido a chave. *Típico.*

Quando abri a porta, minha espinha gelou e meus pés pareciam estar colados ao chão. Eu não conseguia me mover. Graham estava parado à porta, na maior tranquilidade do mundo.

— Oi, Lauren. Será que a gente pode conversar? — Seu tom era o mais calmo possível. As mãos estavam dentro dos bolsos da calça.

*Inacreditável.* Será que ele estava realmente *me vendo*? Será que ele conseguia enxergar tudo o que tinha feito comigo? As manchas roxas no rosto, o braço quebrado, o nariz inchado?

— Você quer *conversar*, Graham? Exatamente como *conversou* comigo da última vez?

— Lauren, eu não queria te machucar, mas voltei da guerra com muitos traumas, não sei lidar muito bem...

Ele se inclinou em minha direção. Conforme chegava mais perto, todos os meus instintos gritavam. Meu coração batia fora de compasso. Estava difícil respirar. O suor escorreu pela minha nuca.

— Cala a boca, Graham! — explodi. — Você não queria me machucar? Você quase me matou!

— Lauren, a gente pode resolver isso, eu prometo! — Ele se aproximou ainda mais e pegou os meus ombros.

Sentir o toque de Graham me deu ânsia de vômito. Como ele ousava aparecer na casa dos meus pais, depois de tudo o que tinha feito? Não consegui controlar a minha ira. Eu não podia mais me conter.

— Me larga, Graham. Você nunca mais vai tocar em mim, seu filho da puta! Vou chamar a polícia agora! — Eu não sabia que podia gritar tanto.



Ele soltou meus ombros e ficou me olhando espantado. Com certeza, não esperava que eu reagisse de modo tão incisivo ou que o xingasse. Na verdade, nem eu esperava. Eu sentia um ódio que nunca havia experimentado.

— Lauren, doçura, você tem todo o direito de estar magoada. Eu errei. Me perdoe, por favor. Volte para casa.

— Graham, vou tentar ser o mais didática possível: eu não tenho mais casa. Eu não sou sua doçura. Você não cometeu um erro, você tentou me matar. E eu quero o divórcio. — E, sem dar mais tempo para nenhuma explicação, recobrei minhas forças e bati a porta na cara dele.

E, mesmo com todas as dores que eu carregava, físicas e emocionais, aquela foi uma das melhores sensações da minha vida. Eu sabia dizer *não*. Eu tinha voz. Eu nunca mais iria permitir que Graham me tocasse. *Graham Gordon*. O homem pelo qual um dia eu me apaixonara. Um homem no qual eu confiava.

Ele era a única realidade que eu conhecia, minha única possibilidade. Durante anos, acreditei que ele era bom demais para mim. Eu acreditei que deveria me contentar com qualquer migalha que ele estivesse disposto a me servir. *Acabou*. Era hora de virar essa página, encerrar esse capítulo da minha história. Nem ele nem ninguém teria mais tanto poder sobre mim.



## CAPÍTULO 6

### THOMAS

**M**eg era péssima em seguir conselhos. Sempre foi, desde que éramos crianças. A prova mais recente que eu tive da teimosia da minha irmã foi um encontro casual com Alexia, no escritório de Meg.

— Oi, Thomas! Que surpresa te ver por aqui. — Alexia se dirigiu a mim com um sorriso de parar o trânsito. Definitivamente, ela era muito bonita.

— Às vezes Meg me obriga a vir aqui. Vim buscá-la para almoçar.

— Falando em almoço, sua irmã disse que você é um excelente cozinheiro. — Se ela fosse uma gata, eu poderia dizer que estava ronronando.

— A esta altura, você já deve saber como a Meg é exagerada, né?

— Ah, mas até o seu pai ressaltou seus dotes culinários. E acho que a última coisa que podemos dizer é que Robert é exagerado. — Alexia enrolou uma mecha do cabelo com os dedos. Era o tipo de mulher que sabia o que queria. E sabia *como* conseguir o que queria.

— É, nisso você tem razão. Nossa, fico aliviado por saber que alguma coisa que eu faço agrada ao meu pai. — Levei a mão ao peito, teatralmente.

— Eu sou péssima na cozinha, mas gostaria muito de aprender a cozinhar melhor. Qual é a sua especialidade?

— Gosto muito de massas e da culinária italiana em geral...

— Eu adoro comida italiana! — Os olhos dela se iluminaram. — Você poderia me ensinar a fazer alguma massa, o que acha?

— Ah, claro...

— Tommy, desculpe te fazer esperar, mas eu estava conversando com o diretor de operações financeiras, e ele é muuuito chato. — Meg suspirou. — Que bom que a Alexia te fez companhia.

— Thomas e eu estávamos conversando sobre habilidades culinárias.

— Tommy é excelente na cozinha! Te contei, né? Um verdadeiro *chef*!

— Não exagere, Meg. — Revirei os olhos.

— Ah, mas é verdade. Duvido que você coma alguma massa melhor do que a que o meu irmão faz!

— Por favor, Meg! — Toquei o braço da minha irmã, para que ela parasse com aquela cena ridícula.

— Nossa, assim vou ter que me convidar a ir à sua casa, Thomas. — Alexia tocou o meu braço. — O que acha de me ensinar alguns dos seus truques?

— Bom, eu... — Olhei para Meg como quem pede socorro, e ela fez um sinal com a cabeça para que eu prosseguisse. — Você quer jantar na minha casa hoje à noite?

— Claro, eu adoraria — respondeu Alexia, rapidamente.

— Bom, então te espero às sete, pode ser?

— Perfeito. Estarei lá.

Alexia saiu da sala e imediatamente me voltei para a minha irmã:

— Que cena patética, Meg! Sutileza não é o seu forte mesmo! — eu disse, irritado.

— Ah, Tommy. Vai ser tão desagradável assim jantar com uma mulher linda e inteligente?

— Não vai, Meg. Mas eu já te disse para não se meter na minha vida!

— Mas eu não fiz nada... — Ela me olhou com ar inocente.

— Você é impossível! Vamos almoçar logo, que eu tenho uma banca hoje à tarde.

Depois do almoço com Meg, precisei juntar forças e me concentrar nas bancas das quais estava participando. Eu devia seguir em frente, mas algo ainda me puxava para trás. *Lisa*. Eu não podia apagá-la assim tão facilmente da minha vida, um ano, dois meses e dez dias era pouco tempo para superar o luto. Fiquei pensando na situação em que tinha me metido. Teria sido muito rude não convidar Alexia para jantar, mas, desde que Lisa havia morrido, eu não fazia nada na cozinha além de passar café e fritar ovos.

Logo que saí da universidade, fui ao mercado. Havia tempo que não fazia compras de verdade. Tinha me tornado o melhor amigo do pessoal do delivery. Quando cheguei em casa carregado de sacolas, podia jurar que Byron me olhava com cara de surpresa.

— Pois é, amigão, vamos colocar esta cozinha pra funcionar novamente!

Para relaxar, um vinil dos The Smiths era a pedida. Depois que a voz de Morrissey começou a ecoar pelo apartamento, eu estava pronto para começar os trabalhos culinários. Com o gato a meus pés, comecei a testar temperos e combinações de sabores. O jantar com Alexia seria italiano, então decidi fazer um tiramisù de sobremesa. Estranhamente, minhas mãos estavam tremendo. Um suor gelado começou a escorrer pela nuca. Bom, era hora de apelar para um vinho. Por algum tempo, fiquei contemplando o líquido carmim na taça. Quando levei a taça aos lábios, pude jurar que senti o perfume floral de Lisa.

— Esse History Channel é uma piada! — Lisa bufou antes de pôr um pedaço de gorgonzola na boca. — Ontem vi um programa que me deu ódio! Eles disseram tantas mentiras sobre o Reino Ostrogótico! Simplesmente não conseguiram entender o papel de Teodorico como um governante independente, mesmo tendo sido

subordinado ao imperador de Constantinopla — declarou ela, irritada, antes de sorver um gole de vinho.

— Ah, Lisa, você é a maior *hater* do History Channel, com certeza — respondi, zombeteiramente, enquanto picava uma cebola.

— Qualquer historiador sério deveria desprezar o canal.

— Poxa, não vale nem dar uma olhada em *Alienígenas do Passado*?

— Engraçadinho... — Ela abriu a torneira e jogou algumas gotículas de água em mim.

— Bom, mas nós temos um assunto muito mais sério a tratar do que a falta de seriedade de um canal de TV.

— Qual assunto? — Ela arregalou os olhos, assustada.

— Meg quer saber onde vamos passar o Natal. Ela gostaria muito que ficássemos na casa dela, mas confesso que a companhia dos meus pais não é nada tentadora.

— Ah, Tom... — Ela me abraçou por trás. — Eu queria tanto que eles vissem o suéter natalino que comprei para você.

— Espero que o tema não seja renas, como no ano passado. — Eu a beijei na bochecha.

— Claro que não. Nunca repito o tema dos suéteres natalinos, você já devia saber disso.

— Tem razão. Você é um poço de criatividade no que diz respeito a suéter de natal.

— Sim, eu sou. Mas, falando sério: eu estava pensando em irmos para a Escócia e ficarmos um pouco com os meus pais. Topa?

— Acho ótimo. Assim poderei desfilhar meu figurino com muito mais tranquilidade.

— Você vai ficar ainda mais lindo. Não vou dar spoilers, mas adianto que tem alguns tons de azul, para combinar com seus olhos. Eu me superei este ano. — E ela deu aquela risada de que eu tanto gostava.

O som da campainha. *Alexia*. Quando abri a porta, fiquei impressionado. Ela estava lindíssima num casaco azul-marinho

que ia até a altura dos joelhos. Seus olhos azuis eram ainda mais vivos do que eu lembrava.

— Espero não ter chegado muito cedo. — Ela curvou sensualmente os lábios.

— Chegou na hora certa. Aceita uma taça de vinho?

— Eu nunca recuso um bom vinho. — Ela começou a desabotoar o casaco, e pude ter um vislumbre do vestido que ela usava. *Decotado. Justo. Sexy.*

Alexia jogava os longos cabelos loiros de um lado para o outro com uma frequência que quase me deixou tonto. Passamos o jantar tendo uma conversa amistosa. Ela era uma mulher linda e inteligente, divertida também. Mas eu me sentia oco. Nenhum arrepio. *Borboletas mortas no estômago.*

— Tom... eu posso te chamar de Tom? — Ela estava corada. Talvez fosse o vinho.

— Claro que pode.

— Você é muito melhor do que eu esperava. — Ela riu. — Quando Meg disse que tinha um irmão lindo e que estava bastante solitário, não dei muito crédito a ela.

— Bom saber que minha irmã anda apelando para a compaixão feminina para me arrumar companhia. — Ergui a taça em sinal de brinde.

— Ah, não seja assim. — Ela pegou o meu braço. — O que eu quero dizer é que você é muito bonito mesmo. Você deve saber disso.

— Olha, eu... — Passei as mãos pelos cabelos. — Err... *Obrigado?*

— Você é adorável, Tom. — E, sem muito aviso, ela me beijou.

Alexia tinha um perfume frutado sofisticado. Ela era linda. Beijava bem. E não despertava nenhuma emoção em mim. Uma onda gelada percorreu a minha espinha. A comida, agora, parecia pesar no meu estômago.

— Está tudo bem? Você está tremendo. — Ela me encarava com surpresa.

— Alexia... Você é ótima. — Eu me afastei, levantando repentinamente da cadeira e buscando ar. — De verdade. Mas não estou pronto para dar este passo. Me desculpe.

— Tudo bem, Tom. Eu entendo. — Ela caminhou em direção ao cabideiro para pegar o casaco.

— Eu queria estar preparado. Queria muito poder me envolver com alguém, mas não consigo.

— Eu também queria muito que você estivesse disposto a seguir em frente, mas imagino que seja difícil para você. Se quiser tomar um drinque qualquer dia desses, tem o meu telefone. — Ela lançou um olhar de piedade e me deu um beijo na bochecha. — Pode deixar que eu fecho a porta.

Me joguei no sofá e fiquei olhando para o teto, enquanto tentava inspirar e expirar. Eu estava sufocando. Depois de algum tempo, consegui voltar a respirar com tranquilidade. Minhas mãos, no entanto, ainda tremiam. Olhei para a mesa de jantar. A mesma que eu dividira com Lisa em tantas ocasiões. Byron pulou no lugar ao meu lado e ficou me fitando, com seu típico ar de julgamento.

— Ah, não, você não vai mesmo me fazer sentir pior do que eu já estou!

Ele ignorou o meu protesto, se aninhou no meu colo e começou a ronronar. *Dissimulado*. Depois de um breve cochilo no sofá, decidi que era hora de tomar um banho e ir para a cama. Quando me deitei, a foto de Lisa que eu mantinha na mesa de cabeceira parecia me observar. Ela estava radiante, vestida de noiva. *Ah, Lisa, eu nunca vou conseguir seguir em frente.*



## CAPÍTULO 7

### LAUREN

— Lauren, quer ajuda para desfazer aquelas caixas? — perguntou Chelsea. — Estou com a tarde livre.

— Está me apressando, é? — Gargalhei. — Só tem sete meses que elas estão ali, pegando poeira.

— Nããão, imagina! Só acho que você precisa se sentir em casa. Agora este também é o seu lar. — Rimos juntas. — Aliás, Kate avisou que vai trazer uma surpresa.

Era muito bom me sentir à vontade com a minha cunhada, principalmente depois de ter passado metade de um ano lidando diariamente com os meus pais. Não aguentava mais ficar em Augusta, sendo perseguida por Graham, então ir para Portland era a decisão ideal. Consegui um trabalho como atendente numa cafeteria local, enquanto colocava os pensamentos em dia e decidia quais seriam os meus próximos passos.

Quando Kate chegou com o buquê de lírios, meu estômago embrulhou. Corri para o banheiro. Lá de dentro, ouvi a conversa dela com Chelsea:

— Ela estava bem até agora.



— Soube que o divórcio saiu hoje — explicou Kate. — Por isso as flores. Sempre foram as favoritas dela.

— Enfim ela se livrou daquele patife — comemorou Chelsea. — Imagina, pagar multa pelo que ele fez com a Lauren e ficar por isso...

O som ficou abafado, o banheiro começou a escurecer.

A casa estava forrada de lírios. “Encomendei tudo como você sempre sonhou”, minha mãe me dissera minutos antes. Antes que os convidados chegassem, percorri o quintal, a sala, e subi até o cômodo que agora seria o quarto que eu dividiria com o meu futuro marido. Na nossa casa. Uma casa em que eu teria o direito de escolher o que realmente quisesse. Sentei-me na beirada da cama e fiquei analisando a minha imagem no espelho da penteadeira diante de mim.

O celular de Graham começou a vibrar em cima da penteadeira. Peguei-o para levar até ele. Assim que olhei o visor, vi o nome *Sarah D.* piscando. Imediatamente, deduzi que era Sarah Donovan. E uma onda de incredulidade me invadiu. Não aguentei e desbloqueei o celular. Havia quatro mensagens dela. E, sim, eram mesmo da líder de torcida dos nossos tempos de escola.

Comecei a vasculhar o celular furiosamente. Havia um longo histórico de troca de mensagens entre os dois. O conteúdo era erótico, para dizer o mínimo. Numa das mensagens, Graham dizia que adorava o sexo com ela, que comigo ele tinha um compromisso sério, mas que nós não tínhamos química na cama.

— Oi, minha doçura. O que está fazendo aqui? Os convidados estão perguntando por você. — Graham entrou no quarto.

— Graham, qual é a natureza do seu relacionamento com Sarah Donovan? — Pela primeira vez eu me dirigia a ele com raiva.

— Relacionamento com Sarah Donovan? — perguntou ele, como se fosse a coisa mais absurda que já tinha ouvido. — Espera aí, o que você está fazendo com o meu telefone? — Ele tentou pegar o celular e eu recuei.

— Graham, não me faça de idiota! — gritei, já chorando.

E, sem que eu pudesse sequer esperar, levei uma bofetada no rosto. Deixei o celular dele cair no chão. Meu rosto ardia. O mesmo espelho agora refletia a marca enorme da mão dele cobrindo o lado esquerdo do meu rosto. Olhei para ele, incrédula. Saí do quarto meio cambaleante. Ouvi Graham me chamando, mas eu estava assustada.

Quase chegando à sala, me apoiando nas paredes, vi Kate. Ao ver a cara de interrogação da minha irmã, comecei a chorar. Ela, que me conhecia como ninguém, sabia que havia algo de muito errado.

— Meu Deus, Lala, o que aconteceu? — Ela me abraçou.

Eu me agarrei a ela e não conseguia falar. Queria contar, mas nenhuma palavra saía. Ouvi os passos pesados de Graham. Kate o confrontou, furiosa.

— O que você fez com a minha irmã, seu merda? — gritou ela.

— Por favor, Kate, guarde seus modos de caminhoneira para as outras pervertidas que gostam disso como você — disse Graham, debochadamente. — Eu e minha esposa precisamos ficar a sós.

Kate e Graham gritaram tanto que meus pais entraram esbaforidos na sala, assustados com os berros dos dois.

— Lala, o que aconteceu, meu bem? — minha mãe pegou o meu braço.

— Nós tivemos um pequeno mal-entendido, mas já vamos nos resolver, não é, doçura? — Graham me olhava como se não tivesse me dado um tapa na cara alguns minutos antes.

Fiz um sinal com a cabeça, pedindo que Kate saísse com o meu pai. Eu iria explicar a situação para a minha mãe e retornaria com eles para casa. Eu não poderia continuar ali com Graham depois do que ele tinha feito.

— Mãe, Graham me traiu e depois me deu um tapa na cara. — Eu soluçava.

— Espera aí, não foi bem assim. Eu não te traí, Lauren. Nós ainda não estávamos casados, e não é como você pensa...

— Nós estávamos noivos, Graham. Antes do casamento não configura traição para você? E se eu tivesse saído com outros caras? — Bufei.

— É diferente, Lauren, eu sou homem. Tenho necessidades que você não tem — disse ele, no tom mais natural possível. — Lauren, nós vamos nos casar agora. Tudo é diferente. Teremos um compromisso muito sério daqui por diante, você será a mãe dos meus filhos...

— E você vai negar que me deu um tapa na cara? — Chorei ainda mais quando terminei a frase.

— Minha doçura, eu perdi a cabeça. Me desculpe. Isso jamais vai acontecer de novo.

— Mãe, ele me agrediu no dia do nosso casamento. Eu quero ir pra casa — pedi em tom suplicante.

— Minha querida, não seja tão dramática. Aqui é a sua casa. E vocês tiveram um desentendimento, isso vai passar.

— Desentendimento? Ele me deu um tapa na cara!

— Lala, seja racional: seu marido em breve vai partir para o Afeganistão. Ele vai arriscar a vida por nosso país. Dê um desconto ao pobre homem. — Minha mãe dava tapinhas em meu ombro, como se fosse algum tipo de consolo.

Ouvi batidinhas na porta.

— Lala, fala comigo! — A voz de Kate estava tensa. — Tenho uma boa notícia para você. A Jess vem a Portland na semana que vem. Parece que vai rolar uma feira do livro ou algo assim... Ela vem a negócios e quer nos encontrar!

Minha prima, Jessica, morava em Londres havia alguns anos. Ela era dona de uma livraria maravilhosa lá. Fazia tempo que não nos víamos, mas frequentemente trocávamos mensagens e ela me contava um pouco sobre os negócios, já que sabia que eu era apaixonada por livros. Poder revê-la me deixou animada. Eu queria conversar sobre as coisas que *eu* amava, e com Jess eu poderia falar sem reservas sobre a minha maior paixão: literatura.



## CAPÍTULO 8

### THOMAS

Como de costume, chovia em Londres. E eu havia esquecido o meu guarda-chuva. *Ótimo!* Saí correndo do metrô e a única solução em que consegui pensar foi buscar abrigo na The Book Company. Eu tinha voltado a frequentar a minha livraria favorita havia algumas semanas. Nem sabia que sentia tanta falta daquele lugar.

Em algumas ocasiões, eu queria apenas conferir os lançamentos. Em outras, ia tomar café ou conversar com Jess, a dona da loja. Ela, uma norte-americana extremamente simpática, vivia ligada em todos os best-sellers e tinha um faro extraordinário para detectar sucessos antes mesmo que estourassem. Foi assim com *Crepúsculo* e *Harry Potter*.

Como estava quase rangendo os dentes de frio, decidi ir até o café, que ficava nos fundos da loja, e pedi a Will, o barista, meu costumeiro espresso.

— Parece que alguém saiu desprevenido hoje. Está parecendo um cachorro molhado — debochou ele. — Quer uma toalha, Tom?

— Obrigado pela gentileza habitual, Will. — Ri. — Aceito a toalha.

Ele foi buscar a toalha e eu me virei em direção à entrada da loja. Uma mulher estava arrumando alguns livros na vitrine. Ela devia ter uns vinte e poucos anos e parecia extremamente concentrada na tarefa. Apoiei os cotovelos no balcão e fiquei observando a desconhecida.

— Quem é ela? — perguntei quando Will voltou com a toalha.

— Ah, é a Lauren, prima de Jess. Ela começou a trabalhar aqui ontem.

Sorvi um gole do espresso e continuei observando-a atentamente. Quando ela se virou em direção ao carrinho cheio de livros ao lado e pegou mais uma pilha para arrumar a vitrine, pude ver, de relance, seu rosto. Da distância em que eu estava, não conseguia ver todos os detalhes, mas ela parecia bonita.

Entreguei a toalha a Will e terminei o café. Antes que eu pudesse pensar em qualquer coisa, meus pés já estavam se movendo na direção daquela mulher.

— Olá, você é nova por aqui? — *Nossa, que coisa genial a se dizer! Brilhante, Thomas, parabéns!*

Então ela se virou para mim. E ficou me estudando com o cenho franzido. *Droga, esqueci que estou todo molhado. Devo estar parecendo um lunático.* Ela continuava me olhando. E agora eu podia ver o rosto dela em detalhes.

*Uma sombra a mais, um raio a menos  
Teria parcialmente danificado a indescritível beleza  
Que ondula em cada negra trança de seu cabelo  
E ternamente brilha em seu rosto*

Lord Byron ecoou nos meus ouvidos. Senti uma descarga elétrica me percorrer diante da mulher de enormes e brilhantes olhos cor de chocolate. Eu não tinha a mínima ideia do que poderia dizer para aquela figura cuja boca rosada e carnuda contrastava com a pele muito clara. Acordando do transe, estendi a mão para ela.

— Sou Thomas Keith, prazer em conhecê-la.

— Lauren Taylor, prazer em conhecê-lo, *professor Keith!* — Ela estendeu a mão para mim.

*Pelo jeito, Jess falou sobre mim...*

— Ah, não, sem essa de *professor Keith*. — Sorri. — Me chame de Thomas. Aqui eu sou apenas um amante da literatura.

— Jess me contou que você é professor no King's College — disse ela, quase num sussurro.

— Sim, eu sou.

— Você precisa de uma toalha? Está bastante molhado... — Ela apontou para mim.

*Sim, eu realmente devo estar parecendo um lunático.*

— Ah, não. Obrigado. Will já me emprestou uma. Acredite, quando eu entrei aqui, estava muito pior do que isto.

E, de repente, aquele silêncio constrangedor se instalou entre nós. O que mais eu poderia dizer? Então ela nos salvou:

— Eu também estudei literatura, só que nos Estados Unidos.

Ela ficou me observando. Acho que nunca conheci uma pessoa que olhasse tão intensamente para os outros como ela. Parecia que estava tentando me decifrar.

— Qual é o seu campo de estudos? — perguntou, demonstrando interesse.

— Literatura inglesa do século XIX.

O sorriso de Lauren se abriu. Daquele tipo aberto e sincero que quase não vemos por aí. Pelo menos não em Londres. Senti um certo alívio ao ver a expressão dela.

— Foi precisamente essa área que me fez decidir cursar literatura na faculdade.

Eu a olhei com uma expressão de curiosidade, que ela pareceu logo entender.

— Sempre fui apaixonada por literatura britânica. Especialmente do século XIX. Jane Austen, as irmãs Brontë, Mary Shelley, Lewis Carroll, Keats, Dickens... Todos esses autores me influenciaram profundamente no meu amor pelos livros. — Ela deu um suspiro digno de uma personagem de época.

— Bom, nesse caso, acho que teremos muito o que conversar. — Fiz uma pausa. — Se você tiver interesse, é claro.

— Eu *sempre* tenho interesse em conversar sobre literatura. — De novo, ela deu aquele sorriso aberto e sincero.

Nos despedimos e voltei à cafeteria. No passado, eu cultivava o hábito de ir lá para estudar, preparar aulas ou escrever meus livros. Desde a morte de Lisa, no entanto, não conseguia mais ter a rotina de antes, frequentando os locais de que gostava.

Porém, no último mês, eu havia decidido que precisava retomar alguns hábitos. E frequentar a The Book Company era um deles. Cada pedaço do apartamento em que eu morava me lembrava de Lisa. Seguir em frente significava cortar os últimos laços que eu tinha com ela. E eu ainda não queria deixá-la para trás.

Talvez por isso não estivesse conseguindo me conectar a nenhuma outra mulher ainda. Eu achava que não era capaz de sentir mais nada. Nem dor pela morte de Lisa. Era apenas um vazio. Parecia que eu nunca mais seria capaz de ter nenhuma emoção, mas nesse dia a estranha na livraria, *Lauren*, chamou minha atenção. Algo nela despertou a minha curiosidade de cara. E então ela disse que tinha ido para a faculdade estudar literatura inglesa do século XIX! *Uma grande coincidência?* Talvez. Minha única certeza era que eu queria saber mais sobre ela. Lauren Taylor me fazia sentir algo. E isso era muito bom.



## CAPÍTULO 9

### LAUREN

*Meu Deus. Do Céu! Aquele é o Thomas Keith!* Na noite anterior, Jess havia me falado sobre um de seus melhores clientes: um professor do King's College. Ela dissera que era um homem extremamente gentil, a típica figura do lorde inglês. Apesar disso, logo imaginei um cara pedante. Professores universitários, especialmente ingleses e de instituições renomadas como o King's College, tendem a ser criaturas arrogantes. Acham que sabem de tudo e se sentem superiores ao restante dos reles mortais.

Aparentemente, Jess havia esquecido de mencionar dois pequenos detalhes: que ele era jovem e bonito. *Muito bonito*. Ele estava com as roupas ensopadas e o cabelo meio bagunçado, mas ainda assim era uma figura bastante interessante. Definitivamente, não era um senhor sessentão, barrigudo e careca. Havia uma semana que eu estava morando em Londres, e essa era a minha primeira grande surpresa na cidade, sem dúvida.

A livraria tinha recebido no dia anterior lançamentos que precisavam ficar em lugar de destaque. Essa seria a minha



primeira grande missão na The Book Company: arrumar a vitrine. Eu estava tão entretida que não percebi quando ele se aproximou de mim, por trás. Quando me virei em direção à voz que falava comigo, quase derrubei todos os livros que estavam no carrinho.

— Sou Thomas Keith, prazer em conhecê-la. — Fiquei esperando que ele estendesse a mão para mim.

— Lauren Taylor, prazer em conhecê-lo, professor Keith! — Estendi a mão para ele.

— Ah, não, sem essa de *professor Keith*. — *Meu Deus, que sorriso*. — Me chame de Thomas. Aqui eu sou apenas um amante da literatura. — Eu estava com alguma dificuldade em me concentrar no que ele dizia. Aquele sotaque maravilhoso. Aqueles olhos azuis... Havia uma pitada de tristeza neles. *Seria minha imaginação?*

— Jess me contou que você é professor no King's College.

— Sim, eu sou. — *Nossa, outro sorriso. Talvez ele só esteja sendo simpático.*

— Você precisa de uma toalha? Está bastante molhado...

— Ah, não. Obrigado. Will já me emprestou uma. Acredite, quando eu entrei aqui, estava muito pior do que isto.

Era difícil acreditar que aquele cara poderia ficar feio de alguma maneira. *Muito difícil. Que homem charmoso!* E ele era especialista justamente naquilo que eu mais amava. *Era um delírio*. Eu estava quase pedindo para ele declamar algum trecho de um poema de Keats com aquele sotaque incrível. Não devia ser nada ruim vê-lo recitando "Bright Star". *Interessante*. Aquele homem vivia das palavras. Como ele mesmo disse, era um amante da literatura. Graham odiava livros. Dizia que ler era perda de tempo. E tentava me enfiar o gosto pelo futebol americano goela abaixo.

— *Doçura*, você não pode preferir ficar em casa lendo essas porcarias chatas... — Ele me encarava com raiva.

— Mas, Graham, eu não entendo nada de futebol americano.

— Você não precisa entender, não vai jogar. A sua função é estar lá, me apoiando. Você é a namorada do *quarterback* do time. — Ele jogou em mim uma camiseta que tinha o nome Gordon e o número dezesseis estampados. — Te busco às cinco.

Ele saiu do quarto sem nem ao menos se despedir. Peguei a camisa e a fiquei examinando. Eu detestava futebol americano, mas era melhor não contrariá-lo. Eu não tinha percebido que minha mãe estava parada à porta do quarto.

— Lala, o que houve? Graham saiu daqui igual a um furacão.

— Ele ficou chateado porque eu não queria ir ao jogo dele hoje.

— Minha filha, você deve dar atenção ao seu namorado. Você tem muita sorte por um rapaz *como ele* se interessar por uma garota *como você*. Marque presença e tome conta do que é seu. Ele vive cercado de garotas bonitas, e ele escolheu você, podendo ter qualquer uma. Você precisa se esforçar muito mais do que as meninas que são bonitas, como Kate. Não se esqueça disso. — Ela me observava, e era difícil desviar os olhos.

Thomas também estava parado, me olhando, mas de um jeito muito mais afetuoso que minha mãe. Acho que ele esperava uma resposta.

— Eu também estudei literatura, só que nos Estados Unidos. — Era impossível não olhar para ele. Eu queria decifrar o que ele estava pensando. — Qual é o seu campo de estudos? — perguntei, tentando usar um tom *blasé*.

— Literatura inglesa do século XIX.

*Não acreditei!*

— Foi precisamente essa área que me fez decidir cursar literatura na faculdade. Sempre fui apaixonada por literatura britânica. Especialmente do século XIX. Jane Austen, as irmãs Brontë, Mary Shelley, Lewis Carroll, Keats, Dickens... Todos esses autores me influenciaram profundamente no meu amor pelos livros.

— Bom, nesse caso, acho que teremos muito o que conversar. Se você tiver interesse, é claro.

— Eu *sempre* tenho interesse em conversar sobre literatura. — Sorri, sem graça.

Gentilmente, ele se despediu de mim. Talvez eu estivesse sendo extremamente fútil, porque o cara tinha acabado de me falar que era professor do King's College e especialista em literatura inglesa do século XIX, mas tudo o que eu conseguia pensar era em como ele era atraente. Um tipo de homem diferente. Não chegava impondo a sua masculinidade, como um macho alfa competitivo... como Graham, por exemplo. Ele era suave. Falava baixo. Transparecia calma. Eu não me senti intimidada por ele, e considerava isso um bom sinal.

Sempre que dava, eu olhava de soslaio para a cafeteria. Eu estava arrumando os livros na vitrine, mas não conseguia não olhar para ele. Realmente, Jess tinha razão quando disse que ele era um típico lorde inglês. Postura elegante, mas não parecia fazer nenhum esforço para isso. Naturalmente sofisticado. Ele estava sentado, bastante concentrado em frente ao seu notebook, e vez por outra tomava um gole de café. A testa franzida era um charme que somava às covinhas. Era uma visão fascinante. Logo pensei em mais uma anotação para a minha caderneta do autoconhecimento:

*Alguns ingleses são extremamente charmosos, mesmo molhados.*

No último ano, eu tinha adquirido um novo hábito: comprei uma caderneta e escrevi *Notas do Autoconhecimento* na primeira página. Eu anotava, em tópicos, o que me viesse à cabeça. Nesse um ano de anotações, eu já tinha uma bela coleção de tópicos. Entre eles estavam:

Sei xingar as pessoas (chamei Graham de filho da puta),  
Sei dizer não;  
Odeio sopa de ervilha;  
Sou mais inteligente do que pareço;  
Odeio fazer atividades físicas,  
Odeio futebol americano;  
Gosto de chá de capim-limão,  
Consigo confrontar as pessoas,  
Posso mostrar fraqueza às vezes e está tudo bem,  
Sou mais forte do que imaginava;  
Gosto de tirar fotos de lugares aleatórios  
e postar no Instagram

Enfim, eu devia parar de prestar atenção no cliente e me concentrar na vitrine. Mas talvez eu pudesse olhar só mais um pouquinho para ele... *Ai, Deus*. Quando eu estava determinada a não olhar mais em sua direção, ele passou por mim. Me deu um breve aceno.

Com o olhar, eu o acompanhei caminhando pela rua, até que ele desapareceu do meu campo de visão. Eu queria ter tirado uma foto dele naquele exato momento. Ele tinha um andar confiante, mas não era presunçoso. Parecia estar interessado no que eu tinha a dizer. Mas ele devia ser assim com todo mundo. Por que daria atenção especial a uma atendente de livraria? Ele devia conhecer tantas pessoas incríveis e inteligentes! Tinha sido apenas educado, só isso. *Mas era bom pensar que ele tinha dado aquele sorriso especialmente para mim...*



## CAPÍTULO 10

### THOMAS

**E**u estava exausto. Tinha passado praticamente o dia todo na universidade. Em geral, num dia como aqueles, eu iria direto para casa, para tomar uma ducha e ler algo ou ver um filme antes de pegar no sono. Mas a verdade é que, pela primeira vez em muito tempo, eu não estava com vontade de ir para casa e ficar sozinho. Àquela hora, a The Book Company já devia estar fechada. De qualquer maneira, não me custava passar em frente à loja para verificar, era no caminho de casa mesmo.

Do outro lado da calçada, vi que as luzes ainda estavam acesas, mas a livraria parecia vazia. Decidi tentar a sorte. *Ainda estava aberta!* Ao passar pela porta de vidro, emoldurada por uma madeira clara, me deparei com um cenário quase fantasmagórico. Não havia mesmo ninguém. Nem mesmo Jess ou Will estavam por lá. Resolvi caminhar mais um pouco, e, no balcão onde ficava o caixa, havia a outra única criatura viva naquele ambiente além de mim: *Lauren*.

Ela estava com os pés sobre o balcão, recostada de maneira relaxada numa grande cadeira giratória preta. Seu rosto estava escondido atrás do livro que ela lia: *A senhora de Wildfell Hall*, de

Anne Brontë. *Escolha interessante*. Ela estava tão imersa na leitura que não notou quando me aproximei. Tive a impressão de que eu poderia ser um ladrão, ou que a livraria poderia estar pegando fogo, que ela não notaria.

— Sempre acreditei que Anne Brontë foi bastante subestimada em relação a suas irmãs. Uma pena. Especialmente porque Helen Graham é uma personagem fascinante, sobretudo para os padrões vitorianos do século XIX.

Ela praticamente jogou o livro para o alto e deu um pulo da cadeira.

— Meu Deus! Você quase me matou do coração. — Ela estava ofegante.

— Desculpe! — Abri os braços em sinal de rendição. — Mas você sabia que é extremamente perigoso ficar assim tão distraída a esta hora com a loja aberta?

— Que horas são? — perguntou ela, assustada.

— Mais de dez.

— Droga! Fiquei tão entretida na leitura que acho que não lembrei onde estava. — explicou, sem jeito.

— Acho que esse é o poder dos grandes clássicos. — Era impossível não sorrir diante dela.

— Sabe, acho que você tem razão... — Ela me olhou.

— Em relação aos perigos de ficar distraída com a loja aberta?

— Não, sobre Anne Brontë! Também acho que ela não foi tão valorizada quanto deveria. Este livro é sensacional! — Ela levantou o exemplar com grande empolgação. — Helen Graham é uma personagem genial, uma mulher empoderada, tão à frente de seu tempo! É uma pena que a própria irmã de Anne, Charlotte, tenha chamado este livro de *um grande erro*. Esta obra é tão importante para mim! — disse ela numa defesa ardorosa.

— Você é sempre tão apaixonada assim pelos livros que lê?

— Só pelos que valem a pena. — Ela corou.

— Eu realmente acho que *A senhora de Wildfell Hall* merece essa defesa inflamada. Gostaria que meus alunos fossem tão entusiasmados quanto você.

— Por favor, não vá me dizer que entre seus alunos não há ninguém apaixonado por literatura!? — Ela franziu a testa.

— Sim, eles são. Mas não vejo em nenhum deles o brilho nos olhos que você demonstrou agora. Posso dizer que é fascinante.

Novamente, as bochechas dela coraram. Ela baixou a cabeça e direcionou seu olhar ao livro, agora apoiado sobre o balcão. Logo eu me senti um idiota. Não queria que ela pensasse que havia sido uma cantada barata.

— Desculpe, Thomas, fiquei tão entretida no livro e nos meus pensamentos que sequer perguntei se você precisava de algo. — Lauren adotou um tom protocolar.

— Na verdade, eu estava indo para casa e vi as luzes acesas... Aí decidi entrar e ver se a livraria ainda estava aberta...

— Ah, sim... Bom, não estamos mais abertos. — Ela curvou suavemente os cantos dos lábios. — Foi culpa minha. Serei mais cuidadosa daqui para a frente.

— Lauren, posso te fazer uma pergunta?

Ela assentiu com a cabeça.

— Você disse que esse livro é importante para você. Por quê?

Ela abriu e fechou a boca, mas não disse nada. Ficou me estudando por algum tempo em silêncio.

— Não sei. Acho que me identifico com Helen em alguma medida. — Ela deu de ombros. — Bom, agora realmente preciso fechar a livraria.

— Ah, sim, claro. Desculpe por atrapalhar.

— Não, você não atrapalha. — Ela então deu um sorriso tímido.

E, só por aqueles poucos dias em que a conhecia, eu já havia percebido diferentes tipos de sorriso nessa mulher: um aberto e sem preocupações, que ocorria geralmente quando ela estava falando de um livro, campo no qual ela sempre estava à vontade; um discreto quando ela estava fechada, queria distância, mas continuava sendo educada; e um tímido, que era quando ela estava envergonhada por algum motivo e baixava os olhos para não me encarar mais. Sem conseguir me conter, ofereci:

— Posso te acompanhar até a sua casa.

— Ah, não precisa. — Ela colocou uma mecha de cabelo, solta do rabo de cavalo, atrás da orelha. — Eu moro a duas quadras daqui.

— Está tarde. Eu me sentiria melhor se a acompanhasse. —  
Fiquei na expectativa do que ela ia dizer.

— Tudo bem. Vou apagar as luzes e pegar o meu casaco.

Enquanto ela foi até os fundos da loja, caminhei devagar até a porta. *O que é que estava acontecendo comigo?*

— Pronto, tudo certo! Podemos ir! — Ela deu um sorriso aberto.  
*Estava à vontade.*

Abri a porta para que ela passasse. Enquanto ela trancava a loja, senti seu perfume: era delicioso. Extremamente feminino e discreto. Aquele tipo de aroma que você só sente se estiver muito próximo. Um cheiro que continha algumas notas de baunilha. Aquele aroma, de alguma forma, me lembrou das sobremesas que eu gostava de preparar. Especialmente creme inglês, uma receita básica da confeitaria. Umas das primeiras que Lisa havia me ensinado.

— Thomas, podemos ir? — Lauren me observava com curiosidade.

— Ah, sim, claro. Eu me distraí, desculpe.

Fomos caminhando na direção que ela indicou.

— Você parece cansado — Ela me olhou.

— E estou. Hoje foi um dia típico no King's College, o que significa muito trabalho.

— E como é um dia típico no King's College?

— Um dia com aulas, bancas, reuniões, orientações... —  
Suspirei.

— Parece divertido.

— E é. Eu gosto muito do que faço. Pode não ser grande coisa para muita gente, mas a vida acadêmica é o que eu sempre quis.

Ela riu. E, de acordo com a minha catalogação de sorrisos de Lauren Taylor, esse era mais um da categoria *abertos*. Será que ela tinha alguma ideia do quanto ficava linda daquele jeito? Era uma visão maravilhosa. Eu poderia ficar olhando-a a noite toda. Lauren apontou para um edifício vermelho e disse que havíamos chegado. Ela agora estava com um sorriso diferente. Esse eu ainda não tinha catalogado.

— O que foi? Por que está me olhando desse jeito? —  
perguntei, interessado.



— Nada, é só que... — Ela parecia procurar as palavras. — É muito engraçado estar trabalhando numa livraria em Notting Hill... É tão...

— *Clichê?* — complementei.

— Sim. E não me leve a mal, mas aí você aparece, e é um professor de literatura, e tem esse sotaque inglês...

— Sim, eu sou inglês — brinquei.

— Eu sei! Mas é como se eu estivesse num filme. — Ela gargalhou. E foi um dos melhores sons que ouvi naquele dia.

— Está sentindo falta do Hugh Grant? — provoquei.

— Nem um pouco. — O sorriso ficou diferente. Esse eu iria catalogar como sedutor. *Será que ela estava flertando comigo?*

— Fico feliz em saber. — Sem conseguir me conter, beijei a sua mão. — Boa noite, Lauren.

Por alguns segundos ela ficou me olhando sem dizer nada. Fiquei um pouco inseguro. *Será que tinha ido longe demais?* A tensão que o silêncio dela provocava em mim só crescia. Então, após o que pareceu uma eternidade, ela deu mais um dos seus sorrisos para mim. *Nota mental: catalogar este como o de felicidade.*

— Boa noite, Thomas! — Ela acenou, ainda sorrindo, e entrou no simpático prédio vermelho.

Fiquei parado ali por alguns instantes. E então, depois de muito tempo, eu senti. *Alguma coisa. Muita coisa. Várias coisas.* Meu coração ficou mais acelerado do que eu estava acostumado. Sabia que ainda havia muito a descobrir sobre ela, e isso me deixava entusiasmado. Lauren era um quebra-cabeça encantador, e eu estava disposto a juntar todas as peças. Aquela definitivamente era uma das melhores noites que eu tinha em muito tempo.



## CAPÍTULO II

### LAUREN

Subi para o meu apartamento tentando entender o que estava acontecendo comigo. Eu me sentia leve. Parecia que flutuar. Joguei-me no sofá enquanto tentava ordenar os pensamentos. Observei a minha mão, no lugar em que Thomas havia beijado. Quando ele aproximou os seus lábios de mim, senti todo o meu corpo queimar. Um rastro de calor que não se restringiu apenas à mão. *Será que ele tinha alguma noção do quanto mexia comigo?*

Eu queria saber mais sobre ele, mas, por algum motivo, ele me deixava sem palavras. Eu queria saber exatamente as coisas certas a dizer. O fato de que ele era especialista em literatura inglesa me intimidava. Eu ficava pensando se iria dizer algo inteligente o suficiente para que ele me desse algum crédito. Ele ter olhos azuis espetaculares, ombros largos e quase um metro e noventa também não ajudava. Ele era inteligente, gentil e bonito. Uma combinação letal. E, de brinde, ainda vinha com sotaque inglês. *Não era justo.*

Thomas era um homem diferente de todos os que eu já conhecera. Mesmo entre os meus colegas de faculdade, todos tinham algum nível de masculinidade tóxica, precisavam andar

como neandertais em busca da presa, tinham que mostrar que estavam em busca de sexo 24 horas por dia, faziam piadas machistas. Enfim, eram babacas, embora na época eu fosse inocente demais para julgar isso. Com Thomas, nenhum desses padrões fazia sentido. Ele exalava masculinidade, mas de um jeito diferente. Era calmo, seguro, falava baixo, não tinha necessidade nenhuma de mostrar qualquer tipo de dominância. Ele simplesmente era confiante. E isso era a coisa mais sedutora que eu já havia visto.

Fui até o quarto e anotei na caderneta mais alguns tópicos das minhas notas do autoconhecimento:

Um homem pode olhar nos meus olhos,  
sem se desviar deles, e fazer eu me sentir nua;  
Ouvir um homem bonito falando com sotaque inglês tem  
um efeito poderoso sobre mim;  
Gosto de tirar fotos de pessoas aleatórias na rua, apenas  
porque as acho interessantes;  
Talvez eu saiba flertar.

Fechei a caderneta e pensei que várias das notas de hoje envolviam, de um jeito ou de outro, Thomas. Não podia ignorar que ele estava fazendo parte da minha jornada de autoconhecimento.

No dia seguinte, cheguei bem cedo à livraria. Will já preparava seus apetrechos no café. Fui até os fundos da loja e Jess também já estava por lá, controlando o estoque, com as bochechas vermelhas de tanto carregar caixas pesadas. Separando os livros com ela, eu tentava pensar em como abordar o assunto. Decidi ser direta, porém soando com a maior tranquilidade possível.

— Jess, há quanto tempo você conhece o Thomas Keith?

— Há bastante tempo. Deve ter uns cinco anos que ele frequenta a livraria. Por que o interesse? — Ela deu uma risadinha afetada.

— Por nenhum motivo em especial. Só curiosidade. — Tentei disfarçar e continuei olhando para a pilha de livros à minha

frente.

— Ele é livre e desimpedido, se é isso o que você quer saber — retrucou Jess num tom debochado. Antes que eu pudesse dar qualquer resposta, ela disparou: — Ele é viúvo. A esposa morreu há uns dois anos. E eu vi como você olha para ele, não adianta tentar me tapear. — Ela deu uma gargalhada. — Mas eu não a culpo. Ele é muito lindo mesmo, além de gente boa.

Eu apenas sorri para Jess. Não consegui dizer muito mais. Eu sequer estava pensando em ter um outro relacionamento. Thomas estava logo ali, mas não era algo que eu estivesse planejando.

— Lala, entendo que você ainda esteja fragilizada. É totalmente natural, considerando o tanto de tempo que ficou com aquele traste do seu ex-marido. — Ela tocou o meu braço com delicadeza. — Mas você precisa se abrir para outras possibilidades.

— Sim, você tem razão. Eu quero saber mais sobre Thomas. — Suspirei. — Mas por algum motivo fico intimidada pela presença dele.

— Vá devagar. Não se force. Você também despertou o interesse dele. Só não se feche, deixe rolar. — Ela deu tapinhas no meu ombro.

Eu assenti, concordando.

— E o que está achando do apartamento?

— Ah, é excelente. Se não fosse por você ter conseguido um precinho de aluguel tão camarada, eu nem sei o que seria de mim. Que cidade cara!

— E cinza. Bem-vinda a Londres! — Gargalhamos juntas.

— Mas, sabe, a terra da rainha tem sido legal comigo...

— Claro que tem. Imagino que você esteja achando Londres *muito* interessante mesmo. Especialmente os londrinos. — O tom de Jess insinuava travessura.

Como não revirar os olhos aos comentários da minha prima?

Durante todo o dia, fiz diversas tarefas na livraria. Cataloguei as novas aquisições, arrumei prateleiras, conversei com alguns clientes e até mesmo fiz minhas primeiras vendas. Também comecei a pôr em prática com Jess o Instagram da loja. Minha

prima não era muito boa com redes sociais, então prometi que ficaria responsável pelas postagens. Minha ideia era publicar frases de grandes obras da literatura, explicando um pouco do contexto do livro e chamando os leitores para nos conhecerem ou acessarem a nossa loja virtual. A ideia me deixava muito animada. Eu estava bastante absorta, tentando achar uma citação de impacto para ativarmos o nosso perfil, quando ouvi:

— Quanta concentração! — Thomas se aproximou do balcão onde eu estava de cabeça baixa.

Sorri em resposta. Não ia mais me fechar. *Coragem!*, falei para mim mesma.

— Estou pensando em alguma frase de impacto. — Olhei bem dentro dos olhos de Thomas. *E meu Deus!* Não sei se foi um erro, mas eu quase me perdi naquela imensidão azul.

— Você vai se tatuar? — Ele tinha um ar zombeteiro.

— Não. — Eu ri. — Estamos abrindo uma conta no Instagram para a livraria.

— Hum, vejo que alguém trouxe ondas de modernidade para estes lados. — Ele apoiou os cotovelos no balcão e segurou a própria cabeça, para ficar me olhando fixamente.

Por alguns segundos, pensei em desviar o olhar. Mas ele parecia estar me enxergando, e aquela era uma sensação diferente de tudo que eu já havia experimentado. E, então, vitória: sustentei o olhar! Até porque não era nada difícil ficar olhando para aquele homem.

— Estou tentando. Você tem alguma sugestão de frase ou trecho de livro?

— Talvez eu tenha. — Ele deu um sorriso devastador. — Mas pode ser algo não tão festivo.

— Por favor, compartilhe seus pensamentos — incentivei.

— *O coração é um céu dentro dos céus, mas muda como o céu, da noite ao dia. Às vezes com seus raios e escarcéus de terror e de trevas se anuvia. Mas quando se descarna expia os seus males com gotas de água. Olho expia. A dor com sangue transformado em pranto. Que os ingleses agora vertem tanto* — ele recitou em tom solene.

Além de ter achado o poema lindo, a dicção perfeita e o sotaque de Thomas tornaram aquela cena muito encantadora. Senti os pelos dos braços se arrepiarem. Thomas era um homem tão suave e elegante, mas para mim ele tinha o efeito de um furacão, derrubando todas as minhas resistências. Eu não conseguia dizer nada, maravilhada.

— Não gostou? É *Don Juan*, de Lord Byron — sussurrou ele, parecendo constrangido.

— O quê? Você está brincando? Eu amei! — soei mais entusiasmada do que pretendia. — Não conhecia o poema. Não estou tão familiarizada com a obra de Lord Byron, eu confesso. Como é a frase sobre o coração ser como um céu?

— *O coração é um céu dentro dos céus, mas muda como o céu, da noite ao dia.* — Ele parecia um herói romântico recitando a frase. — O seu coração é como um céu, Lauren? Inconstante?

— Depende — respondi num tom de voz calmo, ainda o encarando. — Naquilo que realmente importa, meu coração é constante, sólido como uma rocha. Não sou volátil nos meus sentimentos.

— Nem eu. — Ele sustentou o olhar.

*Nós estávamos flertando?* Senti as bochechas começarem a esquentar. Minha garganta ficou seca. Voltei os olhos para o celular, que eu havia abandonado sobre o balcão.

— No entanto, apesar de não termos corações voláteis, gostei da frase. E poucas coisas são mais inglesas do que Lord Byron. Então acho que é um bom começo para o nosso Instagram.

— Nossos corações combinam. Não são voláteis. — Ele piscou para mim. — Isso foi meio brega, né? — E soltou uma gargalhada.

E, enfim, conheci o som da gargalhada de Thomas Keith. E era maravilhoso. Inebriante. Definitivamente eu queria ouvir aquele homem gargalhar mais. Queria que ele dissesse mais frases bregas. Queria que ele dissesse qualquer coisa, só para ouvir aquela voz e aquele sotaque de novo. *Que calor!*

— Vejo que estão trabalhando em equipe para tirar The Book Company da época das cavernas. — Sorrindo, Jess se aproximou de nós.

— Ah, o trabalho é todo da Lauren... Só ajudei com uma citação de Byron.

— Ansioso pela premiação, Tom? — Jess pegou o celular da minha mão, para avaliar minha primeira tentativa de post.

Thomas ficou em silêncio, olhando para a minha prima e para mim. Então arregalou os olhos e colocou as mãos nos bolsos.

— Ah... É apenas um evento acadêmico. — Ele olhou para o chão.

— É o maior reconhecimento aos professores do Departamento de Artes e Humanidades! — Jess deu um tapinha no braço dele.

— Você deveria estar dando pulos de alegria!

— É... Obrigado, Jess. — Seu sorriso mostrava que ele estava sem graça.

— E, a propósito, eu estava conversando com a Lidia, e ela vai levar o marido. Você já tem acompanhante? — perguntou Jess, voltando a olhar o celular.

— Não... Na verdade, eu estava pensando em ir sozinho...

— Por que você não leva a Lauren? Aposto que ela iria adorar ir a um evento com um bando de acadêmicos que amam falar sobre literatura.

*Meu Deus.* Eu não conseguia acreditar que Jess estava fazendo aquilo. Eu queria beliscá-la!

— Lauren... — Ele pigarreou. — Bom, esse evento... é... é uma reunião de uns professores. Vamos falar sobre nossas pesquisas e... enfim, mais um encontro chato com um bando de acadêmicos. Você gostaria de ir comigo?

Olhei para Jess, cheia de fúria. *Que vergonha.* Ótimo, agora ele devia estar pensando que eu estava desesperada para sair com ele. De toda forma, eu não podia constrangê-lo ainda mais. Ele me convidou por educação, e por educação eu iria aceitar. Depois me acertaria com a minha prima.

— Sim. Obrigada pelo convite.

Mesmo sabendo que aquele era um convite por conveniência, minhas pernas ficaram bambas. Me escorei atrás do balcão, mas o obstáculo não impediu Thomas de pegar as minhas mãos. Ele as apertou suavemente. A pele dele era quente e macia, o calor dele parecia irradiar por todo o meu corpo.

— Obrigada, Lauren. Mesmo.

Ele se virou e foi embora. Assim que ele saiu, voltei a encarar Jess.

— De nada. — Ela piscou para mim.

— Você está louca?

— Não. Só estou dando uma forcinha. Se não, vocês só iam ficar aqui recitando poemas. — Ela revirou os olhos. — Não tenho saco para isso.

Eu ri. Não consegui ficar brava com ela. Quando ela saiu para ir até o estoque, peguei minha caderneta do autoconhecimento.

Gosto do som da gargalhada de Thomas Keith;  
Gosto do toque de Thomas Keith;  
Preciso ler mais Lord Byron;  
Jess é louca, mas me sinto grata;  
Gosto de frases supostamente bregas  
declamadas com sotaque inglês.

Bom, agora eu tinha um encontro com aquele professor charmoso. E havia uma parte de mim que estava apavorada, mas eu ia me desafiar a enfrentar esse medo. Porque a maior parte de mim estava em êxtase. Não importava que tivesse sido com o empurrão de Jess, eu iria aproveitar a companhia de Thomas.





## CAPÍTULO 12

### THOMAS

Jess havia dado um golpe de mestre, eu precisava reconhecer. Eu jamais teria tido coragem de convidar Lauren, pois não queria parecer um acadêmico arrogante. Mas agora eu achava que era a melhor coisa que tinha me acontecido. Já que a oportunidade surgiu, eu iria aproveitar a chance para conhecê-la melhor.

A princípio, parecia estranho estar no King's College com qualquer outra mulher que não fosse Lisa. Mas, quando Jess deu o empurrãozinho, senti que era a coisa certa a fazer. Era o que eu *queria* fazer. De alguma forma, Lauren me deixava extremamente à vontade, como eu não me sentia havia tempos. Ela me despertava uma curiosidade que estava adormecida. Eu tinha vontade de descobrir todos os tipos de sorriso que ela tinha para ofertar. Cada vez que eu conseguia diminuir a distância entre nós, era como se tivesse conseguido acertar mais um passo em nossa coreografia.

Eu nunca havia conhecido uma pessoa que tivesse tanta paixão por livros, que se entregasse tão profundamente à literatura quanto ela. Encontrei acadêmicos de diferentes partes

do mundo, mas a apatia de alguns deles em relação à literatura era um balde de água fria. Eu mesmo estava tão acostumado com o tecnicismo que a minha relação com a leitura arrefecia em algumas épocas. Talvez o declínio da minha paixão pelos livros estivesse ligado, também, à minha própria frustração. Quando Lisa ficou doente, abandonei completamente o projeto do meu primeiro livro de ficção.

Desci na estação de Covent Garden, caminhei até o Poetry Café e fiquei esperando Meg, sentado na poltrona marrom estrategicamente posicionada ao lado de uma pilha de livros. Havia algum tempo que eu não ia ali, mas o ambiente tinha mudado muito pouco. Numa das paredes, havia novos recortes de jornais, dando destaque a promissores nomes da literatura londrina.

Ali era o meu café favorito por ser um ponto de encontro de artistas, especialmente poetas, já que fazia parte da Sociedade de Poesia de Londres — e tinha a conveniência de ficar a dez minutos a pé da universidade. Havia um caderno de capa preta e branca, em cima do balcão, no qual se podia ler “Compartilhe a sua poesia”. Era um convite para que os clientes dividissem seus escritos. Sem pensar muito, decidi entrar na dança. E comecei a rascunhar o que me veio à cabeça.

*Liberto das amarras  
Voltou o sopro que da memória foi outrora  
Ela, delírio; eu, existo  
Sua mirada, quente como calda de chocolate  
E o sorriso que desabrocha faz da literatura o seu lar  
Será fantasia, alma ou carne e osso?  
Minha imaginação nunca seria tão fértil  
Aquele mulher caminha em beleza*

Quando terminei de escrever, franzi o cenho para a minha criação pueril. Aquelas linhas certamente receberiam uma avaliação negativa numa das minhas aulas. Que ironia. Fechei o caderno e fiquei observando o ambiente, quase todo repleto por livros. Fixei o olhar numa das mesas de madeira e lembrei a última vez que estivera ali com Mark Henris, amigo de longa data da minha família que acabou se tornando editor dos meus livros acadêmicos.

— Tom, você não acha que já está na hora de retomar o seu livro? — perguntou Mark, despreocupadamente, e sorveu um gole de café.

— Não consigo mais trabalhar nesse texto...

— E por que não?

— Nós realmente vamos ter esta conversa? — Dei um suspiro cansado, olhando para alguns cartazes fixados na parede, que anunciavam saraus de poesia.

— Vamos. Você me deve este livro. — Seu sorriso era fraterno, não um gesto falso para encobrir a cobrança.

— Não consigo mais produzir nada que seja ficcional. Ainda mais uma antologia de contos poéticos. Simplesmente não tenho mais inspiração nem estômago. — Comecei a dobrar nervosamente um guardanapo que estava à minha frente.

— Tom, eu entendo o que está sentindo. Mas já faz mais de um ano que a Lisa morreu. — Mark me deu tapinhas no braço. — Você precisa retomar não apenas a sua produção literária, mas também a sua vida.

— Quando eu estiver pronto, você vai ser o primeiro a saber. Eu prometo — retruquei com apatia, tomando um gole de água.

Uma voz familiar, acompanhada de um abraço por trás, me despertou das memórias:

— Tommy, nem acredito que você me convidou para vir ao Poetry Café.

— E por que não? Este é o meu café favorito. — Baguncei os cabelos dela, como fazia quando éramos crianças.

— Talvez porque você não venha ao *seu café favorito* há dois anos... — Ela arqueou as sobrancelhas, apoiando o casaco nas costas da cadeira.

— Tudo bem, você venceu. — Abri os braços em sinal de rendição. — Estou retomando a minha rotina.

— Isso é ótimo, Tommy! — Meg riu e apertou minhas mãos por cima da mesa.

— Eu preciso te contar uma coisa...

— Ai, meu Deus, me diga que é uma boa notícia. — Ela franziu o cenho enquanto nos levantávamos para fazer nossos pedidos no balcão.

— Sim, eu acho que é... — Passei a mão pelos cabelos.

— Credo, Tommy, fale logo!

— Eu conheci uma pessoa e...

— Meu Deus! Você está namorando! Ai, que maravilha! — Meg indicava ao funcionário da cafeteria um dos *cronuts* que estavam expostos na vitrine.

— Calma, Meg. Eu disse que *conheci* uma pessoa. — Apontei outro *cronut* na vitrine e pedi um espresso ao caixa.

— Sim, vocês *ainda* não estão namorando, mas saíram e está rolando, é isso? Estou tão feliz por você, Tommy! — Ela batia palmas em sinal de empolgação.

— Caramba, Meg, você vai me deixar falar ou não?

— Está bom, desculpe! Pode falar. — Ela fez um sinal com os dedos, como se estivesse selando os lábios.

— Eu conheci uma mulher, Lauren, na livraria que costumava frequentar. A The Book Company, lembra?

— Aquela perto da sua casa?

— Essa mesma. Ela é uma funcionária nova. Está em Londres há cerca de um mês. O fato é que ela é adorável, inteligente, doce e adora livros de uma forma que...

— Tommy, você está apaixonado! — Meg deu uma risada travessa.

— Ela mexe comigo. De uma maneira que eu não imaginava ser possível. — Fiz um sinal, agradecendo ao atendente que trouxe os nossos pedidos.

— Como ela é? É bonita? — Meg tomou um gole de sua soda italiana de um tom verde radioativo.

— Eu disse isso tudo e você quer saber se ela é bonita? — zombei.

— Se ela despertou seu interesse, sei que é brilhante. E você já enumerou todas as outras qualidades dela. Minha curiosidade é grande demais para não fazer essa pergunta fútil, desculpe. — Ela deu uma mordida no *cronut*.

— Ela é... linda.

— Você precisa ver a sua cara de panaca neste momento, Tommy.

— Bom, Meg... o fato é que ela vai comigo na homenagem aos professores na semana que vem. E eu estou me sentindo um adolescente virgem que convidou uma garota para sair.

— Você está nervoso?

— Estou.

— Que fofo. — Ela apertou minha bochecha.

— Pare de ser debochada! — Eu ri.

— Tommy, se olhe no espelho. Eu tenho uma fila de pretendentes que dariam um braço para sair com você,

maninho... Seja você mesmo, esse professor inteligente e encantador, e ela vai ficar caidinha. — Meg deu de ombros.

— Espero que você esteja certa e que este professor inteligente e encantador ainda saiba flertar.

— *Flertar...* Você parece um velho, Tommy! Sorte sua que é lindo. — Minha irmã piscou para mim.

Passei a ir à The Book Company mais vezes que no passado. Conversar com Lauren era o ponto alto dos meus dias. Eu saboreava cada brecha que ela me dava, cada oportunidade de estar mais próximo. Nessa nossa dança, eu permitia que ela me conduzisse.

Resolvi, estrategicamente, ir até a loja já próximo ao horário de fechamento, porque sabia que ela estaria sozinha e depois eu poderia acompanhá-la até em casa. Numa noite, descobri que ela era de uma cidade chamada Augusta e que tinha uma irmã, Kate, que era sua melhor amiga. A cada pedaço do quebra-cabeça que eu juntava, mais atraído me sentia.

— Que tipo de roupa eu devo usar para o evento amanhã?

— Tenho certeza de que, qualquer que seja a sua escolha, você estará perfeita — tentei tranquilizá-la. *Até com um saco de batatas ela estaria linda.*

As bochechas dela coraram.

— É sério, Thomas. É um evento formal? — insistiu.

— Sim, é formal. Mas não é gala. — Sorri. — Eu vou de terno.

Agora, todas as noites, ao nos despedirmos, nós nos abraçávamos. E, me comportando como um adolescente, eu ia para casa feliz, praticamente saltitando. No dia seguinte, combinei de passar no apartamento dela às oito da noite. Avisei por mensagem de texto que estava chegando. Pela primeira vez, ela me convidou para subir.

Enquanto ela terminava de se arrumar, aproveitei para passar meus olhos pela pequena sala de estar e tentar coletar mais peças para o meu quebra-cabeça em busca da personalidade daquela mulher.

O ambiente era bastante colorido, com móveis que não combinavam muito entre si, todos no estilo *faça você mesmo*. Como ela morava havia pouco tempo em Londres, imaginei que

fosse um apartamento já pré-decorado, então isso não me diria muito sobre ela. Havia uma estante feita de caixotes de madeira, mantendo o espírito do reaproveitamento de materiais, quase que inteiramente tomada por livros. Percebi muitos clássicos da literatura: *Tom Sawyer*; diversos livros de Jane Austen e das irmãs Brontë, *O velho e o mar*, *O apanhador no campo de centeio*, *Crime e castigo*, *Orlando*... No fundo, exemplares de *Bridget Jones* e livros diversos da Marian Keyes. Uma espécie de *guilty pleasure*, pensei e sorri.

Ainda no mesmo móvel, um porta-retratos em que Lauren estava abraçada a uma moça que, apesar de ser loira e ter os olhos azuis, tinha os traços bastante semelhantes aos dela. *Devia ser a irmã que ela mencionou*. Havia também várias fotos polaroide. Algumas retratavam Londres, outras, paisagens diversas, animais, detalhes de construções. Ela era uma entusiasta da fotografia, pelo jeito.

Estava tão entretido, tentando captar quaisquer fragmentos da vida dela, que não a percebi se aproximando. O toque leve no meu ombro me fez estremecer. Quando eu me virei para olhá-la, fiquei por alguns instantes sem saber o que dizer. Ela havia prendido os cabelos num rabo de cavalo alto que deixava o belo rosto mais à mostra. Era uma alucinação trajando vermelho, uma figura que caminhava em beleza. Parecia saída de um sonho. *Dos meus sonhos*.

— O que foi? — perguntou ela passando as mãos na saia levemente rodada do vestido. — Acha que a roupa é inadequada?

*Como ela poderia achar que estava inadequada para qualquer coisa que fosse?* Ela era a própria tradução da beleza, e naquele momento eu não conseguia enxergar nada além dela naquela pequena sala de estar.

— Você está mais do que adequada. Está linda. — Suspirei. — Nem tenho palavras para expressar o quão bonita você está, Lauren.

Sem saber muito bem o que fazer, me aproximei e dei um beijo na testa dela. Ela fechou os olhos e permaneceu parada. O calor que emanava do corpo dela estava me arrebatando. Ela abriu um

sorriso tão maravilhoso que fiquei sem ar. Mais um para a minha coleção particular. *Essa era a Lauren confiante.*

— Obrigada! Eu troquei de roupa algumas vezes até me decidir — revelou, encabulada.

— O esforço valeu a pena, posso garantir — respondi, sem desviar o olhar dela.

Ela enrubesceu novamente. Eu começava a entender quais tipos de comentários a faziam rir, o que eu dizia que a fazia corar. Lauren estava tomando conta dos meus pensamentos de forma irrevogável. Só podia esperar que, de algum modo, eu estivesse nos dela também. Dobrei o braço direito, indicando que ela deveria me dar o braço para sairmos. Ela me olhava com curiosidade.

— O que foi? — questionei, interessado.

— É que... você parece um cavalheiro saído de um romance inglês. — Ela desviou o olhar.

— Espero que isso signifique que você me acha charmoso, e não um velho — provoquei.

— Definitivamente eu não te acho um velho. — Ela sorriu.

— Vou considerar que isso é uma coisa boa, então.

— É uma coisa boa, Thomas. Você está muito bonito. — Dessa vez, ela tomou coragem e me olhou nos olhos.

Poder ir àquele evento na universidade com ela ao meu lado significava muito para mim. Ela estava conseguindo fazer com que eu desejasse experimentar novamente. Com que eu resignificasse muitas coisas. Não estávamos juntos, não havíamos trocado um beijo sequer, e no entanto aquela mulher já estava impregnada em mim.





## CAPÍTULO 13

### LAUREN

Quando Thomas me olhou com surpresa, na pequena sala do meu apartamento, eu suei frio. Era a primeira vez que eu estava usando o vestido que Kate tinha me dado de presente alguns anos antes. A roupa era simplesmente linda. Eu havia tentado usar em outra ocasião, mas não tinha dado certo.

— Separei estes dois vestidos para você usar à noite. Você fica muito bonita em qualquer um dos dois, mas eu prefiro o preto — comunicou Graham.

Observei as duas peças estendidas na cama.

— Eu tinha pensado em ir com o vestido vermelho, aquele que a Kate me deu de presente de aniversário.

— Ah, não... — Ele fez um gesto de desdém com a mão. — Aquele vestido é muito vulgar, não cai bem em você nem combina com o restaurante italiano mais famoso de Augusta — Ele se aproximou e me deu um beijo no topo da cabeça. — Vou deixar você ficar ainda mais linda. Te espero na sala. Não demore muito, estou com fome.

Quando ele fechou a porta, eu me sentei na cama e fiquei encarando o meu reflexo no espelho da penteadeira. Uma mulher com um tubinho preto sem decotes, sem fendas. Reto, simples. Discreto e recatado, como eu deveria ser.

— Vamos? — Thomas estava com o braço flexionado, como o perfeito cavalheiro que era.

— Vou chamar um Uber...

— Nada disso, senhorita — Ele riu. — Nós vamos de *black cab*.

— Nós vamos de táxi? — Franzi o cenho. — Não é mais prático pegar um Uber?

— Ah, os americanos e sua praticidade... Mas como ter uma experiência tipicamente londrina se não de *black cab*? — retrucou ele.

*Jesus*. Meu coração parecia conter todos os instrumentos de uma orquestra, ainda lutando por uma mínima harmonia. *Calma, Lauren*. Ele estendeu o braço para mim e fomos caminhando até a Portobello Road para pegar o famoso *black cab*. Ele parecia ainda mais lindo de terno e todo contente. Eu queria crer que era responsável por uma parcela daqueles sorrisos.

— Sabia que foi esta loja de souvenirs que utilizaram como locação para a livraria do Hugh Grant no filme *Notting Hill*? — Ele apontou para a loja de fachada azul.

— Ah, bom, agora aquele poster da Julia Roberts faz todo o sentido.

Thomas fez sinal para um *black cab*, que logo parou. O carro era muito mais espaçoso por dentro do que aparentava. Havia lugar para seis pessoas. Ele sentou-se ao meu lado, e parecia um guia turístico, apontando diferentes atrações no trajeto, daquelas que não estão nos guias, mas que fazem alguém de fora ter uma experiência tipicamente londrina. O brilho nos olhos dele era uma atração mais interessante para mim do que qualquer ponto turístico ali.

Quando chegamos ao King's College, ele estendeu a mão para me ajudar a descer. *O lorde inglês em ação*. Meu queixo quase caiu. O campus parecia cenário de um filme da aristocracia. A fachada clara da enorme construção, que parecia um castelo,

destacava-se ainda mais em contraste com a noite. O cenário era simplesmente espetacular. Thomas combinava com aquele lugar.

— O que foi? — perguntou ele com um ar de curiosidade.

— Fiquei impressionada. Parece que estou num episódio de *Downton Abbey* — brinquei.

Ele apenas deu um sorriso em resposta. *Será que Thomas tinha consciência do quanto era charmoso?* No princípio, pensei que pudesse ser um pouco estranho que nós estivéssemos andando de braços dados pela universidade, mas ele me transmitia uma segurança e um aconchego que eu não lembrava jamais ter experimentado.

Quando chegamos ao auditório, vi que todos cumprimentavam Thomas. As pessoas se dirigiam a ele como *Tom* ou *professor Keith*. Havia outros docentes lá, e Thomas me apresentou a alguns de seus colegas. Recebíamos alguns olhares desconfiados a cada vez que ele dizia *Esta é minha amiga Lauren Taylor*. Havia uma ligação entre nós que eu não conseguia explicar. Ele me olhava com tanta intensidade que eu chegava a pensar que pudesse estar interessado em mim.

Quando o evento começou, percebi que até então eu não sabia muito bem do que se tratava a reunião. Tinha uma séria desconfiança de que aceitaria ir a qualquer lugar com Thomas. Jess dissera que era uma premiação e que Thomas era um dos homenageados. Ele foi reconhecido pela sua contribuição com os estudos da poesia inglesa no século XIX, sobretudo Lord Byron. Timidamente, ele levantou-se da cadeira em que estava ao meu lado na plateia para receber o seu reconhecimento. Fez um discurso breve, agradecendo o apoio da universidade e dos colegas. Quando retornou para o lugar ao meu lado, me encarou.

— Não quero que você pense que estou tentando me exhibir. Eu tinha medo de que você dissesse que só aceitou o convite por causa da pressão da Jess. — Seu olhar estava sério, de um jeito que eu nunca havia visto.

— Por que pensou isso?

— Não sei. Talvez você achasse que ia ser uma reunião enfadonha, feita apenas para bajular os professores, o que não deixa de conter uma certa dose de verdade — debochou ele. —

Mas o fato é que eu queria que você conhecesse melhor o meu trabalho. — Aqueles olhos maravilhosos continuavam a me observar atentamente.

— Thomas, é uma homenagem, caramba! Você deveria estar orgulhoso, não envergonhado! Eu adorei o convite, de verdade. — Num impulso, coloquei a minha mão no braço dele.

Antes que eu pudesse recuar, ele pôs a mão sobre a minha. E abriu um sorriso maravilhoso com covinhas, que eu já achava que era a marca registrada de Thomas Keith. Sentir o calor da mão dele me fazia querer mais. O perfume dele estava me inebriando. *Se eu fosse mais corajosa, talvez eu acariciasse o rosto dele.*

Eu queria tê-lo cada vez mais perto, queria afundar minhas mãos nos cabelos escuros dele, queria me afogar na imensidão azul que eram seus olhos, queria cobri-lo de beijos, mas ele sempre parecia tão cauteloso em relação a mim... *E ele era inglês!* Eu sabia que estávamos no século XXI e eu podia tomar a iniciativa, mas ainda lutava com as minhas amarras. *Um dia de cada vez,* disse a mim mesma.

— Tom — chamou um dos colegas a quem Thomas havia me apresentado mais cedo —, vai ao jantar conosco? Todo o departamento já confirmou, só falta você.

— Fica para uma próxima. Obrigado pelo convite.

Ele não tinha me dito que haveria um jantar depois da premiação. Mas, enfim, talvez ele quisesse me poupar da vergonha de falta de assunto. Talvez não quisesse me levar ao jantar com tantos acadêmicos, pessoas tão inteligentes...

— Espero que você não se importe — disse Thomas, voltando-se para mim —, mas fiz uma reserva para nós num lugar que considero muito especial. — Ele falou as últimas palavras bem perto do meu ouvido, e eu senti meu coração acelerar.

— Achei que você ia querer celebrar com os seus colegas...

— Na verdade, eu quero celebrar com você. E só *com* você, Lauren. — Ele me olhou. *Bem nos olhos.*

— Bom, então fico feliz em poder fazer parte da comemoração. — Sustentei o olhar, tentando demonstrar confiança.

Eu nunca tinha ido a um restaurante como aquele. Graham gostava de exibir nosso *casamento perfeito* nos restaurantes caros de Augusta, mas nada lá chegava perto daquela fachada com peças de xadrez estampadas e do enorme letreiro dourado, no qual se lia apenas Simpsons.

— Este lugar é muito especial para mim. Você sabia que era o restaurante favorito de Sir Arthur Conan Doyle? Ele escreveu os livros *O detetive moribundo* e *A aventura do ilustre cliente* aqui — contou ele, animado.

Por mais que Thomas atraísse a minha atenção, era difícil refrear o impulso de ficar olhando as paredes revestidas por madeira escura e adornadas por castiçais. Do teto claro e cheio de arabescos, pendiam elegantes lustres de cristal. Nos dirigimos a uma mesa pequena, complementada por duas cadeiras estofadas vermelhas, uma das quais ele fez questão de puxar para que eu me sentasse. *Céus, Jane Austen não teria feito melhor!*

Tentei não demonstrar todo o meu espanto com o ambiente. Estava me esforçando para manter uma postura de certa indiferença, quase emulando o estereótipo do esnobismo inglês. Senti um frio na barriga ao observar todos aqueles copos e talheres à mesa, mas fiz o melhor para transparecer naturalidade. Thomas arqueou as sobrancelhas, me observando.

— Não gostou do ambiente? Pensei mesmo que você pudesse achar um pouco antiquado — Ele parecia preocupado.

— Pelo contrário. Eu estou adorando. Acho que nada poderia ser mais inglês do que isto. Jantar num restaurante que era frequentado por Sir Arthur Conan Doyle ao lado de um belo britânico. É incrível!

— Eu sou um *belo britânico*? — questionou ele, zombeteiro.

*Droga!* Eu não acreditava que tinha dito em voz alta. Senti o rosto arder.

— Uau! *Este* é o ponto alto da noite, com certeza! — Ele me olhava fixamente, com um sorriso sedutor.

— Pensei que o ponto alto da noite tivesse sido a homenagem que você recebeu — falei, olhando para o guardanapo de tecido em meu colo.

— De forma alguma, Lauren. O ponto alto sempre será você. — Agora foi ele quem esticou a mão e pegou a minha. Com o polegar, começou a acariciar lentamente as costas da minha mão. — Você mexe comigo — sussurrou ele.

Ficamos alguns segundos nos estudando em silêncio, mas fomos interrompidos pelo garçom, que trazia os cardápios.

— Quando você se apaixonou por literatura? — indaguei.

— Acho que eu verdadeiramente me apaixonei por livros quando a minha avó me deu *A fantástica fábrica de chocolate*. Durante alguns anos, eu de fato achava que tinha a chance de encontrar uma barra premiada e ganhar um passeio pela fábrica de Willy Wonka. Talvez ainda houvesse uma extra, que ninguém tivesse descoberto. Acho que é por isso que gosto tanto de chocolate até hoje! — Ele riu. — E você?

— A minha irmã tinha que fazer um trabalho sobre *Huckleberry Finn* e não parava de reclamar que o livro era chato. Ela falou tanto que eu fiquei curiosa e resolvi ler. Lembro que fiquei tão impactada por Huck que não conseguia parar de ler. Eu tinha a mesma idade que ele na época, catorze anos, e eu não podia acreditar que um adolescente pudesse ser tão forte. E toda a questão da escravidão também me afetou muito. Bom, resumindo, eu me empolguei tanto com a leitura que Kate me subornou para fazer o trabalho para ela. Ela me deu outros livros do Mark Twain como propina.

— Foi um belo pagamento. E qual foi o resultado da fraude? Quanto ela tirou no trabalho? — Ele deu um riso de canto de boca.

— Ela tirou A. E o professor elogiou muito o trabalho. Isso me encorajou a estudar literatura, mesmo que o começo da história não tenha sido tão nobre.

— Você me deixou preocupado agora... — Ele aprovou o vinho que o garçom serviu.

— É mesmo? — retruquei.

— Sim. Com certeza, já fui trapaceado por algumas Kates e Laurens, o que me leva a questionar minhas habilidades como professor... — Ele levantou a taça para brindarmos.

Tomei um gole de vinho e olhei para ele.

— Você deve ser muito bom em despertar paixões... digo... — Tomei outro gole de vinho, desesperada para me enfiar embaixo da mesa. — Despertar paixão nas pessoas... por livros... — *Droga, me enrolei toda.*

— Espero que eu seja realmente bom em despertar paixões. Estou contando com isso. — Elegantemente, ele levou a taça de vinho à boca. *Que boca.*

Thomas era gentil, lindo, inteligente e divertido. *O que ele queria comigo, uma mulher sem graça de uma pequena cidade do Maine?* O jeito como ele me olhava, com total atenção, fazia eu me sentir linda. Talvez ele de fato me achasse bonita. E, apesar de ser um pesquisador muito respeitado, ele me deixava à vontade, realmente parecia interessado no que eu tinha a dizer.

Durante o jantar, conversamos mais sobre nossos gostos e interesses. Quanto mais conversávamos, mais eu deixava de prestar atenção ao ambiente ou a qualquer coisa ao nosso redor e me concentrava apenas nele. Aquele homem tinha a capacidade de atrair toda a minha atenção. Mesmo que a Rainha Elizabeth estivesse ali, eu mal notaria.

Quando decidimos ir embora, ele continuou a agir como se para matar Mr. Darcy de inveja: levantou-se para puxar a cadeira para mim e esticou a mão para eu me levantar. Ele era tão adorável e, ao mesmo tempo, tão seguro de si! Eu disse que podia ir para casa sozinha, mas ele, obviamente, recusou. Quando o táxi chegou e parou em frente ao meu prédio vermelho, Thomas desembarcou junto comigo.

— Lauren, eu queria te agradecer por tudo hoje.

— Eu que tenho que agradecer, Thomas. Me diverti muito.

— E também preciso dizer algo — declarou ele num tom solene.

*Será que era uma coisa ruim? O que eu havia feito de errado?*

— Você é uma das únicas pessoas que me chamam de Thomas. É só que os mais íntimos me chamam de Tom. — Ele deu de ombros.

— Seu nome é tão lindo que eu tenho pena de não dizê-lo. E combina tanto com você — tentei me justificar. — Mas, se preferir, eu o chamo de Tom.

— Não, de forma alguma. Não foi uma crítica, foi uma constatação. Sabe, Lauren, se você sempre olhar para mim do jeito como está olhando agora — ele sorriu —, pode me chamar do que quiser.

*Santo Deus.* Meu mundo entrou em colapso. Comecei a sentir que o equilíbrio me faltava. Abri a boca para tentar dizer algo, mas não consegui. O que poderia falar depois disso? *O filho da mãe era muito sedutor.*

E, então, ele se aproximou e tocou o meu rosto. Passou o polegar direito pela minha bochecha, acariciando-a. O toque dele deixou um rastro de calor na minha pele. Meu corpo inteiro começou a formigar. Eu estava vidrada, olhando para os olhos azuis dele, que pareciam arder de desejo. O espaço entre nós ia se reduzindo à medida que ele se aproximava mais. Querendo trazê-lo ainda mais perto, passei a mão em suas costas. E, depois do que pareceu uma eternidade, ele me beijou.

O beijo começou lento, com ele mordiscando o meu lábio inferior, e foi a coisa mais prazerosa que eu já havia sentido. Nunca podia imaginar que um simples beijo pudesse me deixar daquela forma. Depois, ele enroscou as mãos nos meus cabelos, me puxando para ele, como se fosse possível estarmos ainda mais próximos. E Deus, quando a língua dele começou a duelar com a minha, eu sabia que tinha me rendido àquele homem, apesar de todos os medos que ainda sentia.

O gosto de Thomas era levemente salgado, com algumas notas do vinho que havíamos tomado. Nossos sons de urgência, prazer e desejo iam se misturando, no silêncio da noite, e estavam me deixando excitada demais, mas eu sabia que ainda não conseguiria me entregar totalmente. Ele pareceu perceber a minha hesitação, e foi até o meu pescoço, dando suaves beijos, até chegar ao meu ouvido. Senti todos os meus pelos se arrepiarem com aquele contato.

— Lauren, eu vou fazer tudo no seu ritmo. O que você me deu esta noite já é muito mais do que eu podia sonhar — murmurou ele num tom muito grave e extremamente sensual.

Um turbilhão de emoções tomou conta de mim. Felicidade porque, afinal, aquele cavalheiro inglês estava ali, me dando



beijos quentes e falando o que eu queria ouvir, e medo porque eu não sabia se ele conseguiria suportar todas as marcas que eu carregava.



## CAPÍTULO 14

### THOMAS

Passei 32 anos sem me sentir do jeito como me sentia agora. Beijar Lauren foi como descobrir sensações em partes de mim que eu até então desconhecia. Só de olhar para ela eu era tomado por algo que, ao mesmo tempo que me queimava por dentro, me fazia gelar. Eu precisava de um pedaço dela, qualquer que fosse. E por isso eu a beijei. *Ah, e o gosto dela era doce como o mel.*

Mordi levemente os lábios dela porque tinha uma urgência em consumi-la como jamais pensei ser possível. Ofegantes, separamos nossas bocas e ficamos nos olhando, com as testas unidas. Ah, eu nunca mais queria me separar daquela mulher...

— *O último de seus beijos foi sempre o mais doce, o último sorriso o mais brilhante, o último movimento o mais gracioso...* — Quando percebi, já tinha despejado os versos em voz alta.

— *Eu nunca senti minha mente repousar sobre nada com felicidade completa e sem distração, da maneira que repousa em você* — respondeu ela.

*Uma conhecedora de Keats.* Era o êxtase mais absoluto.

— Lauren, Lauren... — sussurrei em seus cabelos. — Você é real? — Eu a abracei.

— Se eu sou real? — Ela gargalhou. — Sou eu quem deveria estar fazendo essa pergunta. Você me leva para jantar num restaurante frequentado por Sir Conan Doyle, me beija e depois recita trechos de uma das cartas de Keats! — Ela me beijou suavemente.

— Você tem cheiro de baunilha. — Cheirei o pescoço dela. — E gosto de mel. — Eu a beijei. — Tão doce e deliciosa quanto achei que seria.

Eu estava inebriado por todos os cheiros e sons dela. Lauren me deixava num estado de consciência que eu não lembrava ter atingido antes. Estava enfeitiçado por ela, por seus olhos, por seu cheiro, sua boca e suas ideias...

— Thomas... — Ela me olhou com um ar de preocupação. — Eu chamaria você para subir, mas está tarde e eu.... — Ela parecia constrangida.

Antes que se forçasse a continuar, eu a interrompi, colocando os dedos em seus lábios.

— Esta noite foi muito melhor do que eu podia imaginar, de verdade. — Sorri.

Lauren passou os braços em volta do meu pescoço, me puxando para ela. E nos beijamos mais uma vez. Eu queria dizer a ela que poderia passar a noite inteira, talvez semanas, ali na porta do prédio, beijando-a.

Eu queria provar cada centímetro do corpo dela, queria vê-la sentir prazer, queria ser eu o responsável pelo arquear das suas costas, por sua respiração ofegante, por meu nome sendo sussurrado por aqueles lábios... Como eu já estava quase alucinando com essas visões, decidi que precisava ter uma força de vontade descomunal e me obriguei a parar por ali. Ainda estávamos nos conhecendo e eu queria muito dela, mas não apenas sexo. Depois de mais alguns beijos, nos despedimos e eu aproveitei o ar gelado da noite para refrescar a cabeça na caminhada de pouco mais de dez minutos até a minha casa.

A Portobello Road, geralmente tão movimentada e colorida, era deserta e escura àquela hora. Nenhuma música, nenhum artesão

tentando vender nada. As fachadas das casas coloridas eram neutralizadas pelo breu da noite. Ainda sentia meus lábios formigando pelos beijos em Lauren.

Desabei no sofá de casa, ainda sentindo o cheiro de baunilha dela em mim. Um aroma que agora não me permitia lembrar nada mais, além dela. E eu não queria que essa fragrância me deixasse nunca mais. Estava tão entretido com as lembranças dos beijos recentes e de sentir a pele de Lauren contra a minha que não notei quando Byron se aproximou. Ele se aninhou ao meu lado e miou para chamar atenção. Fiz um carinho na cabeça do bichano cinza. Ele me olhava fixamente, com seus olhos azuis, como se soubesse que havia algo de diferente em mim. E, de fato, havia. Decidi mandar uma mensagem para Meg.

**Eu:** *Aconteceu. Eu a beijei.*

Me entreti com Byron por algum tempo, até que meu telefone vibrou.

**Meg:** *O queeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeê????? Me conta tudooooo :)*

**Eu:** *Ainda estou extasiado demais para conseguir traduzir o que estou sentindo.*

**Meg:** *Ah, Tommy... como você é romântico ♥ Pelo jeito, foi bom, então?*

**Eu:** *Não. Foi sublime.*

**Meg:** *Ah, que lindo. Estou tão feliz, Tommy.*

**Eu:** *Também estou, Meg :)*

**Meg:** *Boa noite, maninho. Nem preciso te desejar bons sonhos, não é mesmo?*

**Eu:** *Com certeza não ;) Boa noite!*

Byron me observava com atenção. Eu o peguei no colo.

— Ah, meu amigo.... que noite! — Rodopiei com o felino pelo meio da sala.

Ele me fitou com ar de reprovação. Ok, Byron não era muito fã de arroubos de alegria. Mas, se ele visse Lauren, daria razão à minha felicidade. *O que estava acontecendo comigo?* Deixei

Byron no sofá e fiquei parado no meio da minha sala, com um sorriso bobo no rosto.

— Lauren, minha doce Lauren. Se eu tivesse algum talento, talvez escrevesse poemas para você. A maneira como você me faz crer no divino, em destino, em algo maior, é inacreditável. O seu olhar me liberta de qualquer culpa que eu possa sentir.

Era oficial, eu estava louco, falando sozinho. Bom, talvez eu pudesse me confortar na ideia de que estava falando com Byron. *O velho dos gatos*. Como definir o que estava tomando conta de mim? Frenesi. Êxtase. Arrebatamento. Eu trabalhava com palavras, mas agora elas pareciam apenas um amontoado de caracteres insuficientes para exprimir o que eu sentia por aquela mulher.

Fui para o quarto. Meu corpo inteiro pulsava, eu estava elétrico, era como se houvesse despertado de um longo sono. Joguei o paletó na poltrona, desfrouxei a gravata e me joguei na cama. A imagem de Lauren corando, primeiro timidamente, e depois se entregando a mim, aos nossos beijos, me tomou de assalto novamente. Achava que nunca seria capaz de esquecer aquele brilho no olhar, ela mordendo os próprios lábios em expectativa...

Pensei em mandar uma mensagem para ela desejando boa noite. *Não, calma. Ela vai achar que você é um lunático*. Tentei lembrar da última vez que sentira algo próximo desse arrebatamento. E foi inevitável pensar em Lisa.

— Tommy, Lisa é maravilhosa, mas você está apaixonado por ela? — Meg arregalou os grandes olhos azuis para mim.

— Ela é minha melhor amiga, eu me sinto bem ao lado dela. Nós temos os mesmos interesses...

— Não foi isso que eu perguntei, Tommy. Seu coração bate mais forte quando você a vê? O sorriso dela faz você perder o fôlego? — Minha irmã questionava enquanto colocava a flor na minha lapela.

— Meg, nunca achei que você fosse o tipo de pessoa que lesse histórias românticas... — desdenhei.

— Não sou. Só quero saber se você está se casando pelos motivos certos. — Ela deu os últimos ajustes na minha gravata.

— É claro que estou me casando pelos motivos certos. Lisa é uma excelente companheira. Eu a amo. Você acha que eu vou fazer o quê, Meg? Porque não fui arrebatado por uma paixão avassaladora eu vou largar Lisa no altar? — Cruzei os braços.

— Claro que não. Mas você não está apaixonado. Se estivesse, saberia. — Ela me deu o braço e descemos as escadas da casa da minha avó rumo à igreja.

Byron pulou na minha barriga e começou a ronronar. Acariciei a cabeça dele e fiquei pensando nas palavras de Meg, alguns anos antes: *Você não está apaixonado. Se estivesse, saberia.* Sim, Meg. Como *quase sempre*, você tinha razão. Agora, eu sabia. Lauren era como um sopro de verão após um longo inverno. Ela era uma brisa de esperança quando eu considerava que meu coração iria permanecer fechado para sempre.



## CAPÍTULO 15

### LAUREN

Eu mal consegui dormir, e, quando finalmente peguei no sono, só havia uma imagem nos meus sonhos: *Thomas*. A noite anterior havia sido simplesmente surreal. Chegava até a dar medo. Sem dúvida, ele era um homem diferente dos que eu já tinha conhecido. Em todos, absolutamente todos os aspectos. Só de pensar em tirar a roupa na frente dele, eu sentia taquicardia.

Me espreguiçando, eu ainda me lembrava daqueles olhos azuis fixos nos meus. Dos beijos dele, do cheiro levemente cítrico e amadeirado... Estiquei a mão em direção à mesa de cabeceira e busquei minha caderneta do autoconhecimento. Havia mais alguns pontos importantes a anotar:

Não sei se algum dia conseguirei presenciar algo mais sedutor do que Thomas Keith recitando Keats;  
Com Thomas, sinto como se estivesse num episódio de Downton Abbey;  
Serão todos os ingleses bons de beijo?  
Descobri que pelo menos um deles é excelente.

Tomei um banho rápido e me aprontei para o trabalho. A caminhada de vinte minutos parecia mais interessante do que nos outros dias. Eu tinha vontade de sair rodopiando pelas ruas, abraçando todos os estranhos que via pelo caminho. E, talvez eu devesse acreditar mais em destino, mas até um tímido sol resolveu aparecer no instável outono londrino. Fazia muito tempo que não me sentia assim. Para falar a verdade, acho que nunca me sentira daquele jeito.

Como Jess odiava acordar muito cedo, agora eu era a responsável por abrir a The Book Company em alguns dias da semana. Estava passando um pano no balcão e arrumando alguns livros perto do caixa quando ela chegou.

— Lala, você vai compartilhar comigo o motivo desse seu bom humor esfuziante? — Ela deu uma risada debochada.

— Temo que você já saiba a resposta — retruquei com a maior calma possível.

— Ai, meu Deus! Me conta tudo! — Ela apoiou os cotovelos no balcão, enquanto me olhava com um ar de repórter investigativa.

— Depois do evento na universidade, Thomas e eu fomos jantar. Só ele e eu.

— Por favor, Lala, detalhes! Não foi só isso o que aconteceu. *Ou foi?* — Ela arqueou as sobrancelhas.

— Depois do jantar, ele me levou em casa e, bem... nós nos beijamos.

— E aí?

— E foi isso.



— Na-na-ni-na-não. — Ela fez um sinal de negação com os dedos bem em frente ao meu rosto. — Ele beija bem? Ele é gostoso? Me conta!!! — Seu tom estava tão alto que um cliente nos olhou de soslaio.

— Ele beija muitíssimo bem. E, sim, é muito gostoso. Mas nós não transamos, se é isso o que você quer saber.

— Ah, vocês terão todas as oportunidades para tirarem o atraso. — Ela deu uma piscadela e se virou para Will, que estava chegando: — Queria ver com você algumas opções novas para o cardápio do café.

E eu fiquei sozinha, pensando na frase *Vocês terão todas as oportunidades para tirarem o atraso*. Minha espinha gelou. Na noite anterior, enquanto estávamos nos beijando, o meu impulso foi chamá-lo para subir para o meu apartamento. E eu quase fiz isso, foi por muito pouco que não. Quando me imaginei sem roupa, congelei. Eu não conseguia pensar em ficar nua na frente daquele homem tão perfeito. Ele iria me olhar com pena.

Nem senti o dia passar. Ficamos bastante ocupados com o evento de lançamento do livro de contos de um escritor iniciante que a The Book Company estava apoiando. Jess sempre fazia questão de dar força para novos autores e para a cena local. Também era bom para a livraria, pois estávamos com, no mínimo, o triplo do movimento normal, o que aumentou muito as vendas no café e também de livros diversos. Eu estava exausta. Jess e Will já tinham ido embora. Em dias de eventos, a livraria também contratava *freelancers*. Hoje, Mary e Paula, duas jovens universitárias muito simpáticas e que não tinham medo de pôr a mão na massa, já tinham arrumado a maior parte da loja, então eu as dispensei. Agora, eram só uns pequenos ajustes e fechar.

Quando olhei para a porta de vidro, Thomas estava acenando para mim, do lado de fora. Eu agora tinha aprendido a trancar a loja quando ficava sozinha. Ele estava com o nariz vermelho e esfregando as mãos de frio. Então, me abraçou com força e me deu mais um de seus deliciosos beijos agridoces. Parecia que ele beijava ainda melhor do que eu me lembrava. O beijo gelado me provocou arrepios. Segurei o rosto dele entre as mãos. Ele parecia uma pedra de gelo.

— Isso, fique com as mãos exatamente aí, para me aquecer. — Ele sorriu e mais uma vez eu vi aquelas covinhas irresistíveis. — Vim me certificar de que ontem à noite não foi um sonho. — Ele colou a testa à minha.

— Sabe, foi bom você ter aparecido, porque eu estava com a mesma dúvida. — Alisei os cabelos dele.

— Pelo jeito o evento foi um sucesso, acompanhei pelo *Instagram*. — Ele enfatizou a última palavra.

Em poucos dias de Instagram, já estávamos conseguindo um relativo sucesso. Conquistamos rapidamente seguidores e o engajamento estava bom. Nos primeiros dias, fiz um apanhado de frases extraídas de grandes clássicos da literatura inglesa. Aquele dia tinha sido a primeira vez que me arrisquei a fazer uma transmissão ao vivo. E foi um sucesso! Eu estava muito feliz em poder fazer isso pela livraria da minha prima. E mais radiante ainda por ter várias das minhas ideias acolhidas, por me sentir útil. Despertando do meu rápido devaneio, percebi que Thomas me observava.

— Você gosta de comida italiana?

— Adoro. Amo massas. Aliás, sou boa de garfo, não percebeu ontem? — eu disse, zombeteira.

— Ótimo. Ainda não tive a oportunidade de compartilhar esta informação muito importante, mas eu sou um bom cozinheiro. — Ele parou por um instante, fazendo uma expressão de dúvida. — Gostaria de convidá-la para jantar na minha casa amanhã. Farei uma massa para nós, uma das minhas especialidades. O que acha?

Os olhos de Thomas brilhavam de expectativa. Tentei ordenar rapidamente os meus pensamentos. É claro que eu gostaria de jantar na companhia dele, ainda mais com um prato preparado por ele. Devia ser *interessante* ver esse cara na cozinha. As malditas borboletas no meu estômago resolveram bater em revoadas. Eu tinha medo, mas que se dane. Eu o queria.

— Acho ótimo. O que devo levar?

— Sua presença é mais do que suficiente. — Ele abriu um sorriso enorme.

Desta vez, saímos de braços dados da The Book Company. Depois que nos beijamos, não havia mais motivo para mantermos a distância segura que existia anteriormente. Era como se houvesse uma atração magnética entre nós, não conseguíamos evitar nos tocar.

Ao chegarmos ao meu prédio, tivemos um *revival* da noite anterior: trocamos uns beijos quentes e nossas mãos exploraram um ao outro. Meu Deus, eu me sentia com quinze anos novamente, parecia que meus hormônios estavam em ebulição. A diferença é que nem quando eu era adolescente senti algo parecido com o que Thomas me despertava.

Logo que entrei no apartamento, mandei uma mensagem de texto para Kate. Já havia contado a ela sobre Thomas e sobre o nosso beijo, mas eu precisava compartilhar a insegurança que tomava conta de mim.

***Eu:*** *Thomas me chamou para jantar amanhã na casa dele e eu estou surtando.*

Mandei a mensagem e fiquei olhando para o teto por alguns minutos, esperando o retorno. Logo, o som da notificação soou.

***Kate:*** *Como assim surtando? Isso não é uma coisa boa?*

***Eu:*** *Sim, é ótimo. Mas estou pensando em quais são as expectativas dele, afinal somos adultos. Vamos estar sozinhos. Estamos muito envolvidos... Seria natural que a coisa se encaminhasse para o sexo.*

***Kate:*** *E qual é o problema em fazer sexo com um homem de quem você está a fim? Você disse que ele é gato, inteligente e um lorde. Até eu, que não sou chegada, daria para um cara desses. ;)*

Dei uma gargalhada. Kate tinha essa habilidade. Ela me fazia rir mesmo quando eu estava tensa.

***Eu:*** *Bom, teoricamente não há problema algum. Mas eu piro só de pensar em ficar sem roupa perto dele, Kate. Quando ele me vir nua, vai ficar com pena, você sabe disso.*

***Kate:*** *Eu não sei de nada. Por que ele teria pena? Lala, por favor. Você é uma mulher linda. Não deixe que o que*

*aconteceu no seu passado defina o seu futuro. Faça o que você quer fazer. Não cultive essas amarras.*

***Eu:** Estou tentando dizer isso para mim mesma desde que o conheci. Mas falar é mais fácil do que fazer. Estou apavorada com a perspectiva de ele me ver sem roupa... :(*

***Kate:** Irmãzinha, se ele se apavorar com o que você tem a mostrar, é porque não te merece. Simples assim. Não seria você a errada, e sim ele.*

***Eu:** Eu sei. Estou trabalhando nisso, de verdade. Mas ainda é difícil. Bem, eu vou tomar um banho. Te amo, mana. Boa noite!*

***Kate:** Arrume uma boa lingerie e deixe a depilação em dia. Também te amo! Boa noite!*

Mais uma vez dei uma gargalhada. Kate tinha uma maneira tão positiva de ver qualquer situação! Eu a amava muito. Talvez essa fosse a única parte ruim de estar morando em Londres: ficar longe da minha irmã. Sentia saudades de estar perto dela e poder abraçá-la. Enfim, eu iria seguir seus conselhos. Ia providenciar uma lingerie decente e depilação. A coisa realmente não estava muito habitável nos meus países baixos. Fui tomar banho e coloquei “Like a Virgin” para tocar, já que era exatamente assim que eu estava me sentindo. Esse jantar poderia representar tudo. Ou nada.



## CAPÍTULO 16

### THOMAS

**E**u estava suando frio. Podia ouvir meus batimentos cardíacos. Eu não era mais um cozinheiro habitual desde a morte de Lisa. Tremi ao me lembrar da minha crise de pânico quando Alexia veio jantar aqui. Mas isso tinha mais de um ano, e com Lauren era diferente. Eu a queria aqui. Eu tinha feito uma faxina completa no dia anterior — não que o meu apartamento fosse caótico, longe disso, mas, como eu era extremamente obcecado por organização, sempre havia espaço para melhorias. Meg chegava a dizer que eu tinha traços de TOC, o que era um exagero, é claro.

Dei especial atenção ao quarto. E até comprei velas aromáticas, seguindo o conselho da minha irmã. Também achei que já era o momento de guardar as fotos de Lisa. Eu havia contado a Meg que convidara Lauren para jantar, ao que ela docemente respondeu:

— Ainda bem, Tommy. Achei que o seu pinto ia cair por falta de uso.

Sim, essa era a minha doce e inocente irmã. Meg recomendou que eu deixasse o ambiente romântico, mas que não desse muito

na cara que estava desesperado para transar. Então comprei roupas de cama novas e as tais velas aromáticas. Confesso que me senti um pouco estúpido, mas, enfim, seria bacana mostrar que eu estava me esforçando, sem, no entanto, forçar a barra.

O fettuccine alfredo com lagostim estava quase pronto. Esse era outro ponto de tensão. Eu havia me esquecido de perguntar se Lauren gostava de frutos do mar, mas agora era tarde. Selecionei um bom Chardonnay para acompanhar. Como nos conhecíamos havia pouco tempo, eu não sabia exatamente quais eram as preferências gastronômicas dela. Agora só me restava rezar. Às sete e cinquenta a campainha tocou. Mais um ponto positivo: pontualidade.

— *Timing* perfeito! — Tentei não demonstrar toda a minha expectativa.

— Jamais ousaria me atrasar num compromisso com um inglês. — Ela sorriu, e eu tinha certeza de que a cada dia ela conseguia ficar mais linda. — Uau, que mesa linda! Obrigada pelo convite.

— Se a comida não estiver boa, pelo menos você não vai sair daqui com uma impressão tão ruim de mim.

Algo no cabelo dela estava diferente. Estavam soltos e tinham algumas ondas na parte de baixo. *Gostei*. Ela usava calça jeans clara e um casaco verde-escuro. De alguma forma, a cor ressaltava a calda quente de chocolate que parecia transbordar daqueles olhos. Quando ela entrou, me ofereci para pendurar o casaco no cabideiro ao lado da porta. Por baixo, ela estava com uma blusa de manga curta que, apesar do decote discreto, permitia ver o início da fenda entre os seios dela. Quase fiquei paralisado com a visão, mas decidi desviar o olhar. Comecei a sentir calor. Segui os olhos dela e vi que ela observava a minha coleção de vinhos. Eu tinha uma estante repleta deles.

— Nossa, quantos discos! — Ela passava as pontas dos dedos pelos LPs, como se quisesse pegá-los, mas estava hesitante.

Fui até ela. Passei os braços em torno de sua cintura e apoiei a cabeça em seu ombro. O cheiro delicioso de baunilha estava lá.

— O que você quer ouvir? — sussurrei no ouvido dela e senti que ela se arrepiou.

— Vamos ver quais são as opções. — Ela passou a mão pelos vinis da primeira prateleira. — Você tem muuuuita coisa dos The Smiths aqui.

— É a minha banda preferida.

— Tem como você ser menos inglês, Thomas? — Ela tinha um ar zombeteiro.

— Não tenho culpa de The Smiths serem a melhor banda do mundo e serem ingleses.

— Um típico comentário britânico. — Ela deu uma risada debochada.

— Qual é a melhor banda do mundo, em sua opinião? — Eu ainda a abraçava por trás.

— Não sei. Nunca pensei sobre isso. A minha irmã é bem mais ligada em música do que eu. Mas você pode tentar me convencer de que quem merece esse posto são os The Smiths.

— Bom, então vamos começar com um clássico. — Estiquei o braço e peguei um disco. — O álbum *The Queen is Dead*.

Ela me observava atentamente enquanto eu colocava o vinil no toca-discos. Tinha um olhar curioso.

— Sempre achei interessante quem ainda mantém o ritual do vinil. Mesmo com o *streaming* e a praticidade de ouvir milhões de músicas on-line, ainda há quem prefira esse rito. — Ela parecia pensativa.

— Há coisas que são importantes demais para que não tenham rituais.

— Que coisas? — Lauren franziu a testa.

— Consigo pensar em algumas agora: música, comida e sexo. Nenhuma delas deve ser degustada apressadamente. Merecem rituais cuidadosos.

E, no mesmo instante em que terminei de falar, me arrependi. Ela corou rapidamente. Seu rosto tinha vários tons de rosa que eu não havia visto antes. Quando estava prestes a pedir desculpas, ela falou:

— Sim. Algumas coisas merecem ser desfrutadas lentamente.

Ela se virou e me abraçou por trás, espalmando as mãos em meu tórax e apoiando a cabeça em minha escápula. Segurei as mãos dela. Era tão agradável sentir o calor dela em mim! As

mãos dela eram tão macias! Comecei a acariciar seus braços. A pele de Lauren deslizava como seda sob meus dedos. Eu me virei e fiquei de frente para ela. Segurei seu rosto com as mãos. Lentamente, beijei-lhe a testa, os olhos, o nariz, as bochechas, o queixo e, finalmente, a boca. Passei a língua no lábio inferior dela e dei uma leve mordida, puxando-o para mim. Ela deu um suspiro e abriu a boca. Aceitei o convite e a explorei lentamente, preenchendo os espaços que ela me dava. Enganchei a mão em seus cabelos e desci com a boca pelo pescoço, depois cheguei à orelha dela. Levemente mordisquei o lóbulo. Ela cravou as unhas nas minhas costas. *Eu a queria tanto, tanto...*

— Você, definitivamente, merece ser saboreada lentamente — sussurrei no ouvido dela. — E é por isso que agora nós vamos jantar.

Dei um beijo na testa dela e, com muito esforço, me afastei. Ela me lançou um olhar que eu não conhecia ainda, e eu queria crer que era de desejo. Aqueles olhos cor de chocolate cintilavam. Naquele momento, vendo o peito dela subir e descer rapidamente, a boca entreaberta, tive certeza de que ela me desejava.

— Vou buscar a comida e o vinho. — Fui até a cozinha e joguei água gelada na nuca. Precisava desacelerar.

— Quando eu tiver que convidar você para jantar, estarei em apuros. Não sei fazer muita coisa além de fritar um ovo. — Ela gargalhou.

— Não sou muito exigente. Um ovo frito tem o seu valor.

— Diz o homem que prepara fettuccine com lagostim.

— Apenas com o intuito de impressionar você. — Pisquei para ela.

— Bom, seu intuito foi atingido. Estou impressionadíssima.

— Só diga isso depois que experimentar.

Ela deu a primeira garfada. E eu fiquei na expectativa. Quando ela começou a fazer sons de prazer, tive que me controlar para não agarrá-la ali mesmo, sobre a mesa. Ver Lauren se deliciando com a comida que eu tinha preparado era uma experiência muito mais erótica do que eu tinha previsto. Fiz um sinal com a mão, para que ela dissesse o que estava achando.



— Está maravilhoso. Meu Deus, Thomas! — Ela murmurou outro gemido, e eu quase peguei a jarra de água na mesa e virei sobre a minha cabeça.

Continuamos à mesa por um bom tempo. Fiquei feliz e aliviado ao constatar que Lauren não fazia o tipo que comia pouco. Ela de fato saboreava a comida e parecia estar verdadeiramente satisfeita. Nunca achei graça em mulheres que ficavam regulando a comida, ou estavam em constante dieta. Como eu gostava muito de gastronomia, sempre apreciei pessoas que gostam de comer. As bochechas de Lauren estavam levemente ruborizadas, o que eu agora atribuía ao vinho.

Começamos a recolher as louças da mesa. Ela me ajudou a retirar os pratos e colocar para lavar na máquina. Decidi que era hora de dar um tempo nos The Smiths, por mais que isso me doesse. O momento pedia outra trilha sonora. Apelei para Ella Fitzgerald. Quando começaram os primeiros acordes de “Love Is Here to Stay”, me dirigi a ela.

— Acho que é o momento de um clássico americano. — Estendi a mão para ela. — Dança comigo?

Ela estendeu a mão e eu a levantei do sofá. A envolvi firmemente em meus braços e começamos a dançar, ali na sala. Não me sentia tão feliz assim havia bastante tempo.

— Você dança bem, cozinha, é professor de literatura, incrivelmente bonito e tem esse sotaque matador. — Ela inclinou a cabeça para trás, para me olhar. — Qual é o seu defeito, Thomas? Você tem chulé? — Ela riu.

Dei uma gargalhada.

— Não tenho. Mas sou compulsivo por organização, e isso pode ser um defeito. Minha irmã me acusa de ter TOC, o que é, obviamente, uma calúnia.

— Hum... — Ela levou a mão ao queixo, fingindo estar pensativa. — Pode ser um problema, eu tenho uma tendência à desorganização.

— Eu organizo o que você quiser, é só me pedir.

Ela descansou a cabeça no meu peito e me abraçou mais forte.

— Seu coração está batendo forte. — Ela começou a acariciar meu peito por cima da camisa. Estremeci com o toque dela.

— Meu coração sempre bate mais forte quando você está por perto.

*Agora eu sei. O seu sorriso me faz perder o fôlego. Eu estou apaixonado por você.*

Ela levantou a cabeça e me encarou. Ficamos por algum tempo nos movendo ao som da música e nos olhando fixamente. Tinha a impressão de que os olhos dela haviam assumido um tom de castanho ainda mais intenso. Nos beijamos. E dessa vez não foi com suavidade. Foi com desejo, com urgência. Prendi a mão em seus cabelos, desejando que não houvesse nenhum espaço entre nós, que pudéssemos nos fundir. Ela ofegava na minha boca e eu estava ficando cada vez mais excitado. Talvez eu devesse ter mantido as coisas num ritmo mais lento, mas não conseguia mais me segurar. Ela se agarrava a mim como se dependesse disso para respirar. Todo o corpo dela sinalizava que ela me queria tanto quanto eu a desejava.

Eu estava com as mãos firmes, segurando-a pelo quadril. Lentamente fui subindo as mãos. Por baixo da blusa, comecei a acariciar as costas dela. Lauren deu um pequeno pulo. Quando eu estava quase chegando à metade de suas costas, ela me empurrou. Ficou totalmente paralisada, com um olhar de horror. Fiquei sem reação. Em seguida, ela se afastou de mim com pressa, em direção ao cabideiro. *Ela ia sair assim? O que estava acontecendo?*

— Lauren, o que houve? Eu fiz algo que te aborreceu? — perguntei, atônito.

— Eu não posso fazer isto, Thomas, sinto muito. — Ela já estava à porta.

Fui até ela. Precisava entender o que eu tinha feito para apavorá-la daquela maneira.

— Por favor, só me diga o que eu fiz.

— Você não fez de nada de errado, o problema sou eu. Por favor, me deixe ir embora! — Ela estava com os olhos marejados.

Sem saber o que fazer, saí do caminho. Ela abriu a porta como se precisasse fugir de mim. Eu vi medo nos olhos dela. Me apoiei no batente, passando as mãos pelos cabelos. Desabei no sofá e fiquei olhando a sala vazia, que estava preenchida, minutos

antes, pelas gargalhadas de Lauren. Eu queria ir atrás dela, mas achei que poderia ser pior. Eu só queria entender o que tinha dado tão errado naquela noite.



## CAPÍTULO 17

### LAUREN

Cheguei em casa desnorteada. Praticamente corri a distância entre o apartamento de Thomas e o meu. Estava em pânico. Quase não consegui virar a chave na fechadura, de tanto que eu tremia. Meu corpo inteiro chacoalhava. Me joguei no sofá e por alguns minutos eu não consegui ter reação nenhuma. Estava em choque. *Como eu podia ser tão idiota?* Eu estava ignorando tudo e me entregando a ele. Mas, quando senti as mãos quentes dele na minha pele, simplesmente não consegui. Como poderia aguentar o olhar de piedade dele? Eu não iria suportar.

Enchi a banheira. Quem sabe ficar imersa na água me ajudasse a acalmar. Quando tirei a blusa e o sutiã, resolvi fazer algo que não fazia havia algum tempo. Vi no espelho tudo aquilo que eu tentava esquecer. Thomas talvez ficasse com nojo. Talvez sentisse pena. Certamente, faria muitas perguntas. E eu não estava preparada para nenhuma dessas opções. Tirei o celular do bolso. Vi que havia quatro ligações não atendidas. Eram dele. Eu não tinha a menor condição de atendê-lo. Não sabia se conseguiria vê-lo novamente algum dia. Eu não esperava que ele

entendesse o que tinha acontecido, mas também não estava disposta a explicar.

Tirei as calças e me afundei na banheira. A água quente ajudava a relaxar os músculos, mas não a cabeça. Estava recapitulando tudo o que tinha acontecido naquela noite: o jantar maravilhoso, todo o charme de Thomas, a música, a dança, os toques... tudo estava perfeito. Eu sabia que era inevitável que em algum momento chegássemos ao sexo. Eu queria dividir muitas coisas com Thomas. Mas não estava preparada para compartilhar a minha dor. Não ainda.

Meu corpo parecia pesar uma tonelada. Quando finalmente desabei na cama, eu explodi. Eu estava com muita raiva de mim mesma por ser tão medrosa. Kate e Jess viviam dizendo que não tinha nada a ver, mas era mais forte do que eu. Fazia tempo que não chorava tanto. Eu já estava apaixonada por Thomas, qualquer idiota poderia notar. Mas não podia me arriscar a tê-lo comigo apenas porque ele considerasse uma obrigação moral. Ele era o tipo de homem que faria uma coisa dessas. Não podia aprisioná-lo a mim e à minha cabeça problemática. Ele merecia coisa melhor. Fui consumida por lágrimas e soluços até que apaguei.

Acordei me sentindo um lixo. Liguei para Jess, avisando que estava com enxaqueca e não iria trabalhar. Não havia a menor possibilidade de ir até a The Book Company e correr o risco de encontrar Thomas lá. O simples pensamento de ter que encontrá-lo de novo me fazia gelar. *O que eu iria dizer para ele? Que explicação poderia dar para o que tinha acontecido na noite anterior?* Decidi ficar na cama o dia inteiro. Não havia o menor motivo para me levantar. Na mesa de cabeceira, meu telefone vibrou. Mais uma ligação de Thomas. Abri a gaveta e peguei a caderneta do autoconhecimento. Precisava fazer algumas notas. E foram as seguintes:

Gosto de homens que cozinham bem;  
Gosto de homens que dançam bem;  
The Smiths é bem mais legal do que eu pensava;  
Eu jamais vou deixar outro homem me tocar;  
Eu sou uma idiota.

Pronto, essas eram as anotações de hoje. Eu era uma imbecil e talvez nunca mais saísse da cama. Estava com tanta vergonha que não sabia mais como iria sair de casa. Melodramático, eu sei. Mas às vezes precisamos sofrer. Esse era o meu dia de fossa.

Peguei um pote de sorvete de chocolate. Era uma boa companhia para o momento. Comecei a fazer uma seleção de *comfort movies*. Iniciei com *Uma Linda Mulher*. Depois, decidi que era uma boa ir até os anos oitenta e rever *Goonies*. No meio do filme, percebi que meu telefone estava vibrando. Mais ligações de Thomas. Uma hora ele iria desistir. Não só das ligações, mas de mim também. Ele seguiria em frente e encontraria uma mulher normal, que não entraria em pânico com o fato de ficar nua na frente dele.

Bom, em seguida minha companhia foi Kat Stratford em *Dez Coisas que Odeio em Você*. Ah, Heath Ledger, que saudades. Meu *crush* da adolescência. Na icônica cena da arquibancada, com Patrick Verona cantando “Can't Take My Eyes Off You”, ouvi a campainha. Não importava. Eu não iria atender. Mais um toque. A pessoa iria desistir em algum momento. E outro. E mais um. *Que droga!* Até que, escutei:

— Lauren, sei que você está aí. Eu não vou embora. Se você não abrir, vou dormir aqui do lado de fora.

*Meu Deus, era Thomas!* Não, eu não podia abrir. Eu não tinha condições de olhar para ele depois de ter fugido da casa dele como um rato assustado. Além disso, eu estava horrorosa. Não

tinha penteado o cabelo, estava com a cara inchada. Não, eu não iria abrir.

— Lauren, nós precisamos conversar. Por favor, não faça isso comigo. Só quero falar com você. — O tom de voz dele era quase uma súplica.

*Pausei o filme e me dirigi até a porta. Jesus, eu estava apavorada. Comecei a considerar minhas opções de fuga. Pular a janela? Não, não era uma boa opção. Fiquei parada atrás da porta. Não sabia o que fazer. Não queria vê-lo. Não queria que ele me visse. Como eu iria encará-lo?*

— Eu não vou embora. Você vai ter que sair do apartamento em algum momento. Por favor, abra, Lauren! Vamos conversar — pediu ele no seu habitual tom polido.

Dava para sentir certa dose de tristeza na fala dele. Thomas não gritava nem sequer alterava o tom de voz. Já eu... estava prestes a desabar e berrar. Queria pedir que ele fosse embora e não me procurasse mais. Mas, de alguma forma, eu queria olhar para ele de novo. Nem que fosse a última vez. Ainda incerta do que fazer, abri a porta. E, dane-se, ele iria me ver descabelada, com a cara inchada e em meu pijama de unicórnios. Talvez fosse uma boa estratégia e ele decidisse procurar por coisa melhor. Por um instante, ele parecia não acreditar que eu tinha aberto a porta. Ficou parado, me observando. Dei espaço para ele entrar.

— Obrigado por me deixar entrar. — Seu tom era extremamente calmo. — Eu queria me desculpar. Se fiz algo que te desagradou...

— Thomas... — eu o interrompi. — Você não fez nada de errado. Pelo contrário. — Respirei fundo.

Minha casa estava uma bagunça. Havia pote de sorvete, embalagens de chocolate, lenços de papel e copos por todos os lados. Vi que, discretamente, ele varria o ambiente com os olhos. *Para alguém obcecado por organização, aquela cena deveria ser um sofrimento.*

— O que aconteceu, Lauren? — Ele tinha uma expressão abatida.

— Não posso levar isto... nós... adiante. O que quer que tenha acontecido entre nós acabou. Eu sinto muito. — Me segurei para

não chorar.

— Lauren, não faça isso. — Ele se sentou ao meu lado no sofá e segurou minhas mãos. — Por favor, me explique o que está acontecendo.

— Eu não posso te dar o que você quer, Thomas.

— E o que você acha que eu quero?

— Sexo, Thomas! Você quer sexo! — Puxei minhas mãos. Eu não podia deixá-lo continuar me tocando. Era muito difícil.

— Você acha que eu só quero transar com você? — Ele parecia ultrajado.

— Talvez não apenas. Mas também.

— Você não se sente atraída por mim?

— Não é esse o problema.

— Lauren, por favor, me responda: você não sente desejo por mim?

Desviei o olhar. Não conseguia olhá-lo.

— Você tem outra pessoa nos Estados Unidos? — Ele parecia triste.

— Não. — Eu estava quase chorando.

— Se você acha que as coisas foram rápido demais, tudo bem, eu entendo. Não vou pressioná-la, eu jamais faria isso. Posso esperar o tempo que for necessário.

— Thomas, nós nunca vamos transar. Acabou. Eu não posso!  
— Desabei a chorar.

Ele se aproximou e segurou meus ombros.

— Ei, calma! Por favor, não chore! Vai ficar tudo bem.

— Não faça isso! — supliquei em meio a soluços.

— Não fazer o quê?

— Não seja tão compreensivo. Grite, fique com raiva! — Levantei do sofá abruptamente. — Você merece alguém melhor do que eu. Por favor, vá embora! — Abri a porta.

— Eu quero você, Lauren.

— Mas eu não quero você, Thomas. Por favor, entenda.

— O que aconteceu ontem? Eu te causei repulsa? — Ele mantinha o mesmo tom de voz inalterado.

Eu não conseguia olhar para ele. Estava doendo demais em mim ter que fazê-lo pensar que eu não o queria. Mas não tinha



outra saída. Ele precisava de uma mulher que fosse boa o suficiente para ele. Continuei parada com a mão na maçaneta. Não havia mais nada que eu pudesse dizer. Ele se levantou do sofá com a sua habitual elegância e se dirigiu até mim.

— Tudo bem, Lauren. Eu vou embora. Não posso te forçar a sentir o que eu sinto. Me desculpe por ter sido inconveniente.

Ele saiu. Quando vi Thomas cruzando a porta do meu apartamento, tive certeza de que ele estava levando um pedaço do meu coração com ele. Aquele homem estava em minha vida havia tão pouco tempo, mas já tinha me afetado como ninguém mais fizera. Eu não podia permitir que ele se relacionasse com uma pessoa como eu, que não era mais inteira. Eu estava despedaçada, e talvez não houvesse conserto para mim. Ele jamais saberia como eu me sentia. Eu nunca iria desejar outro homem tanto quanto queria Thomas Keith.



## CAPÍTULO 18

### THOMAS

Saí da casa de Lauren desorientado. *Então tudo o que eu achava que tinha acontecido entre nós era uma mentira?* Eu havia ido à livraria atrás dela. Sabia que a enxaqueca era mentira. Sabia que ela estava fugindo de mim. Eu não conseguia entender o que tinha dado errado. Agora eu sabia. O olhar de pânico logo depois que levantei sua blusa, na verdade, era uma expressão de rejeição. Ela não me queria. Eu não tinha compreendido isso. Agora tudo fazia sentido.

Ainda assim, eu não entendia. Os sorrisos, os beijos, todos os sinais... Pensei que ela estivesse tão envolvida quanto eu. Aparentemente, eu estava mesmo enferrujado e não entendia mais nada sobre a arte do flerte. Ela foi bastante clara: *eu não quero você, Thomas. Por favor, entenda.*

Ao chegar em casa, vi Byron parado no meio da sala. Ele parecia estar me esperando. Me joguei no sofá e ele pulou no lugar ao meu lado. Começou a esfregar a cabeça no meu braço, como que para me consolar.

— Pois é, Byron. Estou tendo um dia difícil. — Suspirei e acariciei a cabeça dele.

Fiquei por horas ali estirado. Byron se recusou a sair do meu lado. E depois há quem diga que gatos são interesseiros. Humpf! Eu não tinha vontade nem coragem de sair do lugar. Pensava em como a vida podia ser injusta. Dois anos vivendo em estado de torpor. Eu não sentia absolutamente nada. Quando conheci Lauren, voltei a sentir. Na verdade, me apaixonei de verdade pela primeira vez. Eu nem sabia que aquele arrebatamento existia até conhecê-la.

Mesmo sendo professor de literatura e estudando poetas românticos como Lord Byron, nunca acreditei nessa dor pungente do amor. Sempre achei que o sofrimento de uma paixão não correspondida era um exagero para efeitos literários. No entanto, agora lá estava eu, completamente perdido e sem rumo, arrasado pela rejeição de uma mulher. Eu não conseguia pensar em nada além de Lauren. E em como eu podia ser estúpido por ainda querê-la tanto. Deus, se ela aparecesse em meu apartamento e dissesse qualquer coisa, eu aceitaria.

Já que estava na fossa, iria me jogar de cabeça. Ouvir The Smiths era a solução. “There Is a Light that Never Goes Out” traduzia muito bem o meu estado de espírito. Sombrio, dramático. Melancólico e, ainda assim, apaixonado. *To die by your side is such a heavenly way to die*<sup>[1]</sup>. Ah, Lauren, você estava acabando comigo. Como podia uma mulher levantar alguém até as alturas e depois arrastar às profundezas do inferno? Não sabia. Em alguns momentos, cheguei a rir de mim mesmo. Estava sendo ridículo, sofrendo como um adolescente, mas eu não conseguia evitar. Então, comecei a recitar para mim mesmo:

— *Eu encontrei uma dama nos campos, tão linda... uma jovem fada, seu cabelo era longo e seus passos tão leves, e selvagens eram seus olhos. — Suspirei. — Eu vi pálidos reis e também príncipes, pálidos guerreiros, de uma mortal palidez todos eles eram; eles gritaram: “A bela dama sem piedade tem você escravizado!”*

Meu Deus, continuava recitando versos de Keats! O caso era grave. Eu queria ligar para ela. Não, eu queria ir novamente ao apartamento dela. Queria ter gritado com Lauren e dito que ela

estava ferrando com a minha cabeça. Queria ter berrado e me jogado aos pés dela, feito um escândalo, uma cena, sei lá... Mas, como de costume, não fiz nada disso. Sequer levantei o tom de voz, apesar de estar com muita raiva. Nem mesmo agora, que estava cheio de ressentimento e dor de cotovelo, eu me sentia alterado. Se alguém chegasse à minha sala de estar, acharia que eu estava relaxando depois de um dia de trabalho. Quando, na verdade, eu estava sofrendo pra cacete.

Ouvi o telefone tocar. Meu coração acelerou, pois o primeiro pensamento foi que era uma ligação de Lauren. Ela ia dizer que estava arrependida, que na verdade me queria muito. No entanto, era uma ligação de Meg. Considerei não atender, mas decidi ver o que ela queria.

— Oi Tommy, como foi o jantar ontem? — Ela estava cheia de animação.

— Oi, Meg. Na verdade, foi um desastre.

— Meu Deus, por quê? Ela não gostou da comida?

— Gostou. Na verdade, o problema é que ela não me quer.

— Como assim? Claro que quer! Por tudo o que você me contou, ela está super a fim.

— Meg, eu não quero falar sobre isso agora, tudo bem? Podemos conversar outro dia?

— Claro, Tommy! Poxa, que droga. Te amo.

— Também te amo, Meg.

Continuei ali, prostrado no sofá. Não sentia fome, não sentia sono, só uma vontade desesperadora de ter Lauren nos meus braços de novo. Só me levantei porque Byron precisava de comida e da caixa de areia limpa. Coloquei outro disco dos The Smiths para tocar. Deu vontade de tomar um uísque. Levei a garrafa para o sofá. Comecei a tomar a bebida na própria garrafa. *Ótimo, agora estava parecendo uma caricatura de Bukowski.* Depois de muitos e muitos goles, eu finalmente estava bêbado. Quando “Hand in Glove” começou a tocar, eu parecia um zumbi dançando no meio da sala. Até que comecei a gritar a plenos pulmões:

— *Hand in glove, we can go wherever we please and everything depends upon how near you stand to me*<sup>[2]</sup>.

Comecei a fazer o que certamente era a pior imitação dos movimentos de Morrissey de toda a história. E continuei gritando:

— *And I'll probably never see you again, I'll probably never see you again*<sup>[3]</sup>.

Me joguei no sofá, já com o equilíbrio extremamente prejudicado pelo excesso de álcool. Byron estava no chão e me observava com um ar de julgamento. *Sim, eu sou um ser humano patético, você tem razão, gato.* Deitei e comecei a passar as mãos nos cabelos, como se quisesse me livrar de todas as imagens que tinha de Lauren na minha cabeça. Como se quisesse esquecer todos os sorrisos dela que eu tinha catalogado.

— Ah, Lauren, sua cretina! Por que você fez isso comigo? — gritei. Finalmente, eu estava tendo alguma reação, estava extravasando. Me sentia tão exausto que desabei no sofá e dormi.

Acordei com o despertador tocando. Estava bastante dolorido. Dormi todo torto no sofá. Também estava com uma baita enxaqueca. *Ótimo.* Uma dor de cotovelo e uma ressaca. *Sensacional.* Ainda mais porque eu tinha que dar aula. Tomei uma chuveirada, me arrumei e fiz café. Era o melhor remédio para a ressaca. Quanto ao coração partido, ainda não sabia a receita. Talvez, manter distância de Lauren fosse a melhor solução. Eu não iria mais à The Book Company. Era o momento de tirar Lauren da minha vida.



## CAPÍTULO 19

### LAUREN

Eu não encontrava Thomas havia seis meses. Ele nunca mais tinha ido à The Book Company, e eu tive que contar à Jess o que havia acontecido. No fim das contas, eu também me sentia mal por ter afastado um dos melhores clientes dela, que também era um amigo, mas ela entendeu. Minha prima compreendia a minha insegurança, apesar de não concordar comigo. Kate, assim que eu contei tudo, seguiu a mesma linha de raciocínio. Só que a minha irmã foi mais longe: disse que eu não seria feliz enquanto não lidasse com os fantasmas do passado. E eu sabia que ela estava certa.

Eu não conseguia esquecer Thomas. Vários livros me faziam lembrar dele. Agora, como uma praga do destino, tocava The Smiths em vários lugares, parecia um *revival* dos anos oitenta. Eu me afundava em amargura, recordando os beijos doces e quentes ao mesmo tempo. Eu ficava cada vez mais na livraria. Quanto mais tempo eu passava no trabalho, menos tempo sobrava para ficar em casa, sozinha, pensando nele. Jess e Will sempre me convidavam para ir a algum pub. No início até fui

algumas vezes, mas não conseguia me divertir. Thomas tinha levado com ele todas as minhas esperanças de um recomeço.

Naquele dia em especial, eu estava uma pilha de nervos. Era aniversário de dez anos da The Book Company e eu tinha ajudado Jess a preparar um grande evento. Na verdade, tínhamos um mês de programação intensa, mas naquele dia era a festa. Jess me consultou a respeito de convidar Thomas. Eu não tinha o direito de interferir nisso, então disse a ela que não me importava. Mas, claro, não era verdade. Além disso, Thomas também havia sido convidado para dar uma palestra sobre Lord Byron. O que eu poderia dizer? Só esperava conseguir vê-lo e manter o mínimo de dignidade.

Depois que ajudei a preparar tudo para o evento, fui até a minha casa para tomar um banho e me arrumar para o coquetel na livraria. Jess era bastante influente na comunidade literária londrina, então esperávamos alguns nomes importantes de editores, autores, livreiros... Mas o meu interesse residia em apenas um professor universitário convidado. Estava com bastante receio de reencontrar Thomas. Como eu deveria agir? Fingir indiferença? Mostrar felicidade por revê-lo?

Peguei o vestido rosa-chá que eu havia comprado especialmente para a ocasião. Era um modelo bastante clássico, mas que tinha um toque discreto de sensualidade. Era fechado nas costas, com uma saia plissada e um leve decote que dava o destaque estratégico ao busto. Ondulei levemente os cabelos e fiz uma maquiagem discreta. Dei uma última olhada no espelho e gostei do que vi. *Espero que Thomas também goste.*

Ao chegar à livraria, já havia alguns convidados lá. Vasculhei rapidamente o ambiente, procurando por ele. Aparentemente, Thomas ainda não tinha chegado. Jess fez um sinal para que eu me aproximasse. Ela queria me apresentar a um editor que era amigo dela, Mark Henris. Ele tinha uma editora independente e apostava em novos nomes da literatura. Jess estava articulando para que eu trabalhasse meio período para ele e meio período na livraria. Apesar de eu estar sendo bem importante na The Book Company, ela sabia que o meu verdadeiro sonho era trabalhar numa editora. Henris precisava de ajuda na revisão de livros para

publicação. Jess contou que eu não tinha experiência, mas era formada em literatura e tinha um excelente olho e gosto para livros. Palavras dela. Henris me chamou para conversarmos no dia seguinte e acertarmos os detalhes. *Finalmente, algo me animava.*

Enquanto ainda estava conversando com Mark e Jess, eu o vi. Ele estava entrando na livraria e parecia estar à procura de alguém. E, quando achei que não tinha como ficar mais nervosa, percebi que estava enganada. Thomas estava acompanhado. Ele estava de mãos dadas com uma mulher. Parecia que meu coração ia parar. Tentei não ficar olhando muito, mas não conseguia. Ela era muito bonita; alta, tinha os cabelos castanhos um pouco mais claros do que os meus. *Bem magra.* Estava com um vestido preto que ressaltava a figura longilínea dela. Eu queria sair correndo. Quando pensei em me esconder, ele me viu. Ficou parado por alguns segundos me olhando, com uma expressão de dúvida. E, então, eles vieram em nossa direção. Thomas cumprimentou Jess e Mark calorosamente. Percebi que ele também conhecia o editor. Ele se dirigiu a mim:

— Olá, Lauren, tudo bem com você? — Seu tom era educado como sempre, mas eu podia notar a frieza na voz dele.

Eu apenas acenei com a cabeça, sinalizando que estava tudo bem.

— Ah, permitam-me apresentar a minha namorada, Denise. Ela também é professora no King's College.

*Namorada. Ele agora tinha uma namorada.* Senti náusea.

— Mas isso é excelente! Duas mentes brilhantes se juntaram! — Mark parecia genuinamente feliz. — Denise é *expert* em estudos transmídia, nós já trabalhamos juntos.

*Ótimo. Ela era bonita e brilhante. E já tinha trabalhado com o meu possível futuro chefe.* Parecia que a noite não podia ficar pior. Com o melhor sorriso que eu consegui dar, pedi licença com a desculpa de que tinha que ajudar na organização do evento. Jess me olhou com um ar de cumplicidade. A verdade é que eu nunca considereei que Thomas pudesse estar com outra pessoa. Fui totalmente estúpida, é claro. Por que um homem como ele ficaria sozinho? Agora ele tinha uma pessoa que o merecia. Eles



eram professores universitários, parecia que combinavam. Senti um embrulho no estômago.

A festa de aniversário da The Book Company estava sendo um sucesso, e a livraria lotada estava me sufocando, então decidi sair um pouco. Eu sabia que não seria muito fácil rever Thomas ali, mas não imaginei que ficaria tão arrasada. De alguma forma, eu esperava que ele aparecesse e dissesse para mim quanto havia sentido a minha falta. Sim, eu estava sendo egoísta por pensar isso. Ele tinha que seguir com a vida dele, era natural. O ar estava um pouco frio, mas eu absorvia aquela brisa gelada como se isso fosse um antídoto para a minha frustração.

— Você está bem? — Ouvi a voz de Thomas atrás de mim.

Ele estava sozinho. *E como ele era lindo.* Queria que ele desaparecesse e parasse de me lembrar que era tão bonito. Ele estava com as mangas da camisa dobradas até a metade dos braços e uma calça estrategicamente justa. Os cabelos dele estavam um pouco maiores do que eu me lembrava. E os olhos pareciam ainda mais azuis. *Por favor Thomas, vá embora.*

— Sim, está tudo bem — respondi em tom protocolar.

— Soube que você vai trabalhar com Mark Henris. Parabéns, ele é um excelente profissional!

— Obrigada.

Um silêncio desconfortável se instalou entre nós. Eu não sabia mais o que dizer. *Por que ele tinha que ser tão gentil? Por que ele tinha que ser tão elegante e ter tão boas maneiras?* Seria muito mais fácil se ele fosse arrogante. Se esfregasse na minha cara que era um professor universitário e eu era uma atendente de livraria. Mas ele nunca fez isso. Nunca faria. Eu queria que ele fosse mau. Queria que ele dissesse alguma coisa ruim, porque isso tornaria tudo menos complicado, enquanto o fato de ele ser tão bom tornava tudo muito difícil. Eu queria muito abraçá-lo. Queria sentir o calor dele de novo, mas como isso poderia acontecer? Eu nunca teria coragem de me expor totalmente para ele. E agora ele tinha seguido em frente. Não havia futuro para nós.

— Eu tenho que voltar. Jess deve estar precisando de ajuda.

— Lauren, fico feliz por ver que você vai ter novas oportunidades. Boa sorte!

Sorri para ele em agradecimento. *Ah, Thomas... por que você tinha que ser tão doce?* Por mais que eu tivesse medo, o jeito como ele me olhava me fazia querer dizer tudo para ele, compartilhar as minhas dores, o meu passado... mas eu não podia. Quando me virei para entrar na The Book Company, só conseguia pensar nas frases de E. E. Cummings: *Teu mais ligeiro olhar facilmente me descerra, embora eu tenha me fechado como dedos, nalgum lugar me abres sempre pétala por pétala como a primavera abre.* O simples olhar daquele homem fazia com que eu quisesse me entregar. Agora já era tarde para isso.



## CAPÍTULO 20

### THOMAS

**E**u não vou negar que parte de mim queria muito se vingar de Lauren. E, para isso, levar Denise à festa da The Book Company me pareceu mais do que adequado. Mas, ao chegar lá e vê-la, percebi o erro que tinha cometido. Ela estava especialmente linda. Quando me aproximei dela, depois de tantos meses, quase me esqueci de Denise. Sim, é muito cruel e eu me senti um canalha. Mas não consegui evitar. E fiquei com muita raiva, porque eu ainda desejava Lauren. Talvez até mais do que antes. Ela tinha voltado a se fechar, assim como fez logo que nos conhecemos. Quase não ouvi a voz dela, apesar de ter tentado puxar conversa.

Uma coisa não me escapou, porém: ela parecia nervosa com a minha presença. Talvez fosse só a minha imaginação, pela vontade que eu tinha de que ela estivesse tão afetada por mim quanto eu estava por ela. Mas meu lado egoísta queria que ela pensasse que eu estava muito feliz sem ela, o que era uma total mentira. Eu estava com Denise havia três meses. Eu realmente não estava procurando nenhum tipo de relacionamento, mas

Lauren despertara muitas coisas que estavam adormecidas em mim, inclusive o desejo sexual.

E foi assim que Denise e eu acabamos nos unindo: após uma reunião chata de departamento, saímos para beber. Um virou ombro amigo do outro e, quando percebemos, já estávamos na cama dela. Depois de quase dois anos de abstinência, ter uma relação sexual prazerosa foi ótimo. Maravilhoso. E Denise era uma excelente companhia. Ela fazia parte da minha zona de conforto, mas eu não estava apaixonado por ela. Depois de reencontrar Lauren, tive ainda mais certeza disso.

— Está tudo bem? — me perguntou Denise quando retornei à livraria.

— Sim, só estou um pouco cansado. Minha palestra vai começar agora. Você se importa se formos embora logo em seguida? — praticamente murmurei.

Estava tão perturbado que inventei uma desculpa para Denise e a deixei em casa. Geralmente, depois que saíamos, dormíamos juntos. Mas hoje eu não ia conseguir. Precisava ficar sozinho e ordenar meus pensamentos. *Será que Lauren estava saindo com alguém?* Então eu me dei conta de que não sabia muito sobre o passado dela. Ela não havia me contado nada sobre relacionamentos anteriores. Nem sei se ela sabia de Lisa. Eu precisava saber mais sobre ela. Ainda que não fôssemos ficar juntos, precisava entender algumas coisas. Existiam peças que não se encaixavam naquele quebra-cabeça.

Tive que apelar para o único expediente que me pareceu possível: Jess. Nós nos conhecíamos havia bastante tempo. E eu sabia que ela era transparente e verdadeira. Lauren era prima dela, e talvez ela não quisesse compartilhar muita coisa comigo, mas eu precisava tentar. Estava decidido a conseguir qualquer informação que fosse. O motivo? Eu não sabia ao certo. Decidi mandar uma mensagem para Jess.

***Eu:** Imagino que você ainda esteja na festa, mas preciso conversar com você. Podemos nos encontrar amanhã? Pode ser no café que fica próximo à livraria?*

Alguns minutos depois, veio o som da notificação:

**Jess:** Claro, Tom. Pode ser às 8h da manhã?

**Eu:** Perfeito, às 8h. :)

Jess mandou uma mensagem de joinha. Eu tinha tantas perguntas a fazer... Inspirei fundo e tentei afastar a imagem de Lauren da cabeça. Como ela era linda... e parecia ainda mais frágil do que antes. Eu queria tanto envolvê-la em meus braços, sentir o calor de seu corpo novamente, dizer tudo o que ainda não havia sido dito... *inferno!* Eu precisava dormir, mas pegar no sono não estava sendo nada fácil.

Quando cheguei ao café, pontualmente às oito, Jess já estava lá. Ela acenou para mim e eu me dirigi à mesa em que ela já saboreava um espresso.

— Desculpe, Tom, mas sou terrível pela manhã. Já estava precisando de um café.

— Sem problemas, Jess. Também não sou a pessoa mais matinal do mundo.

Acenei para a garçonete e pedi um macchiato.

— Desculpe fazer você acordar mais cedo, ainda por cima depois de uma festa, mas eu tenho que dar aula ainda e realmente não consigo mais adiar esta conversa.

— Nossa, Tom, você está me assustando. — Ela sorveu um longo gole de café.

— Vou ser direto: eu preciso de mais informações sobre a Lauren. A maneira como tudo acabou entre nós me deixou cheio de perguntas, e eu tenho certeza de que ela se recusaria a me responder.

— O que você quer saber?

— Quero saber sobre o passado dela... que relacionamentos ela teve, o que aconteceu? Eu tenho a impressão de que ela esconde algo.

— Ai, Tom... você está me colocando numa situação delicada...

— Por favor, Jess. Só me diga o que eu preciso saber.

— Tom, eu vejo que você gosta dela, de verdade. E vejo que ela também gosta de você. Muito. — Ela tomou mais um gole de

café, como se hesitasse em contar mais. — E sei que ela se afastou de você por medo.

— Medo *de mim*? — Minha voz saiu esganiçada.

— Não *de você*. Medo de se expor *para você*...

— De se expor? — Eu realmente não conseguia entender.

— Sim, de se expor, literalmente. De ficar nua na sua frente.

Olhei para Jess com uma expressão de interrogação.

— Ela foi casada, Tom. — Jess bebeu mais café, como se precisasse de coragem para continuar. — Com um babaca que ela conheceu no colégio. Foi o primeiro namorado dela. — Jess fez uma pausa, e eu senti que estava prestes a descobrir alguma coisa grave. Pela expressão dela, eu sabia que não podia ser boa coisa. — O cara era um verdadeiro cretino. E os pais dela não ajudaram muito. Meu tio é um militar machista que acha que as mulheres não servem para muita coisa além de procriar. Minha tia é uma dona de casa pau-mandado. Eles fizeram um excelente trabalho minando a autoestima da Lala. Minha tia sempre dizia que Kate era a filha bonita. Lala era a simpática. Eles nunca deram muito crédito nem ao menos à inteligência dela.

— Mas isso é uma loucura! — disparei. — Lauren é a mulher mais bonita que eu já conheci! — Eu estava ficando revoltado.

— Sim, eu sempre disse isso para ela. Kate também. Mas Lala nunca acreditou. Ela sempre se sentiu inferior. Em tudo. E isso foi o começo dos problemas para ela. Graham, o tal ex-marido babaca dela, era um cara bonito, daquele tipinho popular. *Quarterback* do time de futebol americano da escola. E, obviamente, a viu como uma presa fácil: uma menina linda, mas insegura, extremamente tímida e com problemas de autoestima.

A raiva era como um nó crescendo na minha garganta. Involuntariamente, eu estava cerrando os pulsos. *Graham*. O que esse maldito fez?

— Eles se casaram logo após o fim da faculdade. Todo mundo notava, desde o namoro, que ele era extremamente controlador. Ele regulava até mesmo o que ela vestia e com quem falava. Mesmo a distância, ele exercia um controle absoluto sobre a vida

dela. Ela não teve vida social durante a faculdade. Praticamente não saía. Não queria desagradá-lo.

— Que desgraçado! — praticamente bufei.

— Sim, um babaca. Bom, quando eles se casaram, as coisas pioraram. As agressões verbais aumentaram. Lala ficava muito sozinha. Graham foi para o Afeganistão e, mesmo depois que voltou para os Estados Unidos, ele viajava muito. Lala fez de tudo para manter o casamento, mas chegou a um ponto que se tornou insustentável.

Por algum motivo, pela expressão de Jess, eu sabia que o pior ainda estava por vir. Definitivamente, esse Graham já era o cara que eu mais odiava no mundo.

— Enfim, ela pediu o divórcio. E foi nesse dia que ela foi espancada até quase morrer. Kate a encontrou inconsciente. Lauren ficou fora do ar por dois dias. Quebrou o braço, o nariz, teve traumatismo craniano e algumas costelas fraturadas. — Jess estava quase chorando.

— Esse *filho da puta* está preso? — grunhi.

— Não.

— Isso é inacreditável. — Dei um soco na mesa. — Esse desgraçado tinha que apodrecer na cadeia!

Jess me olhou assustada. Acho que estava tão surpresa quanto eu pelo meu descontrole.

— Sim, ela prestou queixa, mas a família dele é muito influente na cidadezinha em que eles moravam. Enfim, ela conseguiu o divórcio, e ele, infelizmente, já está casado de novo. Pobre coitada da mulher que está com ele!

— Jess, você acha que ela tem medo de que eu a agrida? — perguntei, num tom de desespero.

— Ah, não, Tom! Não é isso! — Ela pôs a mão no meu braço. — Não é esse o problema. Mas nesse assunto eu não vou me meter. Acho melhor você conversar com ela.

— Ela não vai querer falar comigo.

— Vai sim. Não desista. — Jess me deu um olhar tranquilizador.

Saí do café com um turbilhão na cabeça. Eu não sabia no que pensar primeiro. Só sei que nunca, em toda a minha vida, senti

tanta raiva. Eu odiava uma pessoa que sequer conhecia. Eu odiava aquele *Graham filho da puta*. Lauren fora espancada e quase morrera. Isso não saía da minha cabeça. Eu queria encontrá-la e dizer que jamais a machucaria. Queria abraçá-la e dizer que ela nunca precisaria ter medo de mim. Mas eu não podia, ainda. Precisava ordenar os meus pensamentos. E também precisava ser honesto comigo mesmo e com outra pessoa: *Denise*.

Aquele foi mais um dia rotineiro na universidade. Depois de todas as aulas, pedi para conversar com Denise. Eu não podia mais continuar me enganando e a enganando. Marquei um jantar, no qual expliquei que não podia continuar com o nosso relacionamento. Não entrei em detalhes, mas ela parecia saber qual era o motivo.

Voltei para casa, tentando pensar no que fazer. Eu precisava falar com Lauren. Eu a queria e, não importava quanto seria difícil fazê-la confiar em mim, eu precisava tentar. Sabia que ela se fecharia no começo. Mas Jess trouxe uma nova esperança para mim. Durante algum tempo, pensei que Lauren realmente não me queria. Agora eu entendia seu medo. Eu precisava desabafar com alguém. Ia falar com Meg. Quando peguei o celular, vi que ela tinha mandado uma mensagem:

*Parece que um professor muito lindo e charmoso vai ser tio. Venha jantar conosco hoje :)*

Abri um largo sorriso. Sabia que o sonho dela era ser mãe. Eu estava muito feliz pela minha irmã, de verdade. Bom, meu desabafo teria que esperar. Não era justo encher a cabeça de Meg com meus problemas, não quando ela estava tão feliz. Respondi, confirmando o jantar com ela. Mas meus pensamentos não abandonavam Lauren. Havia mais alguma coisa que eu precisava descobrir por mim mesmo, segundo Jess. E era isso que eu iria fazer. Só que eu ia dar um tempo antes de agir. Para mim e para ela.





## CAPÍTULO 21

### LAUREN

Havia duas semanas que eu estava trabalhando na editora MH pelas manhãs. Mark era um chefe muito legal e estava me ensinando diversas coisas sobre o mercado literário. Ele tinha mais de trinta anos de experiência no ramo, então era como se eu estivesse tendo a oportunidade de fazer um curso intensivo e ainda era paga por isso! À tarde, eu continuava trabalhando na The Book Company. Thomas tinha voltado a frequentar a livraria e nós nos reaproximamos. Ele chegou de mansinho e, como antes, conseguiu baixar a minha guarda.

Foi estranho, porque no começo houve aquele distanciamento esperado, mas depois de apenas alguns dias nós já conseguíamos conversar quase normalmente, mesmo que fosse difícil refrear o ímã que insistia em me puxar para ele. Parecia que havia entre a gente um acordo tácito de sermos amigos. Pelo menos, eu podia olhá-lo, ouvir sua voz e ver suas covinhas maravilhosas todos os dias. E Jess me contou que ele havia rompido o namoro com Denise. Não vou negar que fiquei feliz. Quase sempre conversávamos sobre literatura, mas naquela tarde tivemos uma animada discussão sobre música.

— Não é possível que você não concorde que The Smiths é a melhor banda do mundo! — Ele deu um sorriso.

— Eu não concordo! — Fiz uma careta debochada.

— Mas você disse que nem gosta tanto de música.

— Eu não disse isso! Eu disse que não sou tão ligada em música quanto a Kate.

— E qual é a melhor banda do mundo, *srta. Taylor*? — Ele arqueou as sobrancelhas.

— Fique feliz porque é uma banda britânica.

— Ah, não! Você vai dizer que são os Beatles! Tão previsível!

— Você errou. Não sou uma pessoa previsível, *professor Keith*. A melhor banda do mundo é Muse! Após uma longa pesquisa, esse é o meu veredito.

— Estou chocado! Você é mesmo surpreendente! — Ele deu uma risada.

Eu estava ficando cada vez mais apaixonada por ele. Não havíamos nos tocado mais. Não trocamos mais nenhum beijo. Nada. Ainda assim, qualquer proximidade dele me deixava mais alerta do que qualquer outra coisa na vida. A cada pedaço dele que ele revelava para mim, mais eu o amava. Não sabia por quanto tempo conseguiria sustentar minha paixão platônica.

Já era noite e eu estava em casa havia algum tempo. Tentava decidir o que ver na Netflix quando a campainha tocou. Quando abri a porta, quase fiquei sem ar. Era Thomas. Lindo como sempre, trajando um pesado casaco azul, que combinava com seus olhos.

— Desculpe vir sem avisar, mas eu preciso muito conversar com você. — O tom dele era sério.

— Claro! — Fiz um sinal para que ele entrasse.

Ele, como sempre, estava calmo e centrado. Tirou o casaco e o pôs na poltrona, deixando os músculos à mostra debaixo da camisa justa. Com sua postura de lorde inglês, dirigiu-se até o sofá. Eu me sentei ao lado dele e ficamos de frente um para o outro. A proximidade dele me sufocava, porque ele estava ali tão perto e, ao mesmo tempo, estávamos tão distantes...

— Lauren, eu sempre tive muita curiosidade, porque sentia que havia algo que você escondia de mim. E eu descobri — disse ele

no tom de voz mais calmo possível.

— Do que você está falando? — Eu podia sentir meus batimentos cardíacos acelerando.

— Sobre o seu ex-marido. Sobre o seu relacionamento abusivo. — Ele fez uma pequena pausa. — Sobre a agressão que você sofreu.

Todo o meu corpo entrou em alerta. Parecia que eu ia desabar. Cheguei a pensar que tinha entendido errado. Ele não tinha como saber a respeito de Graham. Sim, é claro! *Jess contara a ele*. Eu ia matá-la!

— Você acha que sabe alguma coisa, mas não sabe nada a meu respeito! — falei, asperamente.

— Tenho certeza de que há muito para descobrir sobre você. E eu quero que você me conte. — O tom de voz dele continuava inalterado.

— Eu não tenho nada para te contar, Thomas. Tenho certeza de que Jess já fez um ótimo trabalho! Ela te contou que eu quase morri? — Eu estava praticamente gritando. — Que o meu ex-marido era um babaca que me espancou até quebrar minhas costelas, meu braço e meu nariz?

— Sim, ela me contou sobre a agressão. Mas o que eu quero saber é por que você tem medo de mim. Você acha que eu seria capaz de te agredir? — Ele arregalou os olhos.

— Eu jamais pensaria que você seria capaz de me agredir, Thomas! — retruquei com raiva.

— Do que você tem medo, então, Lauren?

— Eu tenho medo da sua piedade! Não quero que você tenha pena de mim! — Eu estava quase chorando.

— Eu jamais teria pena de você, Lauren, eu te amo! — berrou ele.

Foi um momento de choque. Por dois motivos: eu ouvi Thomas alterar a voz pela primeira vez e ele disse que me amava. Comecei a hiperventilar.

— Então você me ama, Thomas? — perguntei com a voz trêmula.

— Amo.

— Você não vai me amar depois que souber a verdade. — Eu o olhava fixamente.

— E qual é essa verdade tão terrível que vai ser capaz de mudar o que eu sinto por você? — Seu tom era desafiador.

Em pé, sem dizer uma palavra, comecei a desabotoar a camisa. Thomas me olhava com uma expressão de incredulidade, como se não conseguisse compreender o que eu estava fazendo. Deixei a camisa cair no chão e me virei de costas para ele, para que ele pudesse ver por si mesmo. Um silêncio sepulcral pairou entre nós.

Ele não disse nada durante um bom tempo. Eu não conseguia me virar para olhá-lo. Senti que ele se aproximava. Eu não conseguia me mexer. Era como se estivesse presa ao chão. Ele passou a mão suavemente por toda a extensão das minhas costas. Eu respirava como se houvesse uma bigorna no meu peito. Comecei a tremer. Ele me abraçou por trás e apoiou a cabeça no meu ombro.

— Shh, fique calma — sussurrou ele no meu ouvido. — Eu estou aqui com você. — O beijo dele no meu pescoço era quente.

Quando me virei para encará-lo, ele tinha uma expressão bastante tranquila. Era totalmente diferente do que eu imaginava. Não havia olhar de nojo ou de pena. Ele continuava me olhando com a ternura que sempre havia me olhado. Thomas passou a mão nos meus cabelos e eu não aguentei mais segurar. Comecei a chorar. Desabei. Parecia que tudo o que estava reprimindo durante tanto tempo tinha vindo à tona. Sem forças, eu me joguei nos braços dele e o agarrei, como se ele fosse uma tábua de salvação. Ele me abraçou apertado. E eu comecei a acreditar que tudo podia dar certo.



## CAPÍTULO 22

### THOMAS

Quando Lauren tirou a camisa e me mostrou todas aquelas cicatrizes, confesso que fiquei surpreso. As costas dela tinham muitas, muitas marcas, mas não eram tão terríveis quanto ela imaginava. Eu só pensava no que poderia ter causado aquelas lesões. Mas o que mais me doeu foi o fato de ela pensar que isso mudaria alguma coisa para mim. Depois, quando ela começou a chorar e me abraçou, tive certeza de que ela precisava de mim. Não importava quanto ela iria se fechar ainda, eu não ia desistir.

— O que aconteceu com as suas costas? — perguntei com a maior calma possível.

— Foi o Graham. — Ela desabou a chorar ainda mais.

*Filho da puta. Desgraçado.* Eu definitivamente o odiava. Eu nunca havia odiado ninguém, mas esse cara existia para provar que tudo tinha uma primeira vez. Ele me deixava descontrolado.

— Como ele fez isso? — continuei, tentando manter o tom de voz calmo.

— Com uma faca. Depois que ele me espancou, eu fiquei inconsciente, aí ele me marcou com uma faca. Acho que tentou

deixar registrado que eu era propriedade dele. — Ela soluçava.

Eu a abracei mais forte. Como eu queria protegê-la! Dizer que ela era linda. Maravilhosa. Incrível. Inteligente. Que eu amava quando ela mostrava seu senso de humor. Tudo.

— Isso não muda nada para mim. Só me faz te amar ainda mais. Você é linda, Lauren. E eu te desejo ainda mais do que antes.

— Você não precisa fazer isso, sabe?

— Fazer o quê?

— Se não quiser ficar comigo depois disso tudo, eu vou entender. — Ela fungava.

— Lauren, que tipo de homem você acha que eu sou? — Segurei o queixo dela gentilmente, para que olhasse para mim.

— Um tipo de homem tão bom que é capaz de ficar comigo por pena. — Ela caiu no choro novamente e apoiou a cabeça no meu peito.

— Eu não tenho pena de você. Tenho orgulho pelo fato de você ter passado por tanta merda e ter forças para estar aqui. Tenho ódio de quem fez isso com você — expus da maneira mais tranquila possível.

Ela continuou chorando abraçada a mim. Ficamos por bastante tempo assim. Eu a coloquei no colo, para que ela ficasse ainda mais perto. Ela me abraçava com força, muita força. E, obviamente, eu odiava vê-la sofrendo tanto, mas era confortável saber que, de alguma forma, ela se sentia protegida comigo. A explosão de emoções a exauriu. Depois de uma hora, mais ou menos, Lauren adormeceu.

Eu estava com a camisa molhada pelas lágrimas dela. Ainda fiquei com ela por um tempo no sofá, acariciando seus cabelos e beijando-lhe a testa. Agora, havia se tornado uma questão de honra ensinar Lauren a ser amada. Era uma missão. Meu coração parecia ter se apequenado naquele momento. Ela era como um bichinho assustado, ali, encolhida, agarrando-se a mim. Eu me levantei, carregando-a no colo. Ela murmurou algo em reclamação. Dei um beijo na testa dela, a coloquei na cama e a cobri.

Decidi ficar ali com ela. Não podia deixá-la sozinha. Não depois de tudo o que tinha acontecido. Embora a exaustão tomasse conta do meu corpo e da minha mente, eu não conseguiria pregar o olho. Minha cabeça estava a mil. Acomodei-me na poltrona do quarto, próxima à janela. Eu a observava dormir. Lauren era uma pessoa doce, eu estava puto por uma criatura como ela sofrer tanto.

Desde o começo notei certa fragilidade nela, uma sombra de tristeza no olhar, mas eu jamais poderia imaginar que ela havia passado por tudo o que passou. E, mesmo depois de tudo, com todas as inseguranças, ela tinha decidido recomeçar. Tinha reunido forças para refazer a vida. E o que era isso senão uma exibição incrível de força? Ela era extremamente forte. Se conseguisse se enxergar pelos meus olhos, veria que nenhuma cicatriz poderia ser maior do que aquilo que eu sentia.

De repente, Lauren começou a ficar agitada. Devia estar tendo algum pesadelo. Fui até ela e me sentei a seu lado, na cama. Como ela se mexia muito, o cobertor caiu, deixando suas costas expostas. Pus a mão em seu ombro, para acalmá-la. Depois de algum tempo, ela se aquietou e parecia ter voltado a dormir profundamente. Fiquei ali parado olhando as cicatrizes, que cobriam praticamente toda a extensão das costas dela. O pior era saber que ela tinha sido marcada como gado, como uma propriedade. *Maldito*. Eu tinha nojo da violência que ela tinha sofrido, mas não das cicatrizes. Para o bem ou para o mal, elas faziam parte de Lauren, e eu amaria cada pedaço daquela mulher.

Toda a carga emocional do dia começou a se abater sobre mim. Eu estava exausto. Verifiquei meu celular. Eram quatro da manhã. Meus olhos estavam pesados demais para que eu conseguisse mantê-los abertos. Fui até a sala. Naquele momento, achava que o melhor a fazer era dar espaço a Lauren. E dormi ali mesmo, todo torto no sofá.

Ainda meio entorpecido, senti mãos dando batidas leves nas minhas pernas. Abri os olhos com alguma relutância e vi Lauren inclinada em minha direção, me chamando.

— Bom dia! — Ela parecia envergonhada. — Não acredito que você dormiu no sofá!

— Eu não queria deixar você sozinha. O seu sono estava bastante agitado. — Bocejei e esfreguei os olhos. — Mas também não quis invadir sua privacidade.

— Você podia ter deitado na cama.

— Eu não faria isso sem a sua permissão.

Ela me encarou fixamente e ficou um tempo em silêncio.

— Thomas... eu sei que tem um monte de coisa acontecendo na minha cabeça. Sei que tenho muitos problemas para resolver, mas, se não for pedir muito, eu não queria que você se afastasse de mim.

— Eu nunca vou me afastar de você. Nem que eu quisesse, conseguiria.

Ela pareceu entender que eu estava sendo sincero. A minha vontade tinha sido deitar ao lado dela e abraçá-la a noite toda, mas eu não sabia se ela estava pronta para isso. Daqui para a frente, nós teríamos que delimitar as nossas fronteiras juntos. Ela sentou-se no meu colo e me abraçou, descansando a cabeça no meu peito. Eu a abracei forte.

— Você está com uma cara de cansado. Não deve ter dormido nada.

— Ué? Não estou com cara de quem desperta paixões? — brinquei com ela. — Não consegui dormir muito — admiti com um bocejo.

— Posso fazer café para a gente, o que acha? — Ela deu um sorriso diferente de todos os outros. Tinha que catalogar aquele também, mas ainda não sabia em que categoria.

Fiz um sinal de aprovação com a cabeça. Estava mesmo com fome. Eu a segui até a cozinha. Apesar do semblante um pouco abatido, mesmo vestindo apenas uma camiseta velha, aquela mulher ainda era linda. Era muito alentador, depois de tudo o que tinha acontecido no dia anterior, estar ali com ela de uma maneira tão íntima.

— Hum, deixe-me ver... — Ela estava procurando algo no fundo de um dos armários. — Achei! — Balançou algumas caixinhas de chá para mim.



— Muito bem, você tem o *Breakfast Tea*. Agora só falta o leite.  
— Hesitei abraçá-la, mas ela entendeu e assentiu com a cabeça.

— Você quer... *leite*? — Ela franziu o cenho.

— Mas é claro que eu quero leite. Como eu iria tomar o meu chá? — retruquei em deboche.

— Como pessoas normais... só o chá! — Ela deu uma risada.

— Bom, srta. Taylor, já que eu sou inglês e não sou normal, realmente espero que tenha leite... — peguei uma caixa na geladeira — aqui!

Esquentei o leite e água para fazer o chá. A desafiei a provar esse néctar dos deuses, que ela estava desprezando. Quando nos sentamos à mesa, ela pegou o leite. Segurando levemente a sua mão, eu a interrompi.

— Por favor, não cometa essa heresia. Primeiro o chá, depois o leite — disse, em tom solene.

— Ah, meu Deus. Parece que estou tomando chá com a rainha — debochou ela.

— Certamente nossa monarca não aprovaria o que você estava prestes a fazer. E outra coisa: você precisa de utensílios adequados. Um bule, para começar...

— Santo Deus! — Ela revirou os olhos.

Aquele simples momento significava, para mim, possibilidades. O começo de uma história. *Nosso café da manhã*. O primeiro de muitos, assim eu esperava.

— Isso é tão estranho e, ao mesmo tempo, parece tão normal!  
— Ela deu de ombros.

— Acho que sei o que você quer dizer. — Dei um gole no chá, *quase* corretamente preparado.

— Este é o nosso primeiro café da manhã juntos. E ele não veio depois de uma longa noite de sexo, como deve acontecer com a maioria dos casais. Na verdade, veio depois da maior catarse que eu já vivi.

— Nós não temos que ser como a maioria dos casais. Apenas devemos ser como nós mesmos.

— Você sempre sabe dizer a coisa certa? — Ela arqueou as sobrancelhas.

— Quase sempre. — Sorri em resposta.

— Thomas, não sei se vou ser capaz de ser quem você precisa. Eu tenho pouca experiência com sexo. E ela é um tanto quanto problemática. — Ela parecia preocupada.

— Não me reduza a um homem que só pensa em sexo, Lauren. Eu quero muito transar com você, não vou mentir. Mas, para mim, é muito mais do que isso. Não temos pressa, ok? Tudo a seu tempo...

— Ok. — Ela assentiu com a cabeça. — Agora que você já sabe bastante sobre mim, eu quero saber mais sobre você. — Ela tomou um longo gole de chá. — O que aconteceu com a sua esposa?

— Ela teve um tumor no cérebro. Do tipo mais agressivo. — Inspirei profundamente. Sempre era difícil falar sobre esse assunto. — Lisa era jovem e cheia de vida. Tinha muitos projetos, novas pesquisas em curso. Ela era historiadora.

— Vocês se conheceram no King's College?

Fiz que sim com a cabeça.

— Logo que eu comecei a dar aulas lá. Ela também era recém-contratada, então tínhamos muitos pontos em comum. Parecia natural nos casarmos...

— Você a amava?

— Sim. Mais como um melhor amigo, talvez. Com o passar dos anos, nos tornamos mais companheiros de quarto do que um casal apaixonado. E eu achava que aquilo era natural. Imaginava que o que eu sentia por ela era o que eu deveria sentir. Não acreditava em paixão arrebatadora até conhecer você.

Ela se levantou da cadeira e veio em minha direção, sentando-se no meu colo. Beijou o meu pescoço, e eu senti meu corpo todo arder. *Eu a queria tanto.*

— Eu não sabia o que era amar de verdade alguém até te conhecer — sussurrou ela e aninhou a cabeça no meu peito.

Eu peguei o rosto dela entre as mãos. Fiz uma leve pressão para que ela olhasse para mim. A puxei para perto e a beijei. Não consegui ser suave como pretendia. A urgência que eu tinha por ela estava me consumindo. Ela demonstrou uma necessidade que me excitou de um jeito que eu desconhecia. Mordi o lábio inferior de Lauren e o puxei para mim. Ela deu um gemido fraco,

tão sensual que eu achei que fosse explodir de tesão. Ela entrelaçou as pernas ao meu redor. Me levantei com ela no colo e fui em direção ao quarto. Quando eu a deitei na cama, ela me olhou com insegurança, como se pedisse para eu ir devagar.

— Eu quase não tenho experiência... — Sua respiração estava ofegante. — Nunca senti prazer — confessou ela, envergonhada.

Eu a beijei mais uma vez, com todo o desejo que estava sentindo. Então, a olhei fixamente.

— Você está com tesão agora?

Ela enrubesceu. Mas eu não queria deixar de proporcionar aquilo a ela. Ela tinha que me responder. Não desviei o olhar dela, cobrando uma resposta.

— Estou. Muito.

— Perfeito. Era somente isso que eu precisava ouvir.



## CAPÍTULO 23

### LAUREN

Avisão de Thomas tirando a camisa me deixou hipnotizada. Todas as borboletas do planeta Terra estavam se agitando no meu estômago. *Ai, como eu queria aquele homem.* Mas o que eu devia fazer? Comecei a inspirar e expirar profundamente. Ele veio engatinhando na cama, em minha direção. Com muita calma, afastou minhas pernas e se posicionou no meio delas. Então, começou a acariciar suavemente a parte interna das minhas coxas. *Pelo. Amor. De. Deus.* Em seguida, desceu e começou a beijar minhas pernas. Iniciou nas panturrilhas e foi subindo em direção às coxas. *Thomas, faça o que quiser, só não pare.* Comecei a arfar. Lentamente, ele tirou minha calcinha.

Eu sentia frio e calor, prazer e choque, êxtase e medo. Parecia que todas as sensações humanas se apoderavam de mim. Ele me observava com a concentração de um felino: charmoso, calmo, letal. *Quem iria resistir a um homem desses?*

— Ah, Thomas... — sem conseguir pensar muito, supliquei.

— Olhe para mim, Lauren. — Seu tom era ligeiramente imperativo.

Eu atendi e fixei o olhar nele.

— Thomas, por favor — grunhi.

— O que você quer, meu amor? Me diga.

Eu não conseguia dizer o que eu queria. Eu queria tudo. Eu o desejava demais, estava derretendo, perdida entre prazer e receio.

— Me diga o que você quer, e eu vou lhe dar, Lauren.

— Eu quero você. — Atirei as palavras impulsivamente.

— Olhe para mim — pediu ele. — Você vai saber o que é um orgasmo agora, Lauren. E eu vou te dar prazer quantas vezes você quiser. Só continue olhando para mim.

Eu o olhei num misto de surpresa e prazer. Ele se abaixou no meio das minhas pernas e minha primeira reação foi de susto, ao sentir a língua dele dentro de mim, mas nem tive muito tempo para pensar em mais nada porque eu nunca tinha experimentado nada parecido com aquilo. Quando eu achei que já estava à beira da loucura, sentindo todo o meu corpo pulsar, ele levantou-se e me analisou com aquele olhar cintilante de desejo. Então, me encarando, ele colocou um dedo dentro de mim. Com o outro, desenhava círculos lentos no clitóris.

— Você é gostosa, quente demais e está muito molhada. — Com a respiração entrecortada, ele tirou o dedo de dentro de mim e chupou, ainda me olhando fixamente.

*Meu. Pai. Do. Céu.* Eu nem estava entendendo o que estava acontecendo comigo, mas era bom. *Ah, era muito bom.* Ele voltou à posição inicial e enterrou a cabeça entre as minhas pernas, e a língua quente dele novamente estava dentro de mim. Eu era como as calotas polares derretendo diante do calor daquele homem. Quem disse que os ingleses eram frios não conheceu Thomas Keith.

Foi naquele momento que eu comecei a acreditar no divino. Ouvi anjos cantarem. Saí do meu corpo. Me estilhacei em mil pedaços. Quando senti o primeiro toque dele em mim, entrei no paraíso. Um tremor tomou conta das minhas pernas, e então todo o meu corpo foi consumido por espasmos. Eu gemi o nome de Thomas algumas vezes e perdi o controle. Quando dei por mim, estava me contorcendo e gritando. *Meu bom Deus.* Se eu tinha morrido, estava feliz. Em 27 anos, eu nunca havia

experimentado aquela sensação. Thomas me abraçou, levantando-me para que eu ficasse sentada, e me puxou para ele. Eu estava letárgica. Ele me beijou suavemente e sussurrou no meu ouvido:

— *E em suas bochechas, bem como em sua fronte, seus traços, tão suaves, tão calmos e, ainda assim, eloquentes, os sorrisos que triunfam, o tom de pele que enrubesce, falam apenas de dias em que a bondade prevaleceu, uma alma cuja paz a todos transparece, um coração cujo amor é inocente!*

Eu ainda estava meio perdida, tentando entender o que tinha acabado de acontecer, mas tive forças para perguntar, ainda ofegante:

— O que é isso?

— O orgasmo ou o poema? — Ele arqueou as sobrancelhas debochadamente.

— As duas coisas — respondi, meio fora de órbita.

— O poema é “Ela caminha em beleza”, do Lord Byron. — Ele beijou minha bochecha. — Foi bom? — perguntou ele com um tom extremamente sedutor.

— Muito. — Escondi o rosto no peito dele.

— Agora você sabe como é um orgasmo. Pronta para outro? — Os olhos dele cintilavam.

Gargalhei e joguei os braços ao redor do pescoço dele, e o beijei com paixão. Depois de ter chegado ao ápice, fiquei me perguntando o que eu devia fazer. Quer dizer, eu não era tão idiota assim, já tinha transado antes. A grande questão é que minha experiência com Thomas estava numa esfera completamente nova para mim. Eu nem sequer imaginava que era possível sentir tanto prazer. Mas o fato é que eu não sabia o que deveria acontecer na sequência: iríamos até o fim? Ele pareceu ler os meus pensamentos.

— Lauren, pare de pensar. Só relaxe, não precisamos ir além hoje. — Como sempre, o tom de voz dele era bastante tranquilo.

Sorri para ele, aliviada. Era muita coisa para lidar de uma vez só.

— Você é o tipo de homem que faz uma mulher ter um orgasmo e depois recita Lord Byron. Você não pode ser real, é

uma alucinação.

— Eu sou bem real, Lauren. Em breve, você vai descobrir todos os meus defeitos. Já posso adiantar que eu ronco.

— Posso conviver com isso.

Ele me abraçou por trás e nos deitamos de conchinha. Precisei travar uma batalha contra o meu desconforto. A ideia de que as minhas cicatrizes estavam tão expostas ainda era difícil para mim. Quando acordei no hospital, após o espancamento, o primeiro choque foi ver o meu rosto. Eu estava completamente desfigurada. Era algo temporário, mas eu não racionalizava assim.

No primeiro banho que tomei após a recobrar a consciência, senti muita dor nas costas e percebi as feridas. Mas eu ainda não sabia o que eram. Quando descobri que Graham havia me marcado permanentemente, quase surtei. Tentei dizer a mim mesma que não era nada importante, que eu tinha sobrevivido, afinal. No entanto, nunca consegui superar. Porque não era apenas a estética, embora, é claro, isso também me incomodasse muito. A grande questão é que aquelas cicatrizes eram a eterna lembrança de tudo o que eu mais queria esquecer.

— Pare de pensar — disse Thomas com a voz sonolenta.

— Eu não consigo.

Ele começou a beijar as minhas costas. Eu gelei. Fiquei tão confusa no início sobre o que estava acontecendo que quase pedi que ele parasse. Os beijos de Thomas eram leves, como carícias. Muito lentamente ele beijou toda a extensão das cicatrizes. E o mais incrível é que eu comecei a gostar daquilo.

— Eu vou apreciar todas as suas partes, Lauren. Mesmo as que não forem muito bonitas — disse Thomas num tom de voz seguro, baixinho, no meu ouvido. — E você vai ter que abraçar as minhas partes não tão bonitas também.

Eu me virei de frente para ele. Queria enxergar dentro daqueles maravilhosos olhos azuis. Coloquei a palma da mão no rosto dele, percorri sua pele macia com meus dedos. Ele sorriu. E aquelas covinhas maravilhosas apareceram. Eu poderia ficar ali o resto da minha vida, olhando para ele.

— Não há nenhuma parte que não seja bonita em você.

— Você me acha bonito? — Ele se apoiou no cotovelo e ficou segurando o rosto, me observando.

— Você é maravilhoso. — Beije o nariz dele.

— Acho que você tem alguns problemas de julgamento. — Ele riu.

— Não tenho, não.

— Você tem mau gosto. — Ele fez uma careta.

— Sabe o que eu pensei quando vi você pela primeira vez na The Book Company?

Ele fez um sinal de negação com a cabeça

— Que eu não sabia que um professor universitário podia ser tão bonito e tão charmoso.

— Fico feliz de ter dado a minha contribuição para a classe — retrucou ele, zombeteiro.

— Eu espero que você realmente saiba quanto é bonito.

— Nah! — Ele fez um sinal de desdém com a mão.

Apertei suas bochechas até que ele fizesse um biquinho e dei um beijo nele.

— Por favor, me diga quais são os seus defeitos. Você deve ter algum.

— Tenho muitos. Eu ronco, como já disse. — Ele fez uma pausa e colocou a mão no queixo de forma teatral, como se precisasse pensar. — Nem sempre eu levanto o assento da privada para urinar. Não sou uma pessoa muito matinal, acordo de mau humor. — Acho que ele percebeu meu olhar de julgamento, porque fez uma careta. — Sou um pouco, talvez bastante, teimoso. Bom, por enquanto acho que é tudo o que você precisa saber. — Ele abriu um sorriso largo.

Passei uma perna por cima dele e a entrelacei em volta de sua cintura. Se no dia anterior tivessem me perguntado se era possível estarmos vivendo um momento de tamanha intimidade, eu diria que era impossível. Thomas conseguiu derrubar todos os meus medos, e eu só queria que cada vez mais ele me conhecesse, e eu queria muito saber mais sobre cada parte dele. Era uma situação de conforto que eu jamais havia sentido com nenhuma outra pessoa. Ele compreendia os meus medos e sabia como me acalmar. Eu não imaginava exatamente como seria dali



para a frente, mas eu ia lutar por nós, mesmo sabendo que não seria fácil superar todos os meus fantasmas.

Thomas acariciava lentamente a minha perna. Ficamos num silêncio confortável por algum tempo, apenas nos olhando. Parecia que meu coração ia explodir pelo simples fato de estar ao lado dele. Aquele dia estava sendo um marco para mim, de diferentes formas. Eu tinha tido meu primeiro orgasmo em 27 anos. Entendi que Thomas realmente podia aceitar minhas cicatrizes como parte de mim, e não como algo de que deveria ter piedade. Aceitei que um *homem como ele* podia de fato amar uma *mulher como eu*. Minha cabeça estava um turbilhão de emoções e pensamentos.

— Meu Deus, você nunca consegue parar de pensar? — Ele acariciava suavemente a lateral do meu rosto.

— Neste momento, não. Minha mente está muito acelerada. Tenho que lidar com muitas coisas aqui dentro. — Apontei para a minha cabeça.

— Eu sei. Mas a gente pode aprender a lidar com todas essas coisas juntos. — Ele beijou a minha testa. — Ai, droga! — disse ele, olhando para o relógio. — Tenho que passar em casa ainda, antes de dar aula.

— Eu também tenho que ir para a editora. — Dei-lhe um abraço apertado. — Mas a minha vontade é não deixar você sair daqui.

— Eu também não quero ir, mas a gente se vê mais tarde. Você vai para a The Book Company?

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça.

— Busco você lá e vamos jantar. — Ele me deu um beijo suave, se levantou e foi pegar a camisa.

Enquanto o observava, ali com o peito nu, não pude conter meus pensamentos. Thomas era bonito, inteligente e sedutor demais, e tinha me dado um orgasmo sem exigir nada em troca. *Nada. Zero.* Era bom demais para ser verdade. Havia uma parte da minha mente que ficava martelando que essas coisas não aconteciam na vida real. Eu já havia passado por um conto de fadas que se transformara no meu pior conto de terror. Senti o coração ficar gelado de medo. Não sei se suportaria perdê-lo. Não depois de ter me aberto totalmente para ele.

— Tem alguma coisa errada? — Ele franziu o cenho. — Por que você está me olhando desse jeito?

— Não, não tem nada errado. Só estou admirando você. Sua beleza nunca vai deixar de me impressionar. — Retruquei, tentando transparecer tranquilidade.

— Quando você fala assim, quase me faz acreditar. — Ele deu um sorriso cínico. — Mas a verdadeira beldade do quarto, aquela que caminha em beleza, esta é você, Lauren. — Ele se curvou sobre a cama e me deu um beijo na testa.

Depois que Thomas saiu do apartamento, meus pensamentos voltaram a me atormentar. *Era bom demais para ser verdade.* Tentei não me torturar com isso. Fui tomar banho, porque já estava em cima da hora de ir para a editora. Antes, peguei a caderneta do autoconhecimento. Havia tópicos importantes a serem registrados:

Chá com leite até que é uma boa combinação;  
Orgasmos realmente não são superestimados.  
Poderia tê-los o dia inteiro;  
Quando coisas muito boas acontecem comigo,  
tenho medo de acreditar que elas sejam reais;  
Apesar de Thomas me olhar como se realmente me  
achasse linda, ainda tenho dificuldades em acreditar nisso;  
Hoje é o primeiro dia em que eu realmente  
acho que poderei me sentir à vontade  
com as cicatrizes nas costas.

Larguei a caderneta e fui para o banho. Eu me sentia como uma adolescente sem experiência e que não sabia qual deveria ser o próximo passo da sua vida sexual. Com Graham, o sexo era um martírio. Ele não estava nem aí para mim, seu único objetivo era se aliviar. Eu sabia que Thomas era totalmente diferente, mas, ainda assim, eu tinha os meus medos. O orgasmo que Thomas me proporcionara foi muito mais do que prazer

sexual. Ele abriu todo um universo de possibilidades diante de mim. E eu queria aproveitar todas elas.



## CAPÍTULO 24

### THOMAS

**E**u mal podia acreditar que tinha conseguido me reaproximar de Lauren e feito com que ela confiasse em mim. Eu a queria demais, como nunca quis outra mulher. Ela me fazia sentir como alguém especial. Ninguém nunca me olhou do jeito como ela me olhava. Parecia desvendar o que havia de mais profundo em mim. E, por isso, decidi me libertar da culpa que ainda carregava.

Chamei Meg para me ajudar. Para seguir adiante, eu precisava cortar as amarras que me prendiam ao passado. Peguei uma foto de Lisa, que estava no aparador no quarto. Ela estava sorridente nas ruínas do Coliseu romano. Foi uma das nossas últimas viagens antes do diagnóstico que mudaria tudo para nós.

— Tem que haver opções, Lisa. Nós vamos buscar os melhores tratamentos, talvez nos Estados Unidos.

— Tom... — Ela passou as mãos nos meus cabelos. — A gente precisa ser realista, o prognóstico é terrível. Quase ninguém sobrevive a um tumor desse tipo no cérebro.

— Mas nós vamos buscar os últimos tratamentos, tudo vai dar certo!

— Ah, Thomas, meu eterno romântico. Sim, a gente vai buscar os últimos tratamentos e fazer tudo o que estiver ao nosso alcance, mas eu preciso que você se prepare e...

— Pare com isso, Lisa. Eu não vou me preparar para nada! Você não vai morrer! — falei, ríspido.

— Todos nós vamos morrer, Tom. Só não sabemos como e quando. Só quero que você saiba que eu te amo muito. E que eu sempre vou torcer por sua felicidade.

— Lisa... — Minha voz estava embargada. — Você não existe, Lisa... — Nos abraçamos apertado, como se não quiséssemos que aquele momento tivesse fim.

— Eu não sei por quanto tempo mais vou ter consciência, então quero deixar isso bem claro: você é o meu melhor amigo e um supermarido. E eu quero o melhor para você. Se eu morrer, quero que você seja feliz com outra pessoa, de todo o meu coração. Mas tem que ser uma mulher especial, alguém tão sensacional quanto eu. — Ela riu.

E, apesar de tantas diferenças, Lauren era tão sensacional quanto Lisa.

— Tommy, cadê você? — A voz de Meg me despertou.

— Estou no quarto, Meg — Apoiei novamente a foto no móvel.

— Nossa, você já fez uma boa parte do trabalho. — Minha irmã apontou para a cama, onde eu havia separado, em pilhas diferentes, diversos objetos pessoais de Lisa.

— Fiz uma primeira triagem.

— Ah, Tommy... tenho certeza de que Lisa está muito orgulhosa de você. Já era tempo. — Meg pressionou meus ombros, em sinal de apoio.

Fiz todo o trabalho pesado enquanto Meg palpitava em que caixa eu deveria colocar cada objeto. Dei esse desconto, afinal ela estava grávida. Minha irmã fazia trabalho voluntário em várias entidades, então as roupas e alguns outros objetos de Lisa seriam muito úteis. Separei numa caixa joias, diários e alguns livros para despachar para os pais dela, na Escócia.

Depois de passarmos a tarde inteira separando os itens, carreguei o carro de Meg com as doações. Quando voltei ao apartamento, olhei a parte do guarda-roupas que pertencia a Lisa. Cabides vazios pendiam. No chão, o pacote com os objetos que seriam despachados no dia seguinte. Byron pulou sobre a caixa e miou, me observando com ar de aprovação.

— Sim, Byron. Chegou a hora. — Acaricieei a cabeça do bichano.

Peguei novamente a foto de Lisa no Coliseu. Era a última que ainda restava à vista. Eu tinha decidido encaixotar todas as fotos dela também. Olhei fixamente para a imagem da mulher alegre de cabelos vermelhos.

— Oi, Lisa. Eu conheci uma pessoa. E me apaixonei. E estou tão feliz, e tão culpado. — Minha voz falhou. — Porque eu segui em frente, e você não... — As lágrimas começaram a molhar o vidro do porta-retratos. — E é uma merda que você tenha morrido tão jovem, Lisa. Eu sofri por você, mais do que achei que pudesse suportar. Você levou um pedaço do meu coração, mas o que resta estou entregando a Lauren. E eu queria contar isso para você, minha amiga. Você disse que queria que eu fosse feliz, e sei que era verdade. Parte de mim sempre amará você, Lisa. Mas eu preciso seguir em frente. E estou me sentindo um idiota esotérico falando com uma foto, sei que você ria da minha cara, mas senti que precisava fazer isso. Preciso deixar você partir e também preciso me libertar da culpa. Obrigado por ter sido minha melhor amiga. Obrigado por ter sido minha companheira. Se existe algo do outro lado, espero que você esteja batendo um papo com Teodorico e confirmando todas as suas teorias. — Peguei o porta-retratos e o coloquei na caixa junto com as outras fotos de Lisa.

Eu era cético em relação a vida após a morte e à existência de algo maior pairando sobre nós. Mas, não sei por quê, senti a necessidade de um ritual de despedida definitivo. E a verdade é que eu estava aliviado e pronto para seguir em frente. Se houvesse vida após a morte, tenho certeza de que Lisa aprovava a minha escolha.

Nas semanas seguintes, Lauren e eu conseguimos estabelecer uma rotina. Ela se dividia entre o trabalho na MH Editora e na livraria. Era cansativo, mas também muito feliz. Mark só falava maravilhas dela. Lauren tinha conseguido ganhar a confiança dele, o que não era nada fácil.

Com Lauren, eu vinha descobrindo todo um novo mundo de sensações que não me era familiar. Ela era extremamente doce, inteligente e sagaz, mas ao mesmo tempo uma das pessoas com a autoestima mais baixa que eu jamais conheci. Ela se fechava em seu próprio mundo às vezes, e era difícil tirá-la de lá. A mente dela parecia sempre estar em atividade.

— Você precisa ler o livro que estou revisando! É tão maravilhoso! — Eu a ouvia da cozinha, enquanto preparava nosso almoço de sábado. — É uma trama de romance com espionagem, se passa na Segunda Guerra Mundial, parece clichê, mas é surpreendente e maravilhoso. E eu vi alguns originais na mesa de Mark. Não estava bisbilhotando nem nada, mas fiquei curiosa, e tinha algumas coisas que pareciam bem promissoras. — Ela tinha um brilho no olhar que me encantava.

— Você gostaria de avaliar os originais que a editora recebe?

— Sim, acho que gostaria. — Ela tomou um gole de vinho, entrando no cômodo.

— Então você deveria conversar com Mark e pedir uma chance.

Ela ficou por um tempo em silêncio, me observando.

— Ah, não sei, Thomas. Acho que eu devo ir com calma...

— Mark está adorando o seu trabalho. Não vejo motivo para você não falar com ele.

— Você acha mesmo?

— Tenho certeza, minha querida. Mark deposita muita confiança em você.

Ela correu em minha direção e praticamente se jogou contra mim. Eu a peguei no colo e dei um beijo demorado nela. A espontaneidade de Lauren me desarmava. O amor de Lauren pelas palavras me contagiava, e era como se eu pudesse ver a literatura por uma perspectiva completamente nova, sem academicismos. Quando eu via os livros pelos olhos dela,

esquecia os termos técnicos, as formalidades e me entregava à paixão.

— Por falar em Mark, ele me disse que você está devendo um romance a ele. — Ela me olhou com curiosidade, enquanto roubava um pedaço do queijo que eu estava usando para fazer o risoto. — Você não me contou que escrevia ficção.

— É porque eu não escrevo — respondi tranquilamente.

— Não estou entendendo... — disse ela, de boca cheia.

— Eu nunca escrevi um romance. Só livros acadêmicos. Tive a ideia de escrever um livro de ficção, mas ele acabou não acontecendo. Está parado.

— E por que você não continuou escrevendo?

— Quando eu ainda estava no início do processo, Lisa ficou doente. Como você pode imaginar, eu não tinha cabeça para mais nada.

— Hmm. Quer conversar sobre isso?

— Não importa. Eu não vou retomá-lo... — Comecei a picar cebola, tentando encerrar o assunto.

— Que pena. Eu adoraria ler.

— E você? Não escreve nada? Acho difícil alguém que é tão apaixonada por livros não arriscar alguns rabiscos...

— Só minhas notas do autoconhecimento.

— Notas do autoconhecimento? — Franzi o cenho.

— Você vai achar ridículo. — Com uma expressão travessa, ela roubou mais um pedaço de queijo.

— Nada que venha de você pode ser ridículo, Lauren.

— Depois de tudo o que aconteceu comigo, percebi que não sabia quem eu era. Nunca colocava meus interesses em primeiro lugar. A minha mãe escolhia as minhas roupas, depois Graham passou a escolher. As pessoas decidiam o que queriam comer e eu apenas as acompanhava. Até a decoração da minha casa foi decidida pelos outros. — Ela soltou um longo suspiro. — Enfim, se você me perguntasse qual era o meu sabor favorito de sorvete, eu não saberia, porque sempre escolhia de caramelo, que era o favorito do Graham...

— E como funciona exatamente essa questão das notas do autoconhecimento? — Tomei um gole de vinho e a encarei,



interessado.

— Ah, sim, então: eu decidi comprar uma caderneta e anotar nela todas as coisas novas que estava descobrindo sobre mim, como de que comidas eu gosto, músicas, habilidades, enfim...

— E qual é o seu sabor favorito de sorvete?

— Pistache. E eu só provei quando fui morar com a Kate, em Portland. Sinto que perdi tanto tempo fazendo o que as outras pessoas queriam que eu fizesse... — Sua expressão era triste.

— Ei, nada disso! — Peguei as mãos dela e as envolvi com força. — Existem muitas coisas que eu também preciso descobrir. E nós vamos descobri-las juntos. Inclusive, depois do almoço, vamos tomar sorvete de pistache!

Cumpri a minha promessa e nós fomos até a Portobello Road tomar sorvete de pistache. Enquanto caminhávamos pela principal avenida de Notting Hill, eu via que os olhos de Lauren estavam observando toda aquela divertida bagunça que tomava conta do lugar aos sábados, com o Portobello Market. O som de músicos de rua se misturava ao dos vendedores ambulantes, que promoviam um verdadeiro brechó a céu aberto.

— Venha, vamos parar aqui. — Apontei para uma barraca que vendia todo tipo de souvenir.

— Você quer um souvenir de Londres? — Ela franziu a testa.

— Não! Nesta barraca há algumas coisas indispensáveis à casa de qualquer morador da cidade. — Cruzei os braços e a observei enquanto ela olhava cuidadosamente os itens expostos.

— Bom, eu realmente acho que não preciso de uma miniatura de cabine telefônica ou do Big Ben...

— Não, mas você precisa disto! — Ergui um conjunto de chá estampado com fotos da Rainha Elizabeth.

— Você não pode estar falando sério! — Ela deu uma risada.

— E por que não? Chá é um assunto muito sério para os ingleses, senhorita. — Fiz uma expressão grave, como se a estivesse repreendendo.

Lauren não parava mais de gargalhar. E era a visão mais linda. Eu compraria a barraca inteira com todos os souvenirs mais cafonas de Londres só para diverti-la dessa maneira. Paguei à

vendedora e peguei a sacola com o bule e as xícaras, e Lauren ainda estava se recuperando do ataque de riso.

— Ah, Thomas... muito obrigada por garantir que eu tenha os aparatos necessários para preparar o típico chá inglês. — Ela secava as lágrimas.

— De nada, minha querida. Agora você já pode se dizer uma legítima súdita de Elizabeth. — Levei a mão ao peito teatralmente.

Enquanto passávamos em frente a um estúdio de tatuagem, percebi que Lauren desacelerou o passo e ficou observando a vitrine.

— A minha caderneta do autoconhecimento me ajuda a experimentar coisas novas e saber do que gosto ou não... Então eu proponho que nós nos desafiemos a fazer coisas que nunca fizemos antes, que tal?

— Será que eu devo temer o que vem a seguir?

— Eu te proponho um desafio... — Ela me encarou com um ar travesso.

— Hum... — murmurei, receoso.

— Vamos fazer uma tatuagem? — sondou ela, enquanto ainda olhava para a fachada da loja.

— *Uma tatuagem?* — perguntei incrédulo.

— Calma, não precisa me olhar com essa cara. Não é agora!

— Ok, você venceu. — Eu sorri. — Vamos tatuar *Lauren e Thomas para sempre*.

Ela riu e revirou os olhos.

— Lauren Taylor está se saindo uma rebelde e tanto. Quem diria... — retruquei, em tom zombeteiro.

Passei o braço ao redor dos ombros dela e continuamos caminhando em direção ao meu apartamento. Se alguém me dissesse, apenas meses antes, que eu estaria passeando despreocupadamente com uma bela mulher em meio ao Portobello Market, tomando sorvete de pistache e planejando fazer uma tatuagem, eu provavelmente gargalharia. Definitivamente, eu estava apaixonado.



## CAPÍTULO 25

### LAUREN

Eu ainda não conhecia o lado impulsivo de Thomas, mas estava me divertindo com ele. Fazia apenas uma semana que havíamos selado o nosso pacto de “desafio das coisas novas” e ele já queria fazer a tatuagem. Quando contei a Kate, ela respondeu com: *Diga a esse meu cunhado que eu já o amo.*

Naquele dia, o jantar seria na minha casa. E, já que estávamos naquela onda de experimentar novidades, tomei coragem e decidi me arriscar a fazer algo diferente de ovo mexido: preparei uma lasanha. Sem medo nem inseguranças. A nova Lauren decidia tentar algo novo e não temia o fracasso. Pelo menos foi isso que eu fiquei repetindo para mim mesma enquanto preparava a receita que Kate me passara.

Ouvi a campainha e uma pequena insegurança tentou se apoderar de mim. *Será que Thomas aprovaria a minha primeira aventura gastronômica?* Bom, não importava. *Vivam as novas aventuras, Lauren!* Eu estava tão ansiosa que só notei que ainda usava meu avental ridículo de cupcakes quando já estava abrindo a porta. Bom, paciência! Ele estava com cara de

cansado, mas ainda assim era lindo demais. E trazia duas garrafas de vinho. *Interessante*.

— Uau! Alguém está realmente disposto a beber hoje. — Eu sorri.

— Sempre é um prazer tomar um bom vinho, mas, como você fez questão de esconder qual era o *menu*, eu trouxe uma opção de vinho branco e outra de tinto.

— Um verdadeiro lorde, como sempre. — Enganchei meu braço no dele, enquanto nos dirigíamos à cozinha.

— Para você, sempre o melhor. — Ele piscou.

Thomas estava tão bonito que era difícil resistir. Fui em direção a ele e entrelacei meus braços em seu pescoço, ficando na ponta dos pés. Com uma das mãos, ele pressionava o meio das minhas costas. Com a outra, ele me puxou para ele, pela nuca. Começou a beijar o meu pescoço, e eu já estava derretendo. Com a respiração entrecortada, ele sussurrou em meu ouvido:

— Por que você é tão linda, Lauren?

Ele me levantou do chão e me colocou na mesa. Depois se posicionou no meio das minhas pernas. A respiração dele se tornou mais acelerada. Eu o puxei para mais perto, envolvendo-o com as pernas. Thomas segurou o meu rosto entre as mãos e deu um beijo suave no canto dos meus lábios. Sem conseguir me segurar, mordisquei o lóbulo da orelha dele.

— Lauren.... Ah, Lauren... — Ele ofegava.

Com ele, eu me sentia viva e ousada. Ao mesmo tempo que estava quase perdendo o controle, eu ainda me sentia no comando. A simples existência daquele homem já seria afrodisíaca para mim. Quando ele flertava comigo, tão cheio de charme, eu quase parava de respirar. A bunda de Thomas era tão deliciosa que eu não consegui me conter, e a apertei com força. *Santo Deus, que homem gostoso*.

Ele enganchou a mão na minha nuca e me beijou, não com suavidade, mas com tesão. Deslizou as mãos pelas minhas costas e me segurou com força pela cintura. A língua quente dele me invadiu e eu não conseguia pensar em mais nada que não fosse em tê-lo cada vez mais perto. Eu já começava a pensar que era hora, porque eu sentia que estava sendo consumida por

chamas que só aquele homem poderia controlar. Já estava quase esquecendo de todo o resto quando o alarme do forno soou.

— Meu Deus, eu tinha me esquecido da comida! — Dei um beijo na bochecha dele.

— Nunca pensei que existiria uma situação em que eu sentiria raiva de comida. — Ele zombou e me ajudou a descer da mesa.

— Chegou a hora da revelação. Que rufem os tambores! — Tamborilei os dedos na bancada da cozinha. — O prato principal é... lasanha! Por favor, me diga que você ama lasanha!

— Ufa! Eu amo lasanha!

— Bom, esta é mais uma etapa do nosso desafio. Eu nunca fiz lasanha antes, então você será a minha cobaia.

— Serei sua cobaia sempre que você quiser, meu bem. — Ele deu aquele sorriso matador de quando queria seduzir.

— Cuidado com as palavras, Thomas. Elas têm poder.

— Ah, eu sempre soube que sim. Por isso nunca as digo em vão. Tudo o que falo tem intencionalidade.

Eu via que Thomas genuinamente me desejava, e, a cada palavra e atitude dele que reforçavam isso, eu me sentia mais poderosa. Eu sentia que tinha algum poder sobre ele, e isso me fascinava. Mais um tópico para as minhas notas do autoconhecimento: *eu podia ter tendências dominadoras, às vezes*. Thomas tinha o dom de dizer todas as coisas certas nos momentos certos. Eu não tinha essa habilidade. Mas esperava que ele entendesse as minhas reações, os meus sorrisos. Porque eu simplesmente amava tudo o que ele tinha a dizer.

— Bom, já que é lasanha à bolonhesa, vamos de vinho tinto. — Ele foi até a cristaleira que ficava na sala e pegou duas taças.

Fiquei surpresa com a qualidade da minha lasanha. Segui à risca as instruções de Kate e *voilà*, tínhamos uma janta bastante decente. Pequenas conquistas como essa estavam me fazendo muito bem. A outra única comida que eu conseguia fazer bem, até então, eram bolos. Agora eu ia me arriscar a sempre fazer um prato novo, mesmo que fosse apenas para mim.

— Aprovado? — perguntei, ansiosa.

— Aprovadíssimo — disse ele entre uma garfada e outra.

Eu já o conhecia o bastante para saber que os olhos dele não mentiam, então, sim, ele tinha aprovado a refeição. Como de costume, lavamos e secamos a louça juntos, o que aquecia o meu coração. Eu sabia que era mais uma cena corriqueira em milhares de lares pelo mundo, mas, enquanto fui casada com Graham, todas as tarefas domésticas sempre couberam a mim. E antes disso, quando morava com os meus pais, esse trabalho sempre ficou a cargo da minha mãe, de mim e de Kate. As figuras masculinas que passaram pela minha vida representavam um ideal tóxico de masculinidade, em que as tarefas domésticas não eram uma seara de homens. Thomas representava algo totalmente diferente daquilo tudo. O que era simplesmente maravilhoso.

Notei que ele estava bastante pensativo naquela noite em particular. Em geral, pode parecer uma redundância dizer que um professor universitário do calibre dele estava pensativo, mas na verdade, quando estávamos juntos, ele se despia desse manto e era apenas uma pessoa que fazia piadas das quais provavelmente somente eu ria. Enfim, dado o perfil que eu já tinha desenhado dele, estranhei o fato de ele estar mais introspectivo.

— Aconteceu alguma coisa? Você parece distante... — Segurei a mão dele.

— Na verdade, sim. Mas nem sei como começar. — Ele contraiu os lábios.

Imediatamente congelei. Tomei um grande gole de vinho e tentei controlar a minha respiração. Como que pressentindo o caminho que meus pensamentos estavam tomando, ele disse:

— São questões familiares. Mas vou precisar da sua ajuda. — O tom dele era de desânimo.

— Claro, Thomas. No que posso te ajudar? — Apoiei a mão no braço dele e dei um leve aperto, em sinal de encorajamento.

— Minha irmã Meg está grávida, e nós somos muito próximos. Ela vai fazer um chá de bebê no fim de semana e me convidou. Na verdade, ela *nos* convidou, porque eu já falei a seu respeito para ela. — Ele franziu o cenho, numa expressão preocupada.

— Mas isso é uma coisa ruim? — Eu realmente não estava entendendo.

— Não. Isso é ótimo! O problema são os meus pais.

— O que aconteceu entre você e seus pais?

— Tudo o que é possível. — Ele tinha um tom amargo. — Eu não sou o filho que eles esperavam. Nunca fui. Minha família tem uma empresa muito bem-sucedida na área da construção civil. Por ser o filho mais velho, eu tinha todas as expectativas sobre mim, aquela velha história de seguir o legado familiar, você sabe, os ingleses são muito apegados a tradições. — Ele suspirou. — Enfim, eu não enveredei pelo ramo que eles gostariam. Meu pai disse que minha ida para o King's College foi uma das maiores decepções da vida dele. A minha irmã seguiu o caminho que ele tinha desenhado para mim, porque era o que ela queria. Meg cursou administração na London School of Economics. E o meu pai, machista do jeito que é, não a julgava capaz de tocar a empresa. Mas eu sempre soube que ela era muito mais capacitada do que eu para isso. De certa forma, para os meus pais, foi uma inversão de papéis. A filha com a cabeça mais orientada aos negócios e o filho com um *temperamento artístico*, como a minha mãe gosta de pontuar.

— Hum, pais que põem as suas próprias expectativas sobre os filhos... consigo me identificar. — Dei um sorriso cínico.

— Enfim, eu amo a minha irmã e quero muito apoiá-la. E também desejo que você vá comigo. Mas é meu dever alertá-la: meus pais não vão facilitar a sua vida. Todas as vezes que eles me veem, é uma encheção de saco, e tenho certeza de que isso vai se estender a você.

— Tudo bem. Eu tenho uma boa couraça já. Meus pais e meu ex-marido fizeram um bom serviço. — Ri debochadamente. — Sou mais forte do que pareço, Thomas. Posso enfrentar alguns ingleses esnobes.

— Que bom, porque meus pais são *muito* ingleses e *muito* esnobes.

— Apenas a opinião de uma pessoa na Inglaterra inteira me interessa. E não estou falando da Rainha Elizabeth.

— Fico aliviado. E provavelmente a Rainha Elizabeth seria mais simpática do que os meus genitores.

Se eu queria novidades e material para a caderneta do autoconhecimento aí estava mais conteúdo: pais ingleses esnobes. Qual seria a minha reação a eles? Somente esse encontro poderia me dizer.





## CAPÍTULO 26

### THOMAS

Eu realmente não queria ter que submeter Lauren ao calvário que seria conhecer os meus pais, mas eu amava muito a Meg para não ir a seu chá de bebê. Na semana anterior, ela havia descoberto na ultrassonografia que teria uma menina, Lucille, que já era Lucy para os íntimos. O convite para o chá tinha vindo acompanhado do convite para ser padrinho da pequena Lucy. E eu queria que Meg e Lauren finalmente se conhecessem. Infelizmente, esse encontro traria como efeito colateral os meus pais.

Quando decidi me rebelar contra o *script* deles, estudando literatura e não qualquer curso ligado à área de negócios, virei a ovelha negra da família. Meu pai ameaçou me deserdar, na tentativa de reverter minha decisão. Já minha mãe chorou durante uma semana e disse que eu estava arruinando a família e todos os sonhos dela. Sim, aparentemente a literatura britânica tinha o poder de destruir os Keith. Mas não adiantou. Como eu não era exatamente o que se pode chamar de *Lobo de Wall Street*, acabei aceitando morar na casa da vovó Liv, gastando o mínimo possível, para não abusar da boa vontade dela. Depois

que passei a viver com o meu salário de professor universitário, que para mim era mais do que suficiente para tornar a minha vida confortável, cortei todos os laços com o patrimônio da família.

Vovó Liv, que, aliás, odiava ser chamada por Olivia, sempre me incentivou. Ela amava poesia — foi dela que herdei essa paixão —, gatos e orquídeas. Era uma mulher bastante refinada e doce. Ainda era uma figura bem presente na minha vida, e esse era outro dos poucos motivos pelos quais eu estava animado pelo chá de bebê da minha irmã. Lauren poderia conhecer a mulher que ajudou a moldar o meu caráter.

Eu estava ansioso, mas tentava manter a calma para que Lauren não ficasse nervosa. Eu só queria que nós dois sobrevivêssemos com o mínimo de arranhões possível. Quando fui buscar Lauren, meu corpo inteiro reagiu a ela. Lauren estava absolutamente linda num vestido claro, estampado com flores na barra da saia levemente rodada, que ia até os joelhos. Tinha cacheado suavemente os cabelos e era, sem sombra de dúvidas, uma visão fascinante. *Ela caminha em beleza, Lord Byron diria.*

— Como eu estou? — perguntou, passando as mãos pela saia do vestido, aparentemente nervosa.

— A própria visão da beleza. — Não consegui desviar os olhos dela.

— Acha que é uma roupa adequada? — Ela transparecia insegurança.

— Acho que você está perfeita. — Eu a beijei.

— Você está bem?

— Dentro do possível, estou. — Respirei fundo. — Tentando enxergar o copo meio cheio: você vai conhecer a minha avó e a minha irmã.

— Estou ansiosa por isso. Espero que elas gostem de mim. — Lauren estava alisando as laterais da saia do vestido.

— Elas vão te adorar, fique tranquila. — Eu beijei sua mão.

Ao chegarmos à casa de Meg, em Mayfair, eu estava com a boca seca e a palma das mãos suada. Havia meses que não via os meus pais, e minha comunicação periódica com a minha mãe se resumia a mensagens de texto lacônicas, como se fôssemos meros conhecidos. Com o meu pai, nem isso. Meg veio nos

receber à porta. Ela estava radiante, ostentando o barrigão de seis meses. Como sempre fazia desde que éramos crianças, ela se atirou em meus braços.

— Tommy, que bom que você veio! Estou muito feliz. — Ela abriu um sorriso enorme.

— Como o padrinho poderia não vir? — Arqueei as sobrancelhas e lhe entreguei um pacote de presente.

— E você deve ser a famosa Lauren. Tommy não mentiu quando disse que você era linda. Muito prazer em conhecê-la, e seja bem-vinda! — Ela deu um abraço apertado em Lauren.

— O prazer é todo meu. Agradeço o convite. — Lauren retribuiu calorosamente o abraço.

Ansiosa do jeito que era, Meg foi abrindo o presente enquanto andava.

— Meu Deus, Tommy, um Willy Wonka de pelúcia! Eu não acredito! — Ela riu.

— É a melhor história infantil, oras. Lucy tem que saber disso o quanto antes — retruquei.

— Só você, Tommy. Estou perdida, porque logo você vai encontrar versões infantis dos poemas de Byron... olhe, ali está a vovó Liv! — Meg apontou, animada.

— E, agora, a outra mulher que eu quero que você conheça — falei para Lauren, enquanto seguíamos para a sala.

— Tommy, meu querido! — Minha avó abriu os braços e um enorme sorriso assim que entramos na sala.

— Vovó Liv, esta é a Lauren — apresentei, enquanto abraçava a minha avó. Seu cheiro de flores sempre era tranquilizador para mim.

— Lauren, minha querida, Tommy me falou maravilhas a seu respeito. Estava ansiosa para conhecê-la. — Vovó Liv estendeu as mãos para Lauren.

— Eu também estava ansiosa para conhecê-la. Thomas sempre se refere à senhora com grande carinho.

— Ah, nada de senhora, por favor. Me chame de Liv. Bom, acho melhor que você me chame de *vovó Liv*. — Ela piscou para Lauren em tom de cumplicidade.

Pronto, a primeira parte havia sido cumprida com sucesso. Eu observava de perto as mulheres mais importantes da minha vida conversando animadas. Minha avó já tinha deixado Lauren totalmente à vontade, e essa era uma das coisas que eu mais amava em Olivia Keith: ela fazia as pessoas se sentirem confortáveis ao redor dela. E, conhecendo-a tão bem quanto eu conhecia, já sabia que ela aprovava a minha escolha. Minha irmã também estava completamente envolvida por Lauren. Vez ou outra, ela me olhava por cima do ombro e fazia expressões faciais de aprovação.

Me dirigi à mesa de chá que estava montada e, quando me preparava para pegar o primeiro *scone* do dia, avistei meus pais chegando. Revirei os olhos, mas logo me forcei a permanecer com a expressão inalterada. Meu pai foi o primeiro que se aproximou e estendeu a mão para mim:

— Olá, Tommy! — Ele deu um sorriso artificial, como sempre fazia.

— Olá, pai — Apertei sua mão protocolarmente.

— Filho, está cada dia mais lindo! — Minha mãe me deu um beijo na bochecha.

— Obrigado, mãe.

E em seguida, como habitual, instalou-se um silêncio desconfortável entre nós. Não havia nada mais a dizer. Não tínhamos nenhum assunto a tratar, nenhum interesse em comum. Então meus pais dirigiram-se até Meg. Por cima do ombro da mamãe, que a abraçava, Meg revirou os olhos para mim. Retribuí como uma expressão de *sim, eu sei*. E logo o inevitável aconteceu. Minha mãe notou Lauren. E a olhou de cima a baixo com sua terrível expressão julgadora.

— Quem é esta jovem *adorável*? — questionou, examinando-a minuciosamente.

— É Lauren, a namorada de Tommy — disse Meg, simpática.

— Prazer, sra. Keith, sou Lauren Taylor. — Ela estendeu a mão.

— Prazer, Lauren. Pode me chamar de Valerie. Tommy não me contou que estava namorando. Você é *aluna* dele? — Ela arqueou a sobrancelha.

— Eu não me relaciono com as minhas alunas — retruquei.

— Ah, desculpe, querido. É que, como ela é *americana*, imaginei que fosse uma intercambista. — Minha mãe deu um sorriso afetado.

— Não. Eu não sou intercambista, não. Me formei em literatura há alguns anos. Thomas e eu nos conhecemos na livraria em que trabalho. — Lauren rebateu calmamente.

— Ah... você é *atendente* numa livraria?

— Sim. E também trabalho numa editora — respondeu Lauren num tom sério, porém educado.

— Totalmente devotada aos livros. Um par perfeito para Tommy.

— Sim, mãe, ela é perfeita para mim. — Tentei manter um tom de voz tranquilo.

— Meu filho e seus *gostos peculiares*. — Ela sorriu com desdém.

— O que você quer dizer com isso? — questionei, minha voz mais irritada do que eu pretendia.

— Ah, nada, meu bem. Ela é muito bonita. Linda, na verdade. Consigo entender o seu interesse depois de tanto tempo em luto... — Ela me deu tapinhas no ombro.

— Se nos dão licença... — Fiz um sinal com a cabeça para Lauren e fomos em direção ao jardim.

— Me desculpe por aquilo lá dentro. Ela realmente sabe ser bem desagradável. — Olhei para Lauren com uma expressão de cansaço.

— Não se preocupe. Eu vim preparada, lembra? E sua avó e Meg fizeram tudo valer a pena. Elas são adoráveis! — Ela falou num tom tranquilizador e pousou a mão em meu rosto.

— Não vou permitir que ela a insulte. — Beije a palma de sua mão.

— Ela não vai me insultar, Thomas. Porque *eu* não vou deixar que isso aconteça. Ela não me conhece. Nenhuma opinião dela vai me afetar, fique tranquilo. — Ela segurou meu rosto entre as mãos e me deu um selinho.

— Eu nunca fico tranquilo quando eles estão por perto — grunhi.

— Não vale a pena. Nós viemos pela sua irmã, se concentre nela. — A voz dela era tranquila.

Eu a abracei com força e a beijei na testa. A presença de Lauren ali estava me mantendo no prumo. Ver que ela ficara tranquila após a sessão de esnobismo de Valerie Keith me deixou mais confiante. Minha avó se aproximou, perguntando se podia roubar Lauren por alguns segundos, e eu concordei, claro. Depois que as duas saíram, foi a vez de meu pai se aproximar de mim. *O calvário continuava...*

— Que bom que você está com uma namorada, Tommy. Me perguntava se você teria outro relacionamento algum dia. Espero que esteja feliz — disse ele num tom amigável.

— Estou. Obrigado.

— Quando você vai parar de brincar de analisar poemas e assumir o seu lugar nos negócios, Tommy?

— Nunca.

— Nós precisamos conversar. Você tem responsabilidades.

— Sim, eu tenho. Sou professor universitário e pesquisador. E também o maior especialista em Lord Byron da Inglaterra. Isso é o que você classifica de *brincar de analisar poemas*? — respondi em tom calmo.

— Meu filho, não se ofenda, mas você acha que isso é mais importante do que dirigir uma das maiores empresas do Reino Unido?

— Não. São coisas diferentes. E eu já fiz a minha escolha.

— Tommy, como você pretende que os negócios da família prosperem se o herdeiro não tem interesse nenhum em assumir o seu papel?

— Você não precisa de mim. Meg está pronta para ser a liderança de que você precisa.

— Pelo amor de Deus! — Ele subiu o tom de voz. — Sua irmã está grávida. Logo ela estará com um bebê.

— E qual é o problema? — Cruzei os braços.

— Sua irmã vai se dedicar à família dela.

— Ela disse que esse é o desejo *dela*?

— Não. Mas ela terá que cuidar da família, *Thomas*! Ela vai ter que cuidar de um bebê e, ainda, do marido. Isso é incompatível

com um cargo de diretoria na empresa.

— Você está ouvindo o que está dizendo? É um dos maiores absurdos que eu já ouvi. — Dei uma risada de deboche.

— Não há absurdo nenhum no que eu disse. É a realidade. Para o bom funcionamento da sociedade, a prioridade das mulheres deve ser a família.

— Eu não tenho mais nada a conversar com você. — Virei as costas sem dar oportunidade para que ele falasse qualquer outra imbecilidade.

No fantástico mundo de Robert Keith eu era apto a liderar a empresa da família apenas por ter um pênis? *Francamente!* Depois dessa interação no mínimo insólita com o meu pai, eu precisava de ar fresco. Fui para os fundos do jardim, buscando um pouco de paz.

— Ei, bonitão. — Lauren me abraçou por trás.

— Ei, linda. — Segurei as mãos dela com força.

— Está tudo bem?

— Não, mas eu vou sobreviver. — Me virei para ela.

— Eu vi, de longe, você conversando com o seu pai. Não parecia um papo amigável. — Ela alisava os meus braços. *Era tão bom.*

— Não foi. Eu ainda me surpreendo com a capacidade que ele tem de ser um cretino.

— Sinto muito.

— Não sinta. Eu já me conformei. A conversa com a minha avó foi boa?

— Ótima. Ela é uma mulher maravilhosa. Estou encantada por ela.

Fiz um sinal de afirmação com a cabeça. Minha avó realmente era sensacional. Eu sabia que elas se dariam bem. Assim como com Meg, que arrastou Lauren e começou a tagarelar e mostrar os presentes que Lucy tinha ganhado, como se elas fossem amigas de longa data. Eu as observava a distância, sorrindo.

— Tommy, Lauren é maravilhosa. Estou tão feliz por você, meu querido. — Vovó Liv me deu o seu abraço confortador, que fazia parte de todas as minhas memórias.

— Ela também gostou muito de você. — Beije o topo da cabeça da minha avó. Na minha infância, ela sempre fazia isso comigo. Quando fiquei mais alto que ela, invertemos os papéis.

— Não importa o que os seus pais digam: eu tenho muito orgulho de você, Tommy. Você é o melhor homem que poderia existir.

— Ah, elogio de avó não vale! — Tasquei um beijo em sua bochecha.

— Claro que vale. Eu sou sincera até mesmo com você e com Meg, meu bem. — Ela deu sua gargalhada característica.

— E você é a mulher da minha vida. Só não conte para Lauren, ainda. — Pisquei.

— Tommy, Tommy... seu galanteador!

Passei o restante da celebração conversando com a minha avó e fugindo dos meus pais. Eu só queria ir embora. Estava triste por Meg, porque, por mais que eu me esforçasse, não estava conseguindo ser tão presente ali como gostaria. O importante era que Lauren estava sorrindo. Mais um teste de sobrevivência aos meus pais sendo concluído com sucesso.





## CAPÍTULO 27

### LAUREN

**M**eus braços e pernas pesavam, eu estava esgotada. Sempre pensei que a minha relação com os meus pais era ruim, aí conheci os pais de Thomas e até mudei de opinião. O clima entre eles era péssimo. Nunca havia visto Thomas tão tenso e desconcertado. Porém não era difícil entender por que ele decidira manter distância dos pais. A mãe era, na melhor das hipóteses, uma megera. Linda, coberta de roupas de grife e bons modos, mas ainda assim uma megera. O pai era um esnobe que olhava tudo à sua volta com desdém. O ar de julgamento dos dois ao me analisarem me causou um grande desconforto, mas eu consegui manter minha cara de paisagem, pelo bem do Thomas.

Ao chegarmos no meu apartamento, ele se atirou no sofá e expirou fundo.

— Sobrevivemos ao encontro com os meus pais. — Ele pressionava as têmporas.

— Não foi tão ruim assim, vai! — Tentei amenizar o clima.

— Você tem razão. Foi péssimo.

Eu só dei um sorriso em resposta. Ele sorriu também, mas seu olhar estava vazio. Me sentei ao lado dele e comecei a acariciar seus cabelos.

— Parece que não somos as pessoas mais agraciadas no quesito pais. — Ele deu uma risada debochada.

— Concordo totalmente. No entanto, tiramos a sorte grande no quesito irmãs. Meg é maravilhosa!

— Tem que existir um equilíbrio nessa balança, não é? — Ele gesticulou com os braços, imitando um pêndulo.

— Eu nunca te vi tão perturbado quanto hoje.

— Ninguém me tira mais do sério do que eles.

— Bom, vamos tentar não pensar mais nisso, ok? Pelo menos por enquanto. — Beijei-lhe o pescoço e ele estremeceu com o beijo

Eu sabia que Thomas me desejava muito, e que devia estar sendo um esforço muito grande para ele se controlar por tanto tempo. Até o momento, não havíamos chegado às vias de fato. Ele continuava me dando orgasmos, de todos os tipos e das mais diversas maneiras. Cada vez que ele me beijava, reivindicando seu espaço com fome, com paixão, eu queria me entregar. Thomas me incendiava de um jeito que eu nem sonhava ser possível. Ele já parecia conhecer totalmente o meu corpo, todos os toques que me faziam estremeecer.

Mas ainda não tínhamos ido além. Acho que ele tinha medo de ir rápido demais e que eu o rejeitasse, ou algo do tipo. Eu ainda não havia sinalizado que estava totalmente pronta, e talvez esse fosse o problema. Eu sabia que ele só iria adiante quando eu mostrasse explicitamente que estava pronta. Só que eu ainda não tinha certeza.

Ficamos ali sentados, abraçados por um tempo. Eu ainda não queria ir além, não naquela noite, mas sabia que estávamos mais próximos. A minha confiança nele só aumentava. Com o meu histórico, eu jamais poderia imaginar que havia homens que estavam tão interessados em dar prazer quanto em receber. E, no caso de Thomas, sem receber nada em troca. Eu sabia que ele estava fazendo isso como uma forma de cura para mim. Para

que eu pudesse aprender como de fato era ser amada. De repente ele se virou para mim, com o olhar pensativo:

— Lauren, acho que está na hora de fazermos as nossas tatuagens. — Ele riu.

— Não vou mais conseguir te enrolar, não é?

Ele fez um sinal de negação com a cabeça.

— Foi você quem propôs o desafio, afinal. Já decidiu a sua frase? — sondou ele.

— Decidi.

— E qual será? — Ele franziu o cenho.

— É surpresa.

— Vamos fazer amanhã? — Ele tinha um olhar desafiador.

— Ok, professor Keith! Vamos nos tatuar amanhã! — Esfreguei as mãos.

Ele deu um sorriso para mim e ficamos aninhados, em silêncio. Eu estava ansiosa e com medo, mas, como tinha se tornado um padrão para a nova Lauren, ia enfrentar meus temores de cabeça erguida.

No dia seguinte, acordamos mais tarde do que de costume e, quando olhei pela janela, quase fiquei de mau humor. Neblina. Para variar. Se tinha uma coisa que eu detestava em Londres, era o clima. Não que o Maine fosse o lugar mais ensolarado do mundo, mas ficar por dias e dias sob um céu cinzento era uma tortura.

No entanto, antes que eu pudesse ficar emburrada, ver Thomas dormindo, tão tranquilo, me trouxe uma alegria que eu não conseguia controlar. Eu queria guardar aquele momento para sempre. Na verdade, eu queria guardar todos os pequenos momentos com ele num pote, para que pudesse ter certeza de que o que tínhamos era real.

Sorratamente, peguei meu celular na mesa de cabeceira. Eu realmente precisava guardar aquela imagem para sempre.

— Lauren... — Ele grunhiu e afundou a cabeça no travesseiro.

— Pode dar sua demonstração de mau humor matinal. Eu já consegui o que queria.

— Você tirou uma foto enquanto eu dormia? — Ele me olhava com os olhos semicerrados.

— Tirei. — Segurei uma gargalhada.

— Você é louca. — Ele deu uma risada e me puxou para ele. O calor do seu corpo era tão gostoso e me trazia tanto conforto que eu quase desisti da tatuagem para ficar ali com ele.

— Ninguém manda você ser tão lindo. — Eu o beijei.

— Acredito que o barulho que acabei de ouvir não sejam das batidas do seu coração. — Ele tinha um ar zombeteiro.

— Não, foi o meu estômago. — Acabei não contendo mais a gargalhada.

— Bom, *milady*, neste caso, devo preparar o café da manhã.

— Thomas, você está me mimando demais.

— É exatamente este o objetivo. — Ele piscou.

Logo após o café da manhã, fomos até Camdem Town, onde um amigo de infância de Thomas, Greg, tinha um estúdio de tatuagem. O local era praticamente todo preto e cinza, as únicas cores eram as das gravuras nas paredes, que eram opções de tatuagens expostas para os clientes escolherem.

Thomas e Greg se cumprimentaram calorosamente e eu fui apresentada àquele tatuador de mais de um metro e noventa, com a cabeça raspada, coberto de desenhos pelo corpo, com alargadores nas orelhas e piercings nos lábios, no nariz e nas sobrancelhas. Parecia um sujeito durão. Mas essa impressão só durou até Greg abrir a boca. O tom de voz dele era extremamente gentil e ele era muito educado. Mais uma nota para a minha caderneta do autoconhecimento:

*Não é legal julgar as pessoas pela aparência.*

— E então, Lauren, pronta para a sua primeira tatuagem? — perguntou-me Greg com simpatia.

— Acho que sim, mas confesso que estou um pouco amedrontada. — Dei uma risada nervosa.

— Ah, mas isso é normal, não se preocupe. Você trouxe o que vai querer tatuar?

— Sim, é uma frase.

— Legal. Vou fazer algumas propostas de caligrafia para você ver a que mais te agrada.

Vasculhei a minha bolsa em busca do papel amassado no qual tinha escrito a citação. Após alguns segundos de luta contra todos os objetos que eu carregava, encontrei o manuscrito. Estendi o papel dobrado para Greg. Thomas me olhava com curiosidade.

— Você não vai mesmo me mostrar a frase? — Ele arqueou as sobrancelhas, em sinal de contrariedade.

— Ainda não. Vamos surpreender um ao outro. — Pisquei para ele, me divertindo com a situação.

Greg acenou para mim, indicando que eu deveria ir até o balcão onde ele estava rascunhando possibilidades de caligrafia. Ele tinha feito cinco opções. Escolhi uma que parecia uma fonte manuscrita antiga, achei que combinava com a frase. Depois que mostrei a ele qual era a minha preferida, fomos até uma sala reservada.

Greg me informou que a região das costelas era um dos lugares mais sensíveis, especialmente para uma primeira tatuagem, mas existia uma simbologia especial: aquelas costelas tinham sido fraturadas durante a agressão e até hoje não haviam cicatrizado totalmente.

Quando ele ligou a máquina de tatuar, o barulho do motor despertou em mim uma leve sensação de pânico. Respirei fundo e lembrei tudo o que eu já tinha passado. Não seria uma tatuagem que me derrubaria. Quando as agulhas começaram a perfurar a minha pele, senti dor, muita dor, mas resolvi encarar o ritual como uma catarse. Embora fosse um pequeno gesto, significava que eu estava deixando a velha Lauren para trás. Enquanto estava sendo submetida à pequena seção de tortura, fiquei curiosa a respeito da tatuagem de Thomas, que estava em outra sala.

Depois do que pareceu uma eternidade, Greg informou que havíamos terminado. Ele começou a limpar o local com um papel-toalha. Estava bastante dolorido. Ele deu orientações sobre como cuidar do desenho durante a etapa de cicatrização e eu ouvi todas as instruções atentamente. Antes de aplicar a pomada e o filme plástico, ele pediu que eu visse o resultado final.

Me dirigi até um grande espelho na parede e, com a camiseta erguida, fiquei admirando o belo trabalho de Greg. Ele era um tatuador excepcional. Os traços eram finos e precisos, a caligrafia, perfeita, exatamente como ele tinha me mostrado no papel. Ouvimos uma batida na porta. Thomas colocou a cabeça dentro da sala, perguntando se poderia entrar.

— Finalmente o mistério será revelado! — Ele bateu palmas.

— Digo o mesmo. — Fiz uma careta para ele e me virei de lado, para que ele pudesse ver a tatuagem que escolhi.

— *Meu coração está ressecado demais para se partir tão facilmente e eu tenho a intenção de viver o máximo que posso* — leu ele em tom solene. — *A Senhora de Wildfell Hall.* — Ele sorriu.

— Sim. Eu disse que era um livro bem importante para mim. E quanto à sua tatuagem? — Encarei-o com curiosidade.

Ele tirou a camiseta e, ao ter a visão do peito dele nu, tive que me concentrar para lembrar que eu havia pedido para ver a tatuagem. Ele virou de costas para mim. As palavras estavam marcadas entre as escápulas. Me aproximei para ler o que estava por baixo do filme plástico.

*E em suas bochechas, bem como em sua frente,  
seus traços, tão suaves, tão calmos e, ainda assim, eloquentes,  
os sorrisos que triunfam, o tom de pele que enrubesce,  
falam apenas de dias em que a bondade prevaleceu,  
Uma alma cuja paz a todos transparece,  
um coração cujo amor é inocente!*

Eu reconheci na hora! Eram as frases de Lord Byron que ele havia recitado logo após o meu primeiro orgasmo.

— Por que essa citação? — perguntei, incrédula.

— Você sabe o motivo. — Ele arqueou os lábios. E estava ainda mais lindo. — “Ela caminha em beleza”, de Lord Byron. É você, Lauren. Sempre será sobre você. — Ele beijou a minha testa.

Eu ainda estava em choque quando Greg disse de novo que precisava aplicar a pomada e passar o filme plástico para me liberar. Ele fez o curativo e reforçou as instruções para a

cicatrização das tatuagens. Só que dessa vez eu não tinha nenhuma concentração. Sim, era Lord Byron, era o que ele estudava, mas ele mesmo tinha dito que era sobre mim. *Sempre será sobre você.* As palavras dele continuavam ecoando em minha cabeça.

Quando fui até o caixa para pagar, ele cochichou em meu ouvido:

— Já está tudo acertado. É um presente.

— Mas fui eu quem propôs as tatuagens. — Tentei protestar, mas ele me encarou com o olhar tranquilo de sempre, porém bastante determinado. Não havia nada que eu pudesse fazer. — Você sempre pensou em tatuar algo do Lord Byron?

— Não. Eu nunca havia pensado em fazer uma tatuagem.

— E o que mudou?

— Eu te conheci. Você me dá vontade de fazer coisas impulsivas. — Ele sorriu daquele jeito que me deixava zozona.

— E você tem uma relação especial com esse poema que tatuou? — insisti.

— Não tinha. Na verdade, “Ela caminha em beleza” nunca havia sido um destaque na obra de Byron para mim. Mas aí eu conheci você e, de repente, o poema fez todo o sentido.

Senti que estava corando. Minha pulsação acelerou. Em relação à minha tatuagem, ele não fez perguntas. Percebi, pelo olhar dele, que ele havia entendido no momento em que leu nas minhas costelas. Era uma afirmação de sobrevivência. Cada marca que eu tinha era um símbolo de resistência, e não de fraqueza, como eu passara tanto tempo acreditando. A nova Lauren sentia orgulho de todas as cicatrizes que carregava.



## CAPÍTULO 28

### THOMAS

Depois de algumas semanas de muita correria, finalmente eu tinha uma tarde livre. Como minha avó vinha reclamando muito da minha desatenção com ela, resolvi que era uma boa ocasião para visitá-la e tomarmos um chá, como havia muito tempo não fazíamos. Vovó Liv era inglesa até a raiz dos cabelos brancos, mas, felizmente, nela o sarcasmo predominava em vez do esnobismo.

Ela era uma criatura extremamente pragmática e simples. As pessoas se sentiam à vontade perto dela, mas isso não queria dizer que não fosse devotada às tradições. E a hora do chá era uma delas. Quando cheguei, ela estava sentada em sua poltrona favorita, próxima à lareira, lendo uma revista. Ao me ver, levantou-se, abriu os braços e deu um enorme sorriso.

— Ah, Tommy, seu desnaturado. Achei que nunca mais apareceria para ver sua velha avó. — Ela me envolveu num abraço longo e demorado.

— Eu nunca vou abandoná-la, você sabe disso. Sei que tenho sido um pouco relapso, mas vou melhorar. — Beijei o topo de sua cabeça.



Ela enganchou o braço no meu e seguimos para a ampla sala de jantar, onde se costumava servir o chá. A mesa de dez lugares estava coberta com uma elegante toalha de linho branco e, como sempre, ela parecia esperar por um exército para se juntar a nós, porque além do chá havia *scones*, minissanduíches, *Victoria Sandwiches*, torradas e geleias. Um exagero que só Olivia Keith era capaz de proporcionar. Ela tagarelava animadamente sobre as peças do enxoval que tinha comprado para Lucy. Minha avó estava muito animada com a chegada da primeira bisneta. Subitamente, ela mudou o foco do assunto:

— Tommy, você se lembra da casa de Derbyshire? — inquiriu ela despreocupadamente e sorveu um gole de chá.

— Claro que lembro! Meg e eu adorávamos aquela casa. Nossa, tem muito tempo que não vou lá, mas pelas minhas lembranças era um lugar adorável.

— E é. Estive lá no mês passado, para ver as reformas. Algumas modernizações eram necessárias. Eu gostaria que você fosse lá.

— Ah, é? Você precisa de alguma ajuda com a obra? — perguntei, me servindo de chá.

— Não, a reforma já foi concluída. Gostaria que você avaliasse se a casa te agrada.

Vendo minha expressão de dúvida, ela decidiu continuar:

— Vou transferir a propriedade para o seu nome — disse ela com a mesma naturalidade que avós contam que vão comprar meias para o Natal.

— Por quê? — questionei, surpreso.

— Porque eu já dei a casa de Kent para Meg. E você sempre foi mais apegado a Derbyshire. Bom, a casa vai ser sua de qualquer maneira, não adianta protestar, Tommy. Já consultei meus advogados sobre isso e eles já estão vendo a documentação — disse ela num tom casual, mordendo um *scone* em seguida.

Eu queria argumentar com ela que não havia a menor necessidade de que eu tivesse uma casa em Derbyshire. Mas eu sabia que, quando Olivia Keith estava decidida, nada a fazia mudar de ideia. Além disso, pensei que visitar a propriedade que

eu não via tinha tanto tempo seria um excelente argumento para convidar Lauren para uma viagem curta. Seria bom para nós dois.

— Aposto que Lauren vai amar Derbyshire — falou vovó Liv, com ar travesso. *Parecia que ela também podia ler pensamentos.*

Ao sair da casa da minha avó, passei na The Book Company para buscar Lauren. Vínhamos nos revezando entre os nossos apartamentos durante a semana, e era noite de irmos para a minha casa. Percebi que ela tinha um ar aflito e permaneceu em silêncio durante todo o caminho até a minha casa.

— Lauren, o que está acontecendo?

— Eu não sei o que fazer. — Ela deu de ombros.

— Se você quiser compartilhar o motivo da aflição, posso tentar ajudá-la. — Eu a envolvi num abraço.

— Mark me ofereceu uma promoção. Para avaliar os originais que chegam à editora. — Ela mordeu o lábio inferior e franziu o cenho.

— Mas isso é ótimo, não é? Por que a preocupação? — Eu afastei uma mecha de cabelo que caía em seu rosto.

— Porque eu teria que ficar em tempo integral na MH...

— O que significaria não trabalhar mais na The Book Company — complementei.

Ela assentiu com a cabeça em ar de desânimo.

— Não posso fazer isso com a Jess. Só estou em Londres por causa dela.

— Lauren, o que você quer?

Ela pensou por algum tempo.

— Eu quero a promoção que Mark me ofereceu, mas não posso... — Ela suspirou.

— Então você deveria conversar com a Jess e ser franca. Tenho certeza de que ela vai entender e apoiá-la. Até quando Mark quer a resposta?

— Até a semana que vem.

— Bom, então eu tenho uma ideia. Você conhece Derbyshire?

— Já vi fotos magníficas. Parece ser um lugar lindo — respondeu ela, animada.

— A minha avó tem uma casa lá, recentemente reformada. É um lugar bastante agradável. Acho que seria uma oportunidade para você refletir com calma sobre o que quer fazer. Gostaria de passar um fim de semana lá comigo? — Eu a encarei com expectativa.

— Claro! — E ela se atirou em meus braços.

A semana passou num piscar de olhos. Combinei com Lauren que a buscaria mais cedo na sexta-feira, para seguirmos viagem. Ela trazia apenas uma mala pequena e uma *nécessaire*. Para quem já tinha viajado com a minha mãe ou a minha avó, aquela visão de economia e simplicidade era um verdadeiro alívio. Ela me lançou um sorriso tão maravilhoso que não pude fazer mais nada a não ser largar as bagagens no chão, segurá-la e beijá-la apaixonadamente. A cada dia eu me sentia mais conectado àquela mulher. Nossas conversas podiam ser profundas e filosóficas, ou podíamos apenas falar um monte de besteiras. Não importava. Ninguém me preenchia tão completamente quanto ela.

Ao entrarmos no carro, ela conectou o celular ao *bluetooth* do aparelho de som. Comecei a ouvir os acordes iniciais de “Mardy Bum”. Ela tinha um ar travesso, como se estivesse aprontando alguma coisa.

— Você sabe, eu não resisto a alguns clichês. — Ela quase gargalhava. — Então selecionei uma playlist para a nossa viagem: *British Roadtrip*.

— Eu não acredito! Você se supera em tornar a nossa atmosfera o mais britânica possível — observei, com satisfação.

— Tem músicas dos The Smiths! — Ela levantou os braços, como se estivesse em rendição.

— Mas eu gosto de Arctic Monkeys. Não estou tão preso ao passado assim. — Pisquei para ela.

Ela deu mais um dos seus sorrisos maravilhosos — aquele sem dúvida era o de relaxamento — e estávamos prontos para seguir viagem. Nas pouco mais de três horas de jornada, ouvimos música, conversamos sobre amenidades e comemos alguns petiscos. Eu me lembrei de quando fazíamos essa mesma rota meus avós, Meg e eu, especialmente no verão. Meu avô,

Timothy, havia morrido cinco anos atrás, mas ainda estava muito presente nas minhas memórias. Era um homem extremamente culto, gostava de cultivar plantas e era um progressista por natureza. Amava todas as pessoas, e, assim como a minha avó, os gatos. Era realmente um homem admirável.

Ao chegarmos em frente à propriedade, a sensação de familiaridade me atingiu em cheio. Além de o exterior da casa estar exatamente como eu lembrava, o cheiro do campo me transportou direto para as tardes felizes da minha infância. Não imaginava que me sentiria tão feliz pelo fato de estar na casa onde havia passado bons momentos da minha juventude. Eu estava ainda mais contente por poder dividir aquele espaço com Lauren.

Os olhos dela pareciam ainda maiores observando a propriedade. A casa era enorme. A fachada de pedras, adornada por janelas e portas claras, contrastava com o entorno extremamente verde. A propriedade era uma das únicas da redondeza, o que nos dava bastante privacidade. Peguei as malas e nos dirigimos à entrada. Ao passarmos pela porta, ouvi um *uau*.

— Gostou? — perguntei com ansiedade.

— Sim, é maravilhosa! É tão... inglesa!

— Fico feliz de que os padrões de qualidade ingleses sejam do seu agrado, *milady*. — Fiz uma mesura para ela.

— Posso garantir que pelo menos um inglês é do meu agrado.

— Ela sorriu e me beijou.

Lauren continuou observando a sala. Acho que era mesmo um cômodo muito inglês, como ela dissera.

— Eu costumava esconder as bonecas de Meg atrás desse relógio cuco. — Apontei para a antiguidade na parede.

— Hum, o pequeno Tommy era um menino malvado? — debochou ela.

— Posso ser muito malvado quando necessário. — Eu a envolvi pela cintura e beijei-lhe o pescoço.

Ela não disse nada, apenas ficou me observando com aqueles grandes olhos castanhos, que pareciam ter um milhão de coisas a me dizer. Eu a conduzi ao segundo andar, onde ficavam os

quartos. A suíte principal tinha uma cama enorme que estava decorada com enxoval nas cores branca e azul-marinho. Um dossel com cortina floral envolvia parte da cama.

— Liv tem muito bom gosto. Este lugar é sensacional!

Eu poderia viver mil anos que jamais esqueceria o brilho nos olhos dela naquele momento.

— Que bom que você gostou. Minha avó vai me dar esta casa, e não há nada que eu possa fazer em relação a isso. — Eu ri. — Quando Olivia Keith põe alguma ideia na cabeça, só resta aos outros aceitar.

Ashbourne, nossa localização, era eminentemente rural, e estávamos basicamente isolados na propriedade. Confesso que eu era um homem 100% urbano, mas alguns dias de bucolismo não faziam mal a ninguém. Nos acomodamos em frente à lareira, devidamente equipados com uma garrafa de vinho e duas taças, e ficamos deitados no tapete felpudo. Permanecemos num silêncio confortável por alguns instantes.

— Thomas... — O tom de Lauren era hesitante.

— Hum — murmurei, já meio sonolento.

— Eu quero que você saiba que confio em você. Acho que nunca confiei tanto em outra pessoa, além da Kate...

Ela estava deitada com a cabeça na minha barriga. Eu estava acariciando os cabelos dela. Senti uma pontada de receio na voz dela, mas permaneci em silêncio, para que ela continuasse.

— É por isso que eu quero que você saiba que não há nada mais que me impeça de ser totalmente sua. Não há nenhuma parte de mim que eu não queira compartilhar com você. — Ela fez uma pausa e se sentou.

Eu me sentei também e a olhei fixamente. A sala já estava escura, não havíamos acendido nenhuma das luzes, contando apenas com a lareira acesa. O reflexo das chamas deixava os olhos dela com um tom ainda mais quente e curioso. Seu rosto, como sempre, estava lindo, mas eu não conseguia decifrar a expressão que ele trazia.

— Eu quero lhe entregar isto. — Ela tirou uma pequena caderneta do bolso da calça. — São as minhas notas do

autoconhecimento. Lembra que eu falei sobre elas? — Ela estendeu o caderninho para mim.

— Claro que eu lembro. Você tem certeza de que quer que eu fique com a caderneta? Não são anotações muito pessoais? — Eu segurava o bloco como se fosse um tesouro.

— São. Mas não há nada da minha intimidade que eu queira esconder de você. Por favor, aceite. E leia.

Segurei a caderneta com força contra o peito. Eu sabia que, para uma pessoa tão reservada quanto ela, aquele era um grande gesto de confiança. Eu me senti honrado, senti verdadeiramente naquele momento que ela estava se entregando a mim sem reservas, sem medo. *Ela confiava em mim*. Eu sequer imaginava que ela podia me fazer ainda mais feliz, mas podia. Foi inevitável lançar um sorriso aberto como o de uma criança. Ele leu em meus olhos tudo o que eu estava sentindo.

— E, quando eu digo que não há nenhuma parte de mim que eu não queira compartilhar com você, estou sendo sincera, Thomas. — Ela me encarou com seriedade.

— Eu sei disso, meu bem. — Alisei os cabelos dela.

— Thomas... — falou ela com a voz trêmula e deu um longo gole no vinho.

— Sim? — Eu a encorajei a ir em frente.

— Eu quero fazer amor com você.



## CAPÍTULO 29

### LAUREN

Eu não conseguia acreditar que tinha reunido coragem para falar que queria fazer amor com Thomas. Mas a nova Lauren podia fazer o que queria e estava ousada. Ele ficou me estudando por alguns segundos. Abriu a boca, mas parecia ter desistido do que ia falar. Dava quase para ouvir as engrenagens do cérebro dele funcionando. Claramente, eu o peguei de surpresa. *Sério mesmo que ele não esperava por isso?*

— Você tem certeza? — A voz dele estava tão rouca que quase não reconheci.

— Nunca tive tanta certeza em toda a minha vida — respondi sem desviar o olhar daqueles olhos azuis maravilhosos.

— Então temos que fazer isso da forma correta.

Ele se levantou de um impulso e me deu a mão, para que eu me levantasse também.

— Com licença, senhorita.

E, sem que eu tivesse tempo para me preparar, ele me pegou no colo. Dei uma gargalhada e apoiei a cabeça no peito dele. Ah, como ele estava quente. Eu tinha a certeza de que o calor daquele homem era tudo de que eu precisava para ser feliz. Eu

nunca tinha me sentido assim, era uma mistura de expectativa, ansiedade e desejo. Enquanto ele me carregava escada acima, me dei conta de que nunca tinha tido um momento tão romântico quanto aquele na vida. Aquela cena, que era comum a tantos recém-casados, estava acontecendo comigo e com Thomas, mas nós não precisávamos de nenhum compromisso firmado, nenhum papel assinado para sabermos que éramos um do outro. Nós nos pertencíamos e, ao mesmo tempo, éramos tão livres!

Ele me deitou com todo o cuidado na cama e ficou me observando com um olhar predatório. Aquele homem, que geralmente era tão calmo e contido, parecia prestes a perder o controle, e posso dizer que daquele jeito ele ficava ainda mais delicioso. Então começou a tirar a camisa. A visão do peito nu dele me deixava sem fôlego. Eu continuava de roupa, observando o show particular. Ele tirou as calças e o vi ali diante de mim, em todo o seu esplendor e glória. *Oh céus!*

Thomas se aproximou lentamente da cama, os olhos fixos em mim, e começou a engatinhar em minha direção. Parecia um felino espiando a presa. Lentamente ele tirou a minha blusa e depois a minha calça, sempre aproveitando para percorrer os dedos na minha pele com um toque suave, porém instigador. Fiquei apenas de lingerie. Ele começou a beijar o meu pescoço, depois desceu em direção aos seios e à barriga. Ele beijava cuidadosamente cada pedaço do meu corpo. Eu já começava a ter espasmos com aquela tortura doce e deliciosa. Ele me puxou para que eu ficasse sentada e desabotoou o meu sutiã. Se posicionou atrás das minhas costas e começou a beijar e a acariciar toda a extensão das minhas cicatrizes.

— Você é tão linda, Lauren... — Ele ofegava. — É a mulher mais linda que existe, e sempre será. — E passou a língua pelo meu pescoço.

Eu me deitei e ele se posicionou de joelhos diante de mim. Thomas puxou vagarosamente a minha calcinha e me deu um sorriso alucinante. *Santo Deus.* Ele deslizou a ponta dos dedos entre as minhas coxas, e só esse toque já me dava vontade de gemer. Quando ele afastou as minhas pernas com delicadeza, minhas mãos pressionaram as costas dele, puxando-o para mim.



A respiração quente dele na minha pele me provocava descargas elétricas. Ele começou a beijar a minha virilha enquanto acariciava a parte interna das minhas coxas. Eu já estava quase enlouquecendo, eu o queria completamente, não aguentava mais esperar.

Ele se levantou do meio das minhas pernas e lá estava aquele olhar cintilante, predatório de novo. Esticou a mão e abriu uma gaveta da mesa de cabeceira e pegou uma camisinha. Com destreza e rapidez, colocou o preservativo, e então se posicionou em cima de mim. Ele me puxou para que nós dois ficássemos sentados. Eu subi no colo dele e passei minhas pernas ao seu redor. Então ele começou a me penetrar lentamente. Eu despenquei num abismo, cheio de cores difusas.

Todos os meus sentidos estavam em alerta, minhas mãos pareciam queimar, absorvendo o calor da pele de Thomas. Eu não sabia mais onde terminava o meu corpo e começava o dele. Fui tomada por espasmos e eu já não tinha mais nenhum controle de mim. Depois que me perdi no universo dele, que renasci, voltando à superfície, após estar submersa no cheiro e no sabor de Thomas, me soltei nos braços dele, e aí ele se permitiu gozar. Ele deu um gemido tão maravilhoso em meu ouvido que meu coração acelerou. Então relaxou e soltou a cabeça em meu pescoço.

— Thomas... — Eu estava ofegante.

Estávamos com a respiração pesada e suados, ainda com os corpos unidos.

— Meu Deus.... eu... eu nem sabia que isso era possível... — falei enquanto acariciava os cabelos dele.

— Nem eu, meu amor. — Ele me deu um beijo demorado.

Ficamos em silêncio por um bom tempo, naquele tipo de quietude que se instala entre duas pessoas que não precisam de palavras para dizer o que sentem. Nós nos olhávamos fixamente, agora deitados de frente um para o outro. Só depois de um tempo percebi que ele acariciava as minhas costas. O contato com as cicatrizes já não me incomodava mais.

Antes daquela noite, eu tinha pensado muitas e muitas vezes sobre como seria a nossa primeira vez. Desde que pus meus

olhos em Thomas, eu o desejei. À medida que fomos nos conhecendo, eu o quis mais e mais, porque não era apenas uma questão de atração física, e sim uma conexão mais profunda. A mente dele me seduziu de uma forma que eu jamais imaginei ser seduzida.

— Pare de pensar, Lauren — pediu ele, a voz sonolenta.

— Mas eu só estou pensando em coisas boas!

— Compartilhe comigo algumas dessas coisas, então.

— Talvez você fique muito convencido, não sei se é uma boa ideia — brinquei.

— Façamos um teste... — Ele abriu um sorriso sedutor.

— Você já tinha me mostrado que orgasmos existem. Isso foi, sem dúvida, um marco. — Arqueei as sobrancelhas. — Mas eu jamais imaginei que transar pudesse ser tão bom. Eu ouvia as pessoas falarem sobre isso, mas me perguntava se era assim mesmo ou se era superestimado.

— E qual é a sua opinião agora?

— Definitivamente sexo não é superestimado. — Gargalhei.

— Mas nunca foi assim comigo também. Nunca senti o que sinto quando estou com você. Você me faz até acreditar em destino.

— Thomas, Thomas. O que eu faço com você? Eu já te amo tanto...

— *Eu gosto do seu corpo, eu gosto do que ele faz, eu gosto de como ele faz, eu gosto de sentir as formas do seu corpo, dos seus ossos, e de sentir o tremor firme e doce de quando lhe beijo.* — Ele deu um beijo em minha testa. — *E volto a beijar.* — Deu um beijo em meus olhos. — *E volto a beijar.* — Beijou minha bochecha. — *E volto a beijar.* — E colou os lábios nos meus.

— Cummings! — constatei com alegria. Era um dos meus poetas favoritos. — Ai, ai, ai, eu te amo tanto.

— Eu te amo mais. Te amo tanto que você me transformou num declamador brega de poemas.

— O mais gostoso de todos.

— Acho que nunca recitei tantos poemas, Lauren. Nem em sala de aula. — Ele riu.

— Continue recitando todos eles só para mim. — Eu me deitei sobre o peito dele e ouvi as batidas de seu coração enquanto Thomas acariciava meus cabelos.

Se ele achava que tinha virado um declamador brega de poemas, o que eu tinha me tornado? Uma adolescente que ficava sem ar ao menor sinal de proximidade dele. Depois de Graham, não achava que algum dia viveria algo sequer próximo do que eu estava vivendo com Thomas. Talvez eu mesma pudesse escrever um poema, tão inundada de paixão eu estava. O amor devia ser assim mesmo: intenso, brega, desmedido, generoso, farto... Eu poderia tentar colocar em palavras o que sentia por aquele homem. Mas eu estava com mais vontade de sentir. De viver.

Eu sabia que Thomas não era o responsável por todas as mudanças que estavam acontecendo na minha vida. Entendia que eu mesma tinha uma grande responsabilidade por todas as novidades que estava vivendo, mas eu não podia ignorar o papel que aquele homem estava desempenhando na minha trajetória. Ele me dava coragem para enfrentar os meus maiores medos. Conseguia enxergar por baixo de todas as camadas de fragilidade que eu tinha e via uma força em mim que nem eu enxergava.

Ele era um verdadeiro companheiro — me queria do jeito que eu era, não esperava que eu fosse alguém que eu não pudesse ou não quisesse ser. O que eu sentia por ele era tão enorme que às vezes parecia que eu ia sufocar. Se eu pudesse, não sairia daquela cama nunca mais. Sentia-me tão relaxada, como havia muito tempo não julgava ser capaz. Então eu dormi. Adormecer no calor dos braços dele, sentindo sua respiração, era uma das melhores coisas da vida.

Quando abri os olhos no dia seguinte, o espaço ao lado na cama estava vazio, porém ainda quente. Ouvi alguns barulhos vindos do andar de baixo, provavelmente da cozinha, mas ainda estava sonolenta demais para me levantar. Comecei a me espreguiçar e achei que aquela era uma manhã ainda mais gloriosa do que todas as outras.

Dentro da minha cabeça, tocava “Feeling Good”, da Nina Simone. *Ah, sim, eu me sentia muito bem!* Ouvi os passos de Thomas subindo as escadas. Ele estava com um sorriso enorme quando entrou no quarto, carregando uma bandeja de café da manhã. Quando ele pôs a bandeja no centro da cama, vi que tinha um vasinho branco, de porcelana, com flores azuis. Não me contive e aproximei o pequeno buquê do rosto.

— Gostou das flores? — Ele parecia ainda sonolento, mas lindo.

— Sim, muito. São lindas. Obrigada.

— São as valerianas-gregas, as flores do condado de Derbyshire. Tem algumas no quintal atrás da casa. Tem gente que chama de escada-de-jacó.

Na bandeja, havia algumas fatias de pão tostado, ovos, bacon, suco de laranja e café. Perto do vaso de flores, um pequeno pedaço de papel-cartão, com a letra dele. Peguei a mensagem e li:

*E agora, bom dia às nossas almas que acordam  
E que, por medo, uma à outra se não contemplam:  
Porque amor todo o amor de outras visões influencia  
E transforma um pequeno quarto numa imensidão.  
Deixa que os descobridores partam para novos mundos,  
E que aos outros os mapa-mundos sobre mundos mostrem.  
Tenhamos nós um só, porque cada um possui, e é um mundo.*

Thomas, ao que tudo indicava, tinha um repertório infinito de poemas. E eu gostava cada vez mais dessas demonstrações, que ele, constrangido, às vezes classificava como bregas. Eu

não achava nada do que ele fazia cafona, pelo contrário. Estava cada vez mais apaixonada por ele, por ser amada com tanta adoração. Parecia que eu estava vivendo no meu próprio romance de Jane Austen, e eu achava aquilo tudo maravilhoso. Eu não reconheci a autoria do poema, e ele percebeu.

— É do John Donne. Chama-se “Bom Dia”. Achei apropriado para o momento.

— Você parece sempre saber a coisa certa a fazer ou dizer. Tem como você ser menos perfeito? — Gargalhei.

— Desculpe, senhorita. Tentarei ser menos eficiente em agradar os seus desejos — declarou ele em tom debochado.

— Ah, não, por favor, não faça isso.

Tomamos café da manhã e logo voltamos para a cama. Eu até tinha curiosidade sobre os arredores de Derbyshire, mas ficar no quarto com Thomas me pareceu uma ideia melhor do que visitar qualquer ponto turístico. A cada pedaço de pele explorada, a cada gemido, com os nossos corpos fundidos, eu me sentia mais e mais dele. Irremediavelmente, eu já havia entregado minha alma àquele homem. Por mais que a ideia me desse medo, sobretudo depois de tudo o que eu já havia passado, não tinha mais volta. Thomas havia se apossado do meu coração como ninguém nunca antes tinha feito. Já perto da exaustão física, decidimos explorar o ofurô no quintal. Segundo ele, essa era uma das novidades da reforma recém-concluída. Fiquei imediatamente fascinada com aquele céu estrelado que o teto de vidro me permitia admirar.

— Uau! Olivia Keith sem dúvida fez um excelente trabalho! — disse ele, visivelmente surpreso.

Eu continuava em silêncio, pois a visão daquilo tudo era tão espetacular que eu nem sabia o que dizer. Abri as gavetas da pequena cômoda de madeira rústica ao lado e tirei dali roupões felpudos, daqueles que parecem massagear a pele. Pendurei-os em ganchos de madeira ao lado de um espelho. Thomas tinha dito que precisava buscar algo e eu estava tão embasbacada que nem notei que ele já estava de volta, segurando um balde com champanhe e duas taças. Havia várias velas ao redor do ofurô, e Thomas as acendeu pacientemente, uma a uma.

Fiquei muito feliz pelo fato de a propriedade ser praticamente isolada. Tiramos as roupas e entramos na banheira de água fumegante. Era uma sensação deliciosa ter o corpo mergulhado naquela água quente. Me posicionei entre as pernas de Thomas, de costas para ele.

— Se for um sonho, por favor, não me acorde nunca mais — murmurei.

— Desde o dia em que te vi pela primeira vez, me pergunto se você não é fruto da minha imaginação. — Ele me beijou. — Mas me arrisco a dizer que isto aqui é bastante real.

Ele me deu um abraço apertado. Eu acariciava seus braços fortes, jogando mais água quente neles. Estar aninhada a Thomas agora era uma sensação tão familiar que eu nem conseguia lembrar como tinha vivido sem ele por tanto tempo. Só de pensar numa possível ausência dele, meu coração parecia murchar.

Acho que nunca tinha precisado de nenhuma pessoa tanto assim, e isso podia ser muito perigoso, eu sabia. Mas eu queria me concentrar apenas no presente e no bem que Thomas me fazia. Ele também parecia bem feliz ao meu lado, e isso era reconfortante: saber que eu também podia fazer tão bem a outra pessoa.

Em apenas um dia eu tinha descoberto que nunca ficaria satisfeita, nunca me cansaria de Thomas, de tê-lo e de ser dele. Então, eu me virei para ele e, lutando um pouco contra a pressão da água, passei minhas pernas ao redor da cintura dele, sentando em seu colo. Comecei a beijar-lhe o pescoço, e ele estremeceu. Era muito bom ter esse doce controle sobre ele. Ele segurou meu quadril de maneira decidida, mas ao mesmo tempo suave, e me posicionou estrategicamente para que pudesse me penetrar. Os nossos movimentos eram ritmados e lentos. Não tínhamos pressa em nos consumir, queríamos nos saborear. Eu apoiei as mãos na borda do ofurô, para descer mais e deixá-lo ir ainda mais fundo, porque eu o queria completamente dentro de mim.

Então começamos a aumentar aos poucos o ritmo. O som dos nossos movimentos na água e os gemidos iam se misturando,

tendo como pano de fundo a quietude da noite, me deixando ainda mais excitada. Joguei a cabeça para trás e observei o céu incrivelmente estrelado, quando a minha explosão e, na sequência a dele, tomaram o nosso corpo. Eu precisava pegar a minha caderneta com ele para fazer mais uma anotação:

*Adoro fazer amor com Thomas Keith sob as estrelas.*



## CAPÍTULO 30

### THOMAS

Sem sombra de dúvida, eu jamais tinha vivido um fim de semana como o que Lauren e eu tivemos em Derbyshire. Na verdade, acho que nunca havia sido mais feliz em minha vida. Nós parecíamos coelhos no cio; não me lembro de ter transado tanto num curto espaço de tempo como ocorreu nesse fim de semana. Eu tinha preparado uma programação especial para nós, havia alguns lugares que gostaria que ela conhecesse, mas a fome que sentíamos um do outro eclipsou todos os outros planos. Confesso que, ao chegarmos em Derbyshire, eu não sabia ao certo o que ia acontecer.

Levei velas e champanhe para criar um clima, camisinha caso fosse necessário, porém não ia pressioná-la. Não tinha certeza se ela já estava preparada para darmos o próximo passo, mas, quando ela me olhou, com todo o desejo que tinha, e disse *eu quero fazer amor com você*, foi como se o meu mundo tivesse parado naquele instante. Eu a desejava muito, só que não fazia ideia de que a realidade superaria a imaginação. O sexo com ela era o melhor que eu já tinha experimentado. A química que



existia entre nós era algo que eu desconhecia até o momento em que a senti por dentro pela primeira vez.

Quando estávamos fazendo nosso caminho de volta a Londres, Lauren escolheu The Smiths como trilha sonora, e eu fiquei surpreso e feliz por ver que ela já sabia cantar várias das músicas. Ouvi-la entoar alguns dos hinos da minha banda favorita aqueceu o meu coração. *A minha garota e a minha banda*. É, a vida podia ser muito boa.

Era domingo à noite, e Lauren decidiu dormir lá em casa. Quando ela caiu no sono sobre o meu peito, eu pensei em quanto queria que aquilo nunca tivesse fim. Eu queria que estivéssemos sempre juntos, que dividíssemos as nossas coisas, os nossos sonhos, os pensamentos mais profundos. Enfim, eu queria que morássemos juntos. Sei que às vezes podia soar meio antiquado e até meio hipócrita, já que dormíamos juntos quase todas as noites, mas eu queria dar o próximo passo da maneira correta: eu ia pedir Lauren em casamento. Estava decidido. Não havia mais o menor sentido em adiar, eu tinha certeza de que ela era a mulher da minha vida.

Durante o café da manhã, notei em Lauren aquela expressão que ela fazia quando algo a preocupava: o cenho franzido, as sobrancelhas quase unidas e a mordida no lábio inferior.

— Está tudo certo aí dentro? — Toquei a testa dela com o indicador.

— Está. — Ela suspirou. — Eu me decidi a respeito do trabalho na MH. Vou falar com a Jess. Ela vai entender. Sou muito grata à oportunidade que ela me deu, mas preciso seguir os meus sonhos.

Abri o sorriso mais sincero e beijei a testa dela. A felicidade de Lauren tinha se tornado a coisa mais importante de todas para mim. Me inundava de alegria ver que ela estava disposta a lutar pelo que queria e que sua coragem ia se fortalecendo. Ela estava desabrochando em pétalas cada vez mais exuberantes. De alguma forma, essa era a Lauren que eu sempre soube que existia, que lutava para emergir daqueles olhos cor de chocolate. Essa era a mulher que ela estava destinada a ser, mas que ninguém queria enxergar, nem mesmo ela. Eu a amava tanto! E

estava destinado a ser dela. Me tirando dos meus devaneios, ela disse:

— Thomas, eu gostaria muito que você e Kate se conhecessem. Estou pensando em convidá-la para ficar lá em casa. Sinto falta da minha irmã. Faz quase um ano que não nos vemos.

— Eu também gostaria muito de conhecê-la. Será uma honra.

— Ela me disse que vai tirar férias. Queria que ela ficasse por aqui pelo menos durante uma semana, o que acha?

— Acho ótimo! Se quiserem a minha companhia, sou um excelente guia turístico.

— Eu sempre quero a sua companhia. — Ela apertou meu braço, empolgada. — E tenho certeza de que a Kate vai te amar!

Eu estava ansioso para conhecer Kate. Por tudo o que Lauren havia me contado, a irmã era uma mulher destemida, que faria de tudo para defender aqueles que amava. Elas eram melhores amigas, e, assim como eu, Lauren tinha uma relação complicada com os pais, e seu único suporte fora o amor fraternal.

Nas semanas que se seguiram, mantivemos nossa rotina confortável, mas agora havia um novo componente: Lauren trabalhava em tempo integral com Mark, avaliando os originais que ele recebia e dando ideias para modernizar a editora, como publicações em redes sociais e programas para a prospecção de novos autores. Ela estava se destacando, e Mark não parava de elogiá-la, o que eu sabia que não era nada fácil, pois conhecia o nível de exigência dele. Eu estava bastante feliz por poder acompanhar o crescimento profissional dela. Sabia quanto isso era importante para que ela se sentisse completa.

Kate e sua esposa, Chelsea, já estavam em Londres, e Lauren ia preparar um jantar para elas. Apesar de eu ter me oferecido para ajudar a cozinhar, Lauren disse que queria fazer a sua já famosa e aprovadíssima lasanha. Ela pediu que eu levasse um vinho. Quando me aproximei da porta de Lauren, ouvi gargalhadas e acabei rindo automaticamente. *Que bom, elas já estão se divertindo.*

Lauren me deu um caloroso abraço e um beijo demorado. Conseguia estar ainda mais bonita com as bochechas coradas,

provavelmente de tanto rir. Ao olhar para o sofá onde as duas outras mulheres estavam sentadas, imediatamente identifiquei Kate, o que não era tarefa muito difícil, já que ela e Lauren se pareciam bastante, apesar de a irmã mais velha ser loura e ter olhos azuis. Chelsea tinha cabelos curtos e cacheados e grandes e expressivos olhos cor de caramelo. Kate se levantou e veio em minha direção, com uma expressão simpática.

— Olá, Kate, prazer em conhecê-la. — Estendi a mão para ela, que me envolveu num abraço.

— Oi, Thomas, é tão bom conhecer você, finalmente! Esta é a minha esposa, Chelsea. — Ela apontou para o sofá, e a outra mulher se levantou.

Depois das apresentações, fui até a cozinha ajudar Lauren com os últimos preparativos para servirmos o jantar. Ela estava radiante. Dava para ver que existia uma excelente dinâmica entre as três, parecia haver uma amizade verdadeira e muito carinho. Pusemos a mesa e o jantar transcorreu de forma ainda mais agradável do que eu previra. Kate e Chelsea eram pessoas extremamente simpáticas e divertidas.

— Thomas, o primeiro ponto a seu favor é saber que você é fã de The Smiths. Um homem com excelente gosto musical, aprovo! — brincou Chelsea.

— Obrigada pelo apoio, Chelsea. — Ergui a taça de vinho.

Chelsea era ótima, mas parecia que Kate e eu nos conhecíamos de longa data. Conversamos sobre vários temas, e notei que ela e Lauren se entendiam apenas pelo olhar. As três estavam muito animadas, fazendo um roteiro de todas as atrações que gostariam de visitar naquela semana. Como Lauren e eu estaríamos trabalhando durante a semana, ajudamos a estruturar um guia, e as acompanharíamos no fim de semana. Quando o jantar já havia terminado, começamos a recolher a louça. Lauren estava na cozinha com Chelsea quando Kate me chamou:

— Thomas — ela tocou no meu braço —, nunca vi a Lala tão feliz quanto ela está agora. Eu tenho certeza de que você é, em grande parte, responsável por isso. Você sabe que ela passou por muita, muita coisa... — Ela suspirou. — Por isso, é tão

importante que ela se sinta verdadeiramente amada. Obrigada por fazer isso pela minha irmã. — Ela me lançou um sorriso sincero.

— Eu é que tenho que agradecer, Kate. Você não tem ideia do que ela tem feito na minha vida. Eu a amo muito, você pode ter certeza.

— Eu sei. Depois do que vi hoje, eu tenho certeza.

Enquanto empilhávamos a louça na pia, senti meu telefone vibrar no bolso. Era uma mensagem de Pete, marido da minha irmã, afirmando que ela estava em trabalho de parto, a caminho do hospital. Avisei a Lauren, e ela decidiu me acompanhar. Kate e Chelsea asseguraram que podíamos ir tranquilos, pois já estavam perfeitamente instaladas no apartamento.

Ao chegarmos ao hospital, vi minha avó, que estava exultante no corredor.

— Lucy acabou de nascer, meus queridos. Pete está com Meg. Logo, ele virá nos buscar para conhecermos a mais nova integrante da família — explicou ela com os olhos cheios de emoção.

Pete estava com o maior sorriso que eu já havia visto na cara dele e nos conduziu até o quarto. Quando entramos, Meg estava ainda com expressão de choro, visivelmente emocionada com a pequena criatura que embalava nos braços.

— Tommy, ela se parece com você. Tem os mesmos olhos azuis. Ela é tão linda! — disse minha irmã com a voz embargada.

Eu me aproximei das duas e fiquei embasbacado ao ver minha pequena sobrinha. De fato, conseguia me reconhecer nela, foi uma sensação maravilhosa e estranha. Peguei com todo o cuidado do mundo a pequena mãozinha de Lucy. *Deus, como ela era miúda e frágil.* Eu já a amava mais do que poderia imaginar. Ela abriu a pequena boca, como que para bocejar, e era uma das coisas mais lindas que eu já tinha visto. Estava sem palavras diante daquele pequeno ser que carregava parte de mim.

— Quer segurá-la, Tommy? — Meg me olhava com expectativa.

— Ah, não sei, Meg, ela é tão pequena... — respondi, inseguro.

— É claro que ela é pequena, ela acabou de nascer! — Minha irmã riu. — Mas você não vai machucá-la. Segure-a com cuidado.

Com alguma relutância, me curvei e peguei a criaturinha dos braços da mãe. Ela fez um barulhinho que eu nunca tinha ouvido, mas o som me agradou muito. Ela era, na verdade, mais parecida comigo do que com Meg, o que eu achei muito curioso. Ela era tão pequena, mas já tão importante.

— Olá, Lucy. É o tio Tommy. Bem-vinda, menina!

E, enquanto eu estava conhecendo melhor a minha pequena e amada sobrinha, vi pelo canto de olho que Lauren saiu abruptamente do quarto, como se algo a tivesse incomodado. Entreguei com todo o cuidado Lucy para a minha irmã, pedi licença e fui atrás da minha namorada. Ela estava andando com pressa, parecia que ia embora.

— Lauren! Lauren! — eu a chamava quase gritando.

Ela não atendeu ao meu chamado, nem sequer olhou para trás. Acelerei o passo para alcançá-la. Segurei-a pelo braço, e, quando ela se virou para me olhar, estava chorando.

— O que aconteceu, meu amor?

— Desculpe, Thomas, não estou me sentindo bem. Eu vou embora. — Ela soluçava.

— O que houve? Fale comigo! — Eu acariciei os braços dela.

— Eu não consigo. Não quero estragar este dia especial para você e para a sua família. Achei que seria mais fácil. Por favor, volte para o quarto de Meg e fique com ela, não é justo que eu estrague tudo.

— Eu não vou a lugar algum até que você me diga o que está acontecendo! — falei num tom firme.

— Ai, meu Deus... — Ela fungou. — Quando eu o vi com Lucy nos braços, eu não sabia o que fazer. Você a olhava com tanto amor... E talvez eu nunca possa lhe dar um filho. Isso acabou comigo. — Ela desabou.

— Não estou entendendo.

— Eu perdi dois bebês, Thomas! E depois não consegui mais engravidar. Eu sempre quis ter filhos, e talvez isso nunca aconteça. Graham me culpava. Dizia que eu não me cuidava o

suficiente, que eu tinha a saúde frágil demais para ser mãe. Após o meu segundo aborto, ele disse que eu seria uma péssima mãe. Que era fraca, que não saberia educar bem uma criança... — A voz dela falhou.

*Cretino. Miserável. Vigarista.*

— Esse Graham é um filho da puta, e eu espero que você saiba disso. Você é uma mulher maravilhosa, Lauren. Fará bem o que desejar. — Eu a abracei.

— Você quer ter filhos? — Ela soluçava.

— Eu nunca pensei sobre isso — respondi, com sinceridade.

— Talvez eu nunca possa lhe dar filhos.

— Eu quero você, Lauren. — Eu a olhei nos olhos. — O que quer que aconteça nós vamos enfrentar juntos, ok?

Ela assentiu com a cabeça. Os grandes olhos castanhos estavam tomados pelas lágrimas. O rosto dela estava completamente vermelho. Eu a guiei até uma fileira de cadeiras e fui buscar água para ela. Fiquei pensando no que ela havia acabado de dizer.

Eu nunca tinha pensado em ter filhos, mas segurar Lucy e ver como ela era parecida comigo me fez vislumbrar pela primeira vez a possibilidade de ser pai. Ter um filho com Lauren seria maravilhoso. E agora meu coração estava em frangalhos por saber que ela queria tanto ter filhos e talvez não pudesse gerá-los. Mas meu amor por ela era maior do que tudo, e eu realmente fui sincero quando disse que enfrentaríamos qualquer coisa juntos. Eu encararia qualquer problema por ela.

— Eu sou tão idiota. — Ela fungava.

— Você não é idiota. Por que está dizendo isso?

— Como eu pude ser tão egoísta e pensar nos meus problemas no dia do nascimento da sua sobrinha? Era para ser um dia de felicidade.

— Não conseguimos controlar tudo o tempo todo. Você não conseguiu controlar os próprios sentimentos, isso acontece. Não se culpe por isso.

Ficamos mais algum tempo ali no corredor frio e vazio do hospital. Ela apoiou a cabeça em meu ombro e apertou a minha mão. Eu realmente não acreditava como aquela mulher já tinha

sofrido tanto. Ainda assim, Lauren continuava a lutar; mesmo com todas as feridas que carregava. Falei para ela me esperar ali e voltei ao quarto da minha irmã. Disse para todos que Lauren tinha se sentido mal e pedia desculpas, que visitaria Meg e Lucy em outra oportunidade. Deixei Lauren em casa, mas estava agoniado. Queria ficar com ela naquela noite, mas sabia que ela queria dar atenção à irmã e à cunhada.

No dia seguinte, decidi que já era mais do que hora de dar o passo seguinte. Pedi a Kate que fosse discreta e me conseguisse um anel de Lauren. Obviamente, ela imaginou o motivo, e eu confirmei minhas intenções. Antes de ir para a universidade, e sabendo que Lauren já havia saído para a editora, passei no apartamento dela e peguei o anel que serviria de modelo. Fui direto à Van Cleef & Arpels, por recomendação de Meg. Ela me explicou que era a joalheria preferida de Wallis Simpson, a ovelha negra da família real favorita da minha irmã. Finalmente, escolhi o anel de noivado. Alguns achariam brega a gravação especial que pedi no interior da joia, mas eu tinha certeza de que ela entenderia e riria.

Ao término das aulas, voltei à loja para buscar o anel de noivado. Eu havia pedido a Lauren que jantássemos apenas nós dois. Ela não queria ceder, por causa da visita da irmã, mas aceitou depois de alguma insistência. Kate me ajudou com o meu plano. Coloquei a caixinha de veludo no bolso e saí da joalheria muito feliz, em direção à editora, para buscar Lauren. *Quais palavras diria para pedi-la em casamento?* Meus pensamentos foram interrompidos quando senti que era jogado para o alto e, no que parecia um movimento em câmera lenta, vi uma enorme parede contra a qual meu corpo ia se chocar. Senti que era esmagado e, de repente, não havia nada além de escuridão.



## CAPÍTULO 31

### LAUREN

**E**u ainda estava muito mal com o que havia acontecido na maternidade. Sabia que bebês eram um assunto delicado para mim, mas jamais imaginei que entraria em colapso num dia tão importante para Thomas e a família dele. Me sentia a mais egoísta das criaturas, só que como sempre ele foi perfeito e fez com que eu ficasse bem. Minha irmã e Chelsea estavam havia apenas alguns dias em Londres, e eu queria ficar com elas, mas Thomas tinha me chamado para jantar e disse que eu não podia recusar. Tentei argumentar que precisava dar atenção à Kate, mas ela insistiu para que eu fosse. Aparentemente, minha irmã agora também fazia parte do fã-clube dele, o que não era difícil.

Thomas iria me buscar na editora no fim do expediente, como de costume. Nós iríamos a um lugar especial, segundo ele. Eu apostava que ele estava fazendo isso apenas para que eu me sentisse melhor em relação ao episódio da maternidade. Era a cara dele: sempre pensar em como fazer eu me sentir bem. Eu amava isso nele. Thomas sempre parecia colocar as necessidades das pessoas que amava em primeiro plano.



Ele havia combinado de me buscar às sete e meia, e, como ele era extremamente pontual, às sete e vinte eu já estava pronta. Quando o relógio marcou sete e cinquenta, decidi mandar uma mensagem. Passaram-se mais dez minutos sem que eu tivesse uma resposta. Decidi ligar para ele às oito e quinze, o telefone estava desligado. Mandei uma mensagem para Kate, perguntando se ele estava no meu apartamento. Não. Aguardei até as nove na editora. Mandei mais mensagens e ele não respondeu.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Kate quando cheguei em casa. — Cadê o Thomas? Vocês não iam jantar fora?

Olhei a televisão, e as imagens mostravam cenas de correria, tumulto e carros da polícia e dos bombeiros.

— O que está acontecendo? — perguntei, colocando meu casaco no cabideiro.

— Aparentemente houve um atentado terrorista e várias pessoas estão feridas — respondeu Chelsea.

Ondas de pânico percorreram o meu corpo. Continuei desesperadamente a mandar mensagens para Thomas. Nenhum sinal. Nada. Eu sabia que algo estava errado. Kate percebeu o meu desespero.

— Calma, Lala. O trânsito deve estar caótico, e talvez a bateria do telefone dele tenha acabado. Logo vamos ter notícias de Thomas. — Ela apoiou as mãos em meu ombro.

Tentei concordar com ela, mas eu não conseguia me acalmar. Kate e Chelsea estavam fazendo pesquisas na internet e vendo como podiam buscar informações sobre feridos. Eu não sabia o que fazer.

Será que eu deveria ligar para Liv? Não, eu não sabia o que tinha acontecido, e não era justo deixar a avó de Thomas preocupada. Também não podia recorrer à Meg, que havia acabado de ganhar um bebê. Eu só agradecia pelo fato de a minha irmã estar ali e eu não estar completamente sozinha. Comecei a entrar em pânico pensando no que ia fazer se Thomas estivesse morto. Kate sentou-se ao meu lado e me

abraçou. Eu sequer conseguia chorar. Chelsea estava ligando para delegacias e hospitais.

Já passava de uma da manhã e eu ainda não tinha nenhuma notícia dele. Estava entrando em parafuso. Eu queria ir para a rua e procurar por ele. As notícias diziam que tinha ocorrido um atropelamento em massa na região central de Londres, além de ataques a bomba coordenados em outros pontos da cidade. Ou seja, se Thomas fosse uma das vítimas, eu nem saberia onde procurá-lo. Meu telefone começou a vibrar e meu coração disparou quando vi que era Liv.

— Lauren, minha querida — a voz dela estava embargada —, Tommy é uma das vítimas do atropelamento.

Meu mundo começou a girar e eu não consegui ouvir mais nada. O telefone caiu no chão. Chelsea pegou o meu celular para falar com Liv. Comecei a gritar desesperadamente e a me debater. Eu não queria acreditar. Meu Deus, eu não ia suportar a ausência de Thomas. Eu simplesmente não queria viver sem ele. Chelsea falava com Kate, mas eu não conseguia ouvir o que estavam dizendo. Senti minha irmã me agarrando pelos braços e me sacudindo, como que para me acordar de um transe.

— Lala, me escute! Lala! — Kate me chacoalhou de novo. — Thomas não morreu. Ele está no hospital. Lala, por favor, me escute.

Quando ouvi *Thomas não morreu*, comecei a me acalmar lentamente. *Eu não o havia perdido, meu Deus!* Comecei a chorar, mas agora era de alívio. Chelsea havia anotado o endereço do hospital onde ele estava. Saí correndo de casa, só me lembrei de pegar a bolsa, e Kate e Chelsea foram atrás. Eu precisava vê-lo imediatamente, precisava que ele soubesse que eu estava ao lado dele. Ao chegarmos ao hospital, me dei conta da imprevisibilidade da vida. Na mesma semana, eu estava naquele local por conta de duas ocasiões bem distintas: na primeira, para celebrar a chegada de uma nova vida; na segunda, para ver a vida de Thomas por um fio. Era um dos dias mais tristes da minha existência.

Ele estava internado na UTI. Eu ainda não tinha autorização para entrar, e isso me matava. Liv estava sentada numa das

cadeiras cinza do corredor, arrasada. Quando ela me viu, não conteve o choro. Eu também chorei e nos abraçamos.

— Ele foi atropelado, minha querida. Já chegou ao hospital inconsciente. — Liv fungava. — Encontraram isto no bolso dele, tenho certeza de que ele tinha outros planos, mas isso pertence a você. — Ela me estendeu a mão, entregando uma caixinha creme e um papel amassado com anotações.

Peguei a pequena embalagem e a estudei por alguns segundos, sem reação. Lentamente eu a abri. Era um anel com um diamante quadrado no meio. O mais lindo que eu já havia visto. Retirei a joia da caixa e li a inscrição no interior do aro: *Lauren e Thomas para sempre*. Eu queria rir, mas não tinha forças. Ele resolveu gravar a frase com a qual tinha debochado de mim quando dei a ideia de fazermos a tatuagem. A princípio, era uma frase que qualquer pessoa iria achar cafona, mas era uma piada interna nossa. Não era uma frase de Lord Byron, de Cummings ou de qualquer outro poeta. Era uma história nossa, cujo significado mais profundo somente nós dois iríamos entender. Devolvi o anel à embalagem. Estava entrando em colapso, minhas pernas cederam e despenquei na cadeira. Eu não sabia se ia aguentar.

— Tom ia te pedir em noivado hoje à noite. Ele me pediu ajuda para saber o seu tamanho de anel. — Kate se ajoelhou à minha frente, apoiando-se em minhas pernas. — Meu Deus, que coisa triste!

— Eu não consigo acreditar nisso. Não posso aceitar que isso aconteceu com ele! — Eu já estava praticamente berrando.

Um médico caminhava pelo corredor em nossa direção. Meu coração quase parou. Tinha medo do que ele ia dizer.

— Sra. Olivia Keith?

— Sou eu. — Liv tinha uma expressão de angústia.

— Dr. William Clavell, sou o responsável pelo paciente Thomas Keith no momento. Vim passar algumas informações sobre o estado de saúde dele. O que sabemos até agora é que ele foi atropelado e tem algumas escoriações pelo corpo. Ele já chegou ao hospital inconsciente, então neste momento nós o estamos monitorando e realizando alguns exames.

— Ele está correndo risco de morte? — perguntei, desesperada.

— Não. Neste momento, o paciente está estável, apesar de inconsciente.

— Quando vou poder vê-lo?

— A senhora é da família?

— Sim, ela é a noiva dele — respondeu Liv, bastante séria.

Naquele momento, eu gostaria que fosse verdade. Eu quase era noiva dele mesmo, mas não houve pedido. Não tivemos tempo. O nosso relacionamento estava suspenso por um capricho da vida, do destino, da fatalidade, do acaso, sei lá como chamar o pesadelo que eu estava vivendo.

— A senhorita pode vê-lo agora, se desejar.

Liv fez um sinal positivo para mim com a cabeça. Eu precisava vê-lo, mas tinha muito medo de como ia encontrá-lo. Mesmo sabendo que ele não estava consciente, entrei no quarto quase na ponta dos pés. Thomas estava cercado por diversos aparelhos e um deles o ajudava a respirar. Aproximei-me lentamente do leito. Eu queria gritar e chorar de desespero, mas seria forte por ele. Arranhões cobriam-lhe a lateral do rosto e os braços. Passei a mão nos cabelos dele. Me inclinei bem perto do seu rosto:

— *Quando nos separamos no silêncio e nas lágrimas, corações ao meio esfaçalhados para uma longa ausência. Tua face pálida e fria se fez, mais gélido teu beijo. Prenunciava aquele momento tristeza igual a esta* — praticamente sussurrei. — Viu, não é só você que vai ficar recitando Lord Byron por aí. — Dei um sorriso triste. — Meu Deus do céu, eu te amo tanto, Thomas. Mais do que você imagina. Por favor, volte para mim.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto. Sequei. Não podia fraquejar. Pelo menos não na presença dele. Sei que muita gente ia dizer que ele não podia me ouvir ou que não sabia o que estava acontecendo. No entanto, como eu própria tinha passado por uma experiência de semiconsciência, queria acreditar que Thomas podia ouvir o que eu dizia e que ele sabia que eu estava ali.

— Adorei o anel, Thomas. E a minha resposta é sim. Para você, a minha resposta sempre será sim. — Beije a testa dele e coloquei o anel no meu dedo. — Viu? Coube perfeitamente. E eu não acredito que você gravou nele a frase mais brega da história. Eu amei. A nossa tatuagem não feita. — Suspirei. — Ah! Eu quero muito saber onde a gente ia jantar. Então acorde logo para satisfazer a minha curiosidade.

Comecei a acariciar a mão dele.

— Eu nunca amei ninguém como amo você, Thomas Keith. Nem pense em me abandonar. Não posso suportar um mundo em que você não exista. Eu estarei aqui. Vou esperar por você o tempo que for. — Beije a mão dele.

Saí do quarto lentamente. Quando fechei a porta, me permiti desabar. Chorava tanto que parecia que ia ficar sem ar. Respirei fundo e tentei me manter centrada. Eu precisava de forças para ajudá-lo. Mas, ao mesmo tempo que eu tentava manter o mínimo de sanidade mental, ficava apavorada ao pensar que ele talvez ficasse para sempre daquele jeito. Junto com a caixa do anel, Liv também me entregara um pedaço de papel amassado, sujo com sangue. Tinha a letra de Thomas.

*Quando nossos corpos se fundiram, conheci o paraíso  
Ele é quente e úmido e tem cheiro de baunilha  
O paraíso tem cabelos cor de mel e olhos de aveta  
O paraíso tem uma boca carnuda e roçada e longas pernas  
O paraíso sussurra o meu nome docemente  
O paraíso tem forma de mulher e o coração mais generoso  
O paraíso é você, Lauren*

*PS: Espero que você não desista de mim depois desta tentativa infeliz de poema.*

*Ah, Thomas, meu Deus do céu...* Agarrei o papel e o amassei contra o peito. Eu nem sabia que podia ser amada daquele jeito, com tanta devoção. Eu ainda não tinha parado de chorar. Kate me viu escorada na parede e veio até mim, me abraçando. O que eu ia fazer? Não tinha a menor ideia. Eu só sabia que não havia outro lugar em que eu deveria estar, senão ao lado dele.

Nos dois meses seguintes, adaptei toda a minha rotina em função de Thomas. Mark me deu uma licença da editora pelo tempo que eu precisasse. Ele foi maravilhoso. Kate tinha se oferecido para ficar mais um tempo comigo, mas insisti para que ela voltasse a Portland, eu não poderia obrigá-la a viver naquele limbo comigo. Os pais de Thomas eram visitas frequentes ao hospital, embora o pai dele me irritasse bastante, dizendo que não acreditava que ele pudesse nos ouvir. Meg ia lá todos os dias, e dava para ver quanto ela sofria. Liv também estava sempre lá, fazendo questão de me levar *scones* e chá. Ela sempre dizia que era tão importante cuidar de mim quanto era cuidar dele. Olivia Keith era uma das mulheres mais generosas que eu já tinha conhecido.

Eu conversava com ele todos os dias. E todos ao meu redor podiam achar que eu estava louca, mas eu sabia que ele vinha fazendo pequenos progressos. De vez em quando, ele apertava a minha mão. *Ele estava reagindo a mim.* Como ele amava Sherlock Holmes, eu vinha lendo *O cão dos Baskervilles* para ele. Desenvolvi um talento para interpretação que sequer sabia que tinha, pois eu fazia diferentes vozes para os personagens. Essa era uma das rotinas que eu havia criado: ler para ele todos os dias.

Estava bastante entretida na interpretação de Sir Henry quando pensei ter ouvido algo como um resmungo. Olhei ao redor, mas não havia mais ninguém no quarto além de mim e de Thomas. Continuei a leitura e ouvi o barulho de novo. Larguei o livro na cadeira e cheguei perto de Thomas. Quando o encarei, quase desmaiei de surpresa ao ver seus olhos abertos. *Ah, Deus, novamente eu podia ver aquela imensidão azul.*



## CAPÍTULO 32

### THOMAS

Lá estava o rosto de Lauren me observando numa expressão de espanto. Os grandes olhos castanhos pareciam ainda maiores, era como se ela não acreditasse no que estava vendo. Eu não sabia por quanto tempo tinha ficado fora do ar, mas eu vinha lutando para conseguir abrir os olhos e dizer o nome dela. Eu a ouvia todos os dias, sabia que ela lia para mim e também lembrava que ela havia feito uma piada sobre a frase gravada no anel de noivado. Também sabia que ela estava usando a joia e que tinha dito sim ao pedido que eu não consegui fazer. Eu sabia disso tudo, só não tinha conseguido reagir a nada. Eu queria falar, mas estava entubado. Estava desesperado para dizer tantas coisas a ela, mas não podia. Ela segurou a minha mão e eu fiz a única coisa que era possível para estabelecer um contato com ela naquele momento, apertei sua mão.

— Sim, sou eu, meu amor! Meu Deus do céu, você acordou, Thomas! Eu sabia que você ia voltar para mim! — Ela deu o sorriso mais lindo que eu já tinha visto na vida. Esse era mais um dos que eu deveria catalogar: o sorriso de amor de Lauren Taylor era o mais lindo de todo o universo.

Nas semanas seguintes, os aparelhos foram sendo paulatinamente retirados, e eu já conseguia falar algumas coisas. Frases curtas. Eu tinha sido transferido para um quarto. Lauren levou um bloco e uma caneta, porque às vezes era mais fácil escrever do que falar. Minha garganta doía e eu ainda estava muito rouco.

Descobri que fiquei dois meses apagado e Lauren veio aqui todos os dias. *Todos*. Eu só queria abraçá-la e sair daquele lugar, mas sabia que precisava de tempo. E eu percebia que havia algo errado. Suspeitava que todos sabiam de alguma coisa que não estavam me contando. Lauren tinha uma expressão diferente quando me olhava. Era quase a mesma que eu via em vovó Liv e em Meg.

Lauren estava comigo no quarto, como fazia todas as tardes, quando o médico que estava acompanhando o meu caso, Dr. Clavell, entrou no quarto.

— Você está se sentindo bem, Thomas? — O homem de cabelos e olhos escuros se aproximou da cama.

— Acho que sim, só parece que minhas pernas estão dormentes.

— Você está sentindo um formigamento nelas? — Ele me olhava com curiosidade.

— Na verdade, eu não sinto nada.

Vi que Lauren assumiu um ar de preocupação. O médico também tinha uma expressão bastante séria. Eu tinha um pressentimento, mas não queria lidar com ele. Tentei mexer meus pés. *Nada*. Tentei mexer minhas pernas. *Nada*.

— Dr. Clavell, posso falar com você a sós? — Minha voz soava estranha até mesmo para mim.

Vi que Lauren me olhou com angústia, mas eu não queria olhar para ela. Não agora. Minha cabeça era uma espiral de emoções, e eu estava lutando para manter o autocontrole.

— Você quer que eu fique com você? — perguntou ela com os olhos cheios de tristeza.

— Não. Quero ficar sozinho com o Dr. Clavell — respondi secamente.



Ela saiu cabisbaixa. Eu não queria deixá-la triste, mas precisava entender o que estava acontecendo.

— Doutor, eu estou paraplégico?

— Nunca é um momento fácil, mas preciso ser transparente. — O médico suspirou. — Thomas, você sofreu uma lesão medular grave, o que ocasionou a paraplegia. Porém é uma lesão medular incompleta, o que significa que você ainda tem alguma sensibilidade nos membros inferiores, só não tem força para movimentá-los.

— Eu estou paraplégico?

— Está — respondeu o médico secamente.

— Esta situação é irreversível? — perguntei com tranquilidade.

— Existem muitos tratamentos disponíveis e outros surgindo. Mas, no momento, posso dizer que não temos um prognóstico muito favorável — afirmou o Dr. Clavell sucintamente.

— Você saiu do coma, isso é o mais importante. — Ele deu um sorriso protocolar. — Descanse e concentre-se na sua recuperação, Thomas.

O médico tinha saído do quarto e eu estava sozinho. Comecei a pensar se, de fato, ele estava certo e o importante era eu ter saído do coma. Vi Lauren entrando no quarto. Ela se aproximava cautelosamente da cama em que eu estava.

— Você sabia que eu estou paraplégico? — Eu a encarei com seriedade.

Ela abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Ficou me olhando como se não soubesse o que dizer.

— Você está usando o anel de noivado. — Apontei para a mão dela. — Pena que eu não pude fazer o pedido como havia planejado. Eu ia me ajoelhar, inclusive — declarei com amargura. — Não vou poder mais fazer isso, de qualquer maneira.

— Eu não preciso que você se ajoelhe. Só preciso que você queira estar comigo. — Ela sorriu e, por Deus, como era linda!

— Eu sempre vou querer você, Lauren. A questão é se você vai me querer depois disso.

— Como pode dizer isso? — Ela estava com uma expressão de incredulidade. — Eu sempre vou te querer!

— Você quer o homem que conheceu. Não um *aleijado*.

— Thomas, você saiu de um coma e passou por muito estresse. Nós vamos ter esta conversa depois. Só quero dizer que implorei muito para ter você de volta e eu não vou me afastar.

Ela se curvou e deu um beijo em minha testa. Ah, aqueles lábios quentes, como eu tive saudade deles. Uma dor estranha apertava o meu peito. O que aconteceria agora? Como eu poderia sujeitar Lauren a ficar presa a um homem inválido? Eu não poderia fazer isso com ela, não após tudo o que ela já tinha passado.

— Daqui a pouco a sua família vai estar aqui. Eles estão muito felizes e ansiosos para vê-lo — disse ela num tom quase artificial.

— Só quero ver minha avó e Meg. Não desejo que meus pais venham aqui! — respondi com irritação.

— Thomas, eles também estão preocupados.

— Eu não quero vê-los. Por favor, não insista.

Ela tinha uma expressão triste. Eu não suportaria ter que lidar com isso, eu não queria deixá-la infeliz. Mas como eu poderia fazer com que ela ficasse contente se tudo o que eu tinha dentro de mim era escuridão?

— Lauren... — Eu hesitei. — Estou muito cansado. Você se importaria se eu ficasse um pouco sozinho?

— Não, claro que não. — Ela me olhou com surpresa. — Quando precisar, estarei ali fora.

Quando ela fechou a porta, fiz algo impensável: comecei a chorar. Desabei. Eu estava com muito medo, a verdade era essa. Continuava tentando mexer a porra das minhas pernas, mas não havia um mísero movimento para me dar alguma esperança. Era patético, eu sabia. Mas quem sabe não acontecesse um milagre? Eu não tinha a menor ideia do que ia fazer, mas não queria Lauren como enfermeira.

Depois de algum tempo, eu já havia me recomposto. Não queria que ninguém visse que eu tinha entrado em desespero e chorado, não ia mostrar fraqueza. Tudo de que eu menos precisava naquele momento era que tivessem ainda mais pena

de mim. Ouvi batidas na porta. Minha avó, Meg e Lucy. Lauren não estava com elas.

— Oi, meu querido, como você está se sentindo? — Minha avó estava praticamente chorando.

— Como um inválido — resmunguei.

— Credo, Tommy, não fale assim! — Meg parecia assustada.

— É bom que vocês se acostumem à versão Thomas inválido.

As duas apenas se olharam assustadas. Eu sabia que não estava sendo a pessoa que elas amavam. Nem eu me reconhecia. Não conseguia acreditar que de uma hora para outra meu mundo havia virado de cabeça para baixo. Num momento, eu estava feliz, com um anel de noivado no bolso, pronto para pedir a mulher que eu amava em casamento. No minuto seguinte, eu era jogado contra um muro por um carro e tudo ficou escuro. Como coisas assim podiam acontecer? *Putá que pariu, não era justo!*

— Tommy, eu trouxe Lucy para te ver — Meg a levantou como se estivesse exibindo o Simba, em *O Rei Leão*.

— Ponha minha afilhada aqui em cima de mim. — Fiz um sinal com as mãos.

Meg colocou Lucy na minha barriga. Eu a segurei firme. Como ela estava diferente desde a última vez em que a tinha visto. Seus olhos pareciam mais vivos, ela tinha expressões mais definidas. E era tão parecida comigo! Ah, naquele momento eu entendi a dor de Lauren quando viu a bebê recém-nascida. Ela talvez ainda pudesse ter filhos, e eu agora jamais poderia gerar uma criança. Nunca havia pensado em ter filhos, mas, no momento em que isso se tornava uma impossibilidade, eu percebia o quanto me afetava.

— Olá, querida. Senti sua falta. Você ainda se parece muito com o tio Tommy. — Sorri, enquanto acariciava as mãozinhas dela.

Lucy tinha a incrível capacidade de amenizar o meu mau humor. Ela era uma criança incrível, eu a amava muito. Uma pontada de tristeza me tomou quando pensei que nunca poderia correr com ela ou ensiná-la a andar de bicicleta. De qualquer forma, decidi tentar afastar meus fantasmas pelo menos

momentaneamente. Aquelas três mulheres não mereciam uma exibição do meu péssimo estado de espírito. Tentaria, pelo menos por alguns minutos, ser o Tommy acessível e educado de sempre. Lauren não apareceu no quarto. Fiquei me perguntando se ela tinha notado a minha frieza. Eu queria me distanciar dela, mas, ao mesmo tempo, queria que ela estivesse ali. *Maldição*. Eu tinha que libertá-la, mas ao mesmo tempo a sensação de viver sem ela me corroía por dentro.

Meg e vovó Liv se despediram, dizendo que estavam muito felizes, que tudo ia dar certo e aquele blá-blá-blá insincero que as pessoas falam quando estão numa situação difícil, porém querem deixar o clima ameno. Minha avó se aproximou para beijar a minha testa.

— Não a afaste, Tommy. — Ela me fitou com seus grandes olhos azuis, margeados por rugas. — Ela te ama muito, não seja idiota a esse ponto.

Quando elas saíram do quarto, fiquei pensando nas palavras da minha avó. Olivia Keith me conhecia de verdade. Ela sabia o que eu tinha em mente. Tentei ser racional e pensar nas possibilidades. Bom, ao menos eu mexia os braços. As pernas, nada. Eu sabia que poderia estar mesmo paraplégico. *Será que era uma condição irreversível? Eu poderia ter vida sexual? Poderia satisfazer Lauren? Poderia dar-lhe filhos?* Enquanto estava analisando o cenário, vi de canto de olho que ela estava entrando no quarto.

— Oi... — disse ela com receio, aproximando-se da cama.

— Oi... — respondi quase sem forças.

— Por que você está tentando me afastar?

— Lauren, eu não sei o que vai acontecer comigo. — Meu tom era sério.

— Ninguém sabe o que vai acontecer. Eu também não sei o que vai acontecer comigo.

— Você sabe do que eu estou falando.

— Não, eu não sei. Você pode me explicar, por favor? — Ela arqueou as sobrancelhas.

— Eu estou paraplégico. Pa-ra-plé-gi-co, Lauren! — Eu quase gritava.

— E daí? — perguntou ela com muita calma.

— Você está brincando, não está?

— Não. Por que eu estaria?

— Tudo vai mudar, tudo! Você vai querer ser minha enfermeira?

— A minha intenção era ser sua esposa mesmo.

— Não se faça de desentendida. Não agora, por favor.

— Quem está se fazendo de desentendido é você, Thomas! — Ela bufou. — Eu te amo! Que parte disso você ainda não entendeu?

— Você ama o homem que conheceu, não o inválido que eu sou agora — retruquei com raiva.

— Eu te amo, Thomas! *Eu te amo!* Por mais difícil que você esteja tornando isso neste momento, eu te amo! Pare com essa merda de falar que é inválido! Você não é inválido. Está inclusive com bastante energia para ser um idiota.

Ela me desarmou, e eu sorri. Eu não duvidava do amor dela nem por um segundo. E sabia que ela ficaria ao meu lado em qualquer circunstância, mas eu não podia permitir isso. Bem, eu ainda estava muito confuso. Decidi que lidaria com essa questão depois.

— Tudo bem, Lauren. Vamos discutir isso mais tarde. Mas eu queria saber uma coisa: o que aconteceu com o seu trabalho na editora?

— Meu trabalho na editora? — Ela parecia surpresa. — Não aconteceu nada, está tudo bem. Por que está perguntando isso?

— Porque tenho a impressão de que você não saiu do hospital. Eu te ouvi, Lauren. Você leu *O cão dos Baskervilles* para mim, você conversou comigo e falava do noticiário do dia, me dava beijos na testa, contou que aceitou o anel de noivado, mesmo sem um pedido. A sua voz e os seus toques estiveram o tempo todo comigo.

— De alguma forma, eu sabia que você poderia sentir e me ouvir, mas eu não tinha certeza. — Ela parecia surpresa.

— Obrigado. — Peguei as mãos dela e beijei os nós dos dedos.

Nas semanas seguintes, vi mais médicos do que em toda a minha vida. Fizeram mais exames. Eu só tinha vontade de

desistir. De tudo. Não aguentava mais aquele hospital, aqueles laudos, aquelas conversas. Para quê? Eu já estava paraplégico mesmo, nada iria mudar isso, de acordo com a própria equipe médica.

Lauren continuava vindo todos os dias. Ela me disse que Mark havia dado uma licença a ela, e eu detestei saber disso. Eu nem havia saído do hospital e já estava prejudicando a vida dela. Meus pais também foram algumas vezes me visitar, mas, como de costume, nós parecíamos estranhos, e eu fiz questão de dizer que eles não precisavam voltar. Minha mãe fingiu estar ultrajada, mas acho que foi um alívio para ela não ter que encarar o filho inválido.

Em mais uma tarde em que um bando de fisioterapeutas, enfermeiros e médicos estavam no quarto, decidi que não dava mais para continuar com aquela farsa. Eu não ia mais fingir que vivia em algum estado de normalidade. Tinha chegado ao meu limite. Era isso. Eu estava paraplégico, e as chances de reversão do quadro eram praticamente nulas. O que mais eu podia fazer diante daquela situação de merda? A única coisa que estava em minhas mãos agora era livrar Lauren daquela desgraça.

— Poderiam, por favor, me deixar a sós com Lauren? — pedi sem expressar nenhuma emoção.

Quando todos saíram do quarto, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela soube. Ela percebeu exatamente o que eu estava prestes a fazer.

— Thomas, eu... — Ela hesitou. — É uma situação muito difícil, mas nós podemos fazer isso juntos e...

— Não vamos fazer nada *juntos*, Lauren.

Ela arregalou os olhos. Parecia uma gatinha assustada. Tive vontade de abraçá-la, mas como eu podia ir até ela sem conseguir andar? Eu não podia fraquejar. Precisava ir até o fim.

— Você está sob muito estresse, é normal. Não precisamos falar sobre nada disso agora. — Ela tentou manter o tom de voz calmo.

— Nós vamos resolver tudo agora, não há motivo para esperar. Acabou, Lauren. Vá viver a sua vida! — despejei num tom ríspido.

— Thomas, não precisamos conversar agora. Descanse.

— Descansar? Eu só tenho descansado, Lauren! E é só isso que eu vou fazer pelo resto da vida! — Eu já estava gritando.

Os meus berros atraíram a minha avó, que entrou no quarto com uma cara de preocupação.

— Por favor, vovó, tire Lauren daqui! — grunhi.

— Mas, Tommy, o que está acontecendo? — perguntou ela, visivelmente atordoada.

— Apenas tire Lauren daqui. Não quero mais vê-la.

Lauren me olhou com uma expressão de derrota. Ela chegou a abrir a boca, como se fosse falar, mas desistiu. Deve ter visto a minha expressão implacável. Eu não ia permitir que ela ficasse presa a mim, de forma nenhuma eu podia compactuar com isso. Se para afastá-la eu tivesse que ser um imbecil e fazê-la sofrer, era assim que eu ia agir.

Ela foi embora sem dizer nenhuma palavra. Estava com os ombros caídos, numa postura de humilhação. O meu lado egoísta queria gritar que eu precisava dela, que queria tê-la a meu lado por todo o sempre, mesmo que eu fosse um inútil numa cadeira de rodas. Mas eu não seria esse cara. Ela precisava ser livre para encontrar um homem inteiro e que pudesse ser bom para ela.

— Tommy, o que você pensa que está fazendo? — Minha avó estava irritada.

— Terminando um relacionamento.

— Mas ela te ama, meu filho. Ela quer ficar com você.

— Ela ama o Thomas que ela conheceu. Não o inválido que vai precisar dela para limpar a bunda! — quase rosnei.

— Meu querido, você está revoltado. É natural. Mas isso vai passar. Ela vai entender e...

— Vovó Liv, por favor, esqueça isso! *Acabou*. Eu estou apagando Lauren da minha vida, e sugiro que você faça o mesmo.

Quando eu disse essas palavras, uma onda de pânico tomou conta de mim. A minha vida estava arruinada. Não havia mais nada que eu pudesse fazer. Eu precisava pensar em como lidar com toda aquela merda que estava sendo despejada em mim.

*Ah, como eu odiava estar vivo!* A partir daquele momento, eu abria mão daquilo que era mais valioso para mim, da melhor coisa que já tinha acontecido comigo: eu teria que viver sem Lauren Taylor no meu mundo. De todas as dores, aquela era a pior.





## CAPÍTULO 33

### LAUREN

Depois que Thomas praticamente me expulsou do quarto, fiquei por um bom tempo parada no corredor do hospital, pensando no que fazer. Eu já vinha me preparando para quando isso fosse acontecer. Mas, na hora em que acontece, é sempre diferente. Quando ouviu a confirmação de que estava paraplégico, embora Thomas tenha reagido com a calma costumeira, eu sabia que por dentro ele estava tomado pelo desespero. E quando me olhou com tanto desprezo, dizendo *Acabou, Lauren. Vá viver a sua vida!*, o meu coração murchou.

Como Thomas estava muito amargurado, decidi que o melhor era ir embora e dar espaço a ele. Ele não ia me deixar argumentar, e este era um dos poucos defeitos dele: Thomas era teimoso. E não era o momento de tentar pressioná-lo. Eu não queria deixá-lo sob mais estresse. Como estava desnorteada, resolvi passar na The Book Company. Precisava falar com Jess. Ao entrar na livraria, nem precisei abrir a boca. Jess me deu um abraço e me levou para o escritório dela. Quando ela fechou a porta, desabei na poltrona em frente à mesa dela e comecei a chorar.

— Thomas está paraplégico. — Eu soluçava.

Com a correria do dia a dia, eu não tinha tido a oportunidade de conversar com ela. Esse não era o tipo de assunto que se conversava por telefone.

— Ah, meu Deus, Lala! Que droga! — Ela me abraçou forte.

— E o pior é que ele não me quer por perto. Ele está me afastando, Jess!

— Calma, Lala! Dê um tempo a ele. É natural que ele tenha esse momento inicial de choque. Vocês vão se acertar.

Tentei acreditar na minha prima. De verdade. Mas a fúria que vi nos olhos de Thomas era algo que eu não conhecia até então. Nunca imaginei que ele pudesse ficar tão sombrio... mas, enfim, ele tinha acabado de receber uma das notícias mais chocantes que alguém pode receber. Durante todos os dias em que ele esteve em coma, eu só pedia a Deus ou qualquer outra divindade que o trouxesse de volta lúcido.

Porque, acima de tudo, eu amava o cérebro daquele homem. Eu amava a essência e o espírito de Thomas mais do que qualquer coisa. Ter uma embalagem agradável era apenas um adicional, não o ingrediente principal. Será que ele se dava conta disso?

Eu estava exausta. Chegando em casa, preparei um banho de banheira e fiquei tanto tempo na água que minha pele começou a ficar enrugada. Eu não parava de pensar em Thomas, em como ele tinha me expulsado da vida dele. Eu sabia que seria difícil, mas não ia desistir. Cheguei a sorrir amargamente quando constatei que nós dois éramos mulas teimosas: primeiro, eu tentei afastá-lo por achar que ele não aceitaria as minhas cicatrizes. Agora, ele tentava me repelir porque achava que eu não saberia lidar com a paraplegia dele. Ah, mas eu ia provar que ele estava errado. Ao sair do banho, decidi que não aguentava mais a inércia. Eu ia ao menos mandar uma mensagem para ele. Peguei o celular e comecei a digitar.

*Thomas, sei exatamente o que você está fazendo e eu não vou aceitar. Você não vai me riscar da sua vida unilateralmente. Eu não vou desistir de nós dois.*

Enviei o texto e fiquei esperando uma resposta. Aguardei durante horas por qualquer sinal dele. E nada. Até que eu dormi. Não aguentava mais ficar com os olhos abertos. No dia seguinte, a primeira coisa que fiz foi checar o celular. Nenhuma mensagem dele. Eu teria que ir ao hospital. Mas, antes de passar lá, decidi ir à editora. Precisava retomar, minimamente, as minhas atividades profissionais. Mark ficou chocado quando soube que Thomas estava paraplégico. E disse que me daria mais tempo de licença se fosse necessário, mas recusei. Precisava ocupar a cabeça, e queria retornar ao trabalho no dia seguinte.

Eu não iria fugir como uma covarde, *a nova Lauren não foge, ok?* Então passei numa doceria e comprei uma fatia de *bakewell tart*, a sobremesa favorita de Thomas. Pelas regras do hospital, eu não poderia levar esse tipo de comida para ele, mas resolvi fazer uma pequena transgressão. Quando cheguei ao corredor do quarto, respirei fundo. Sabia que não seria uma missão fácil. Bati à porta e ouvi a voz dele:

— Pode entrar.

Ele arregalou os olhos com uma cara de espanto. Não imaginava que eu voltaria. Uma enfermeira estava dando medicação a ele. Quando ela saiu, Thomas me olhou com irritação.

— O que  *você está fazendo aqui, Lauren?* — Ele arqueou as sobrancelhas com uma cara de desaprovação.

— Eu vim te ver, Thomas! Trouxe *bakewell tart*. — Dei o meu melhor sorriso.

— Não precisava trazer comida para mim. Ainda que ruim, existe comida neste hospital — retrucou ele, com cinismo.

*Ouch*, realmente era difícil lidar com essa versão de Thomas Keith. Mas, ok, respirei fundo e me concentrei. Essa fase ia passar, eu só tinha que ser forte.

— Eu sei disso. Só quis fazer uma gentileza.

— Está parecendo mais um ato de caridade.

— Não faça isso, Thomas. Você não é essa pessoa.

— Agora eu sou essa pessoa, Lauren. Vá embora. Você não vai ganhar nada ficando comigo.

— Por que você não aceita que eu não quero ganhar nada? Eu só quero ficar ao seu lado.

— Pare de se humilhar, por favor! — O tom dele era ríspido. — Depois de Graham, você deveria ter aprendido a hora certa de sair de um relacionamento.

Por mais que eu soubesse que ele estava profundamente ferido, as palavras dele me magoaram demais. Eu sabia que seria difícil, que Thomas se sentia amargurado, porém eu estava disposta a ficar ao lado dele e passarmos por isso juntos. Eu me segurava para não chorar, sabia que não seria justo com ele, mas eu não conhecia mais o homem que estava diante de mim. Eu vinha tentando relevar, só que falar de Graham despertou as piores coisas em mim. Tentei manter a fachada de calma.

— Lauren... — Ele suspirou. — Por favor, vá embora. Me deixe em paz. Você é uma mulher frágil, que precisa de um tipo de relacionamento que eu não posso mais oferecer. Preciso me concentrar na minha condição agora. Acabou, aceite isso. Você não precisa me encarar como um projeto de caridade. Vá viver a sua vida! — despejou ele ríspidamente.

Eu nunca tinha ouvido Thomas falar daquele jeito. O mau humor dele estava ácido demais. E eu não sabia lidar com isso. Eu queria ser menos egoísta e pensar mais no sofrimento dele do que no meu, mas naquele momento estava ferida demais para tentar argumentar com aquele homem que eu não conhecia. Deixei a *bakewell tart* na mesa ao lado do leito. Discretamente, retirei o anel de noivado e deixei ao lado do doce. Eu não tinha mais condições emocionais para insistir num relacionamento com ele, pelo menos não naquele momento. Sentei-me calmamente no sofá, peguei um bloco de notas na minha bolsa e comecei a escrever. Levantei-me e entreguei o papel a ele.

— Sei que esta é uma situação difícil para você. E também é para mim, Thomas. Eu daria a minha vida para não te ver sofrer. Mas, realmente, eu não tenho como ficar com uma pessoa que não quer ter um relacionamento comigo. Se você não está disposto a ceder, não vai dar certo. Eu só queria lhe entregar isto, e não vou mais importunar.

Deixei o pequeno papel dobrado nas mãos dele e saí do quarto. Eu achava que já havia tido o meu coração partido, mas estava enganada. Graham feriu meu corpo, mas passou muito longe do meu coração, porque eu nunca o abri verdadeiramente para ele. Thomas estava sofrendo tanto e estava tão amargurado que não era mais capaz de me amar ou de permitir que eu o amasse. E essa foi a maior dor que eu já tinha sentido. A dor de não poder amar quem eu queria.



## CAPÍTULO 34

### THOMAS

Quando vi Lauren sair do quarto, sabia que a minha vida tinha acabado de vez. Eu estava certo de que nunca mais poderia rir com vontade, de que jamais me sentiria completo novamente. Eu não era mais capaz de amar. Não era mais capaz de dar amor nem mesmo a Lauren. Eu estava mergulhado nas trevas. Fiquei amassando o pequeno pedaço de papel que ela havia me dado. Criei coragem e desdobrei a folha.

## Uma pequena adaptação de Yeats

Jamais dê todo o coração.  
Homens passionais não dão  
Valor para o amor que parece  
Seguro. Ignoram que esvocece  
De beijo a beijo, porque deve  
Ser um enlevo, um sonho breve.  
Um típico deleite incerto.  
Jamais dê o coração aberto  
Àqueles que seduzem logo,  
Ao dar seus corações em jogo.  
Bobo e cego de amor, porém,  
Quem poderia jogar bem?  
O custo disso ela entendeu.  
Dando seu coração, perdeu.

Era o poema “Jamais dê todo o seu coração”, de Yeats. *Ah, se você soubesse que o meu coração sempre será seu, Lauren...*

Uma enfermeira entrou no quarto para checar se estava tudo bem.

— Ai, ai, ai, pelo jeito alguém trouxe uma sobremesa para o senhor! — A mulher colocou as mãos na cintura e fingiu ralhar comigo. — É contra as regras, mas posso fingir que não vi. — Ela riu. — O senhor quer um pedaço? — Ela apontou para a mesa onde Lauren havia deixado a *bakewell tart*.

— Não, obrigado — murmurei.

— Tem um anel aqui também, sua noiva deve ter esquecido. — Ela pegou o anel e me mostrou.

— Pode deixar aí, por favor. Obrigado.

O rompimento com Lauren era definitivo, ela não ia mais insistir, já que havia deixado o anel de noivado ali. Era um sinal

de que tudo tinha terminado. *Ótimo, ela entendeu o recado.* Mas, que merda, agora eu nunca mais a veria. Como eu me odiava por fazê-la sofrer tanto.

O poema de Yeats foi a última estocada em meu peito. Por isso, não me restava muita coisa, a não ser ouvir The Smiths. Peguei o celular e selecionei a faixa que julguei mais apropriada ao momento: "I Know It's Over". Enquanto os versos *And I know it's over — still I cling, I don't know where else I can go (over and over and over and over, over and over), I know it's over*<sup>[4]</sup> soavam em meus fones de ouvido, eu tentava imaginar como seria a minha vida dali para a frente.

Depois que recebi alta do hospital, fui para a casa da minha avó. Até eu aprender a conviver com as minhas limitações e ter mais autonomia, achamos que essa era a melhor solução. Meus pais haviam oferecido a casa deles para que eu ficasse por um tempo, mas eu não suportaria a convivência com eles.

Além disso, vovó Liv estava providenciando uma reforma em meu apartamento, para que ficasse acessível. Ela havia contratado enfermeiros que me auxiliavam durante todo o dia e eu fazia fisioterapia regularmente. Meg ia quase todos os dias me visitar, e uma das poucas alegrias que eu tinha era ver minha sobrinha se desenvolvendo. Lucy agora parecia me reconhecer e sempre abria um enorme sorriso desdentado para mim.

Tirei licença das minhas atividades na universidade, e eles me deram um tempo até eu decidir se queria voltar à sala de aula. Naquele momento eu ainda não me sentia preparado para retomar a rotina. Havia quatro meses que não via Lauren. Logo que saí do hospital, vovó Liv e Meg tentavam me falar dela, mas eu não permitia. Era doloroso demais viver sem ela, não podia tolerar que ela fosse um assunto em pauta na minha rotina. Constantemente, Lauren fazia parte dos meus sonhos. Neles, nós dançávamos, eu a pegava no colo e nós fazíamos amor. Nenhuma dessas coisas ia acontecer de novo na vida real, então eu ficava feliz de já ter feito cada uma delas ao menos uma vez — assim eu guardava as memórias que me serviam de matéria-prima para os sonhos.



Minha rotina se resumia a ler — sim, desse prazer eu não iria abrir mão —, continuar com algumas pesquisas sobre Byron, mesmo que estivesse temporariamente afastado da universidade, e fazer a fisioterapia, que me ajudava a ganhar cada vez mais autonomia, ainda que eu soubesse que a paraplegia era irreversível. Só o fato de eu ter mais controle sobre as idas ao banheiro me deixava satisfeito. Ter alguma sensibilidade da cintura para baixo não me deixava menos deprimido. Como eu não queria tornar miserável a vida das pessoas ao meu redor, fingia que estava contente com os pequenos progressos que vinha fazendo, embora, na verdade, isso me animasse muito pouco.

Outra coisa que eu fazia constantemente era ler as notas do autoconhecimento de Lauren. Eu sempre carregava aquela caderneta comigo. Lia e relia as anotações dela. Especialmente as que diziam respeito a mim:

Ouvir um homem bonito falando com sotaque inglês  
tem um efeito poderoso sobre mim.

Eu ri muito quando li essa nota pela primeira vez. Se eu soubesse disso antes, teria aproveitado mais. *Ah, céus, eu ainda a amava tanto... que tormento!* Dentro da caderneta, havia várias polaroides. Muitas fotos de Byron, Lauren adorava fotografá-lo e ele realmente era fotogênico. Também havia algumas fotos minhas. No verso de uma das imagens, que me mostrava dormindo, ela escreveu:

Thomas Keith, o meu lorde inglês.  
A criatura mais bela e doce a habitar este planeta.

Ah, Lauren... acho que ela não lembrava que essas fotos estavam na caderneta. Não importava. Ia ficar com elas. Eram os únicos pedaços dela que me restavam.

Eu estava na biblioteca, onde passava a maior parte do dia. Byron dormia em meu colo. Notei uma movimentação diferente na casa. Anne, que trabalhava na casa havia mais de duas décadas, bateu à porta.

— Tommy, a sua avó precisou sair e pediu para você receber a visita, enquanto ela não chega.

— Hum — resmunguei. — A *visita* já chegou?

Anne fez um sinal afirmativo com a cabeça. *Saco!* Teria que fazer sala para alguma senhora, amiga de chá da minha avó. Mas, enfim, diante de tudo o que ela estava fazendo por mim, não me custava nada jogar um pouco de conversa fora com uma idosa simpática. Tirei Byron do colo com cuidado e me dirigi com minha cadeira motorizada ao encontro da visita.

Ao chegar à sala de estar, por alguns segundos eu não consegui entender o que estava acontecendo. Dois grandes pares de olhos castanhos me observavam com uma evidente surpresa, a expressão era quase de choque.

— Thomas... — A voz dela quase falhou. — Eu não sabia que você estava aqui. Desculpe. A sua avó havia combinado comigo, mas acho que houve um engano. — Ela se apressou para pegar a bolsa, que estava sobre o sofá. Num movimento rápido, já ia em direção à porta.

— Lauren, espere! — quase gritei.

E ela se virou para me olhar. *Meu Deus, eu devia tê-la deixado ir embora. Como ela era linda.* Ainda mais bonita do que eu lembrava. Como eu queria beijar aqueles lábios cheios e rosados, sentir seu perfume de baunilha novamente, me afundar no calor dos seus braços. E, sendo o imbecil egoísta que eu era, pedi para ela esperar. Eu precisava ver aqueles olhos cor de chocolate mais uma vez.

— Liv me disse que você estaria fora, fazendo fisioterapia... Foi só por isso que eu vim. Mas eu volto em outro momento, não quero atrapalhar. — Ela parecia sem graça.

— Não vá embora, por favor. A minha avó já deve voltar. — Eu pensava no que dizer. Era difícil me concentrar diante daquele olhar intenso e desconcertado. — Como você está?

— Estou bem. — Ela adotou um tom protocolar. — E você? Está indo bem na fisioterapia?

— Sim. — Tentei parecer animado. — Está tudo certo.

Então era isso. Agora nós éramos dois estranhos que não tinham mais assunto para conversar.

— Como está o trabalho na editora?

— Está ótimo. Mark é excelente! E eu tenho cada vez mais coisas para fazer, mas estou gostando muito. — Ela estava parada, contorcendo as mãos na frente do corpo. *Estava nervosa.*

— Que bom. Você merece. Fico feliz por você.

Ela me deu um sorriso sem graça — se eu ainda estivesse catalogando os sorrisos de Lauren Taylor, diria que esse era o falso, aquele que as pessoas dão apenas para serem educadas — e ficou me olhando por alguns minutos. Parecia que queria dizer algo, mas ficou em silêncio. Depois de algum tempo, falou:

— Bom, acho melhor eu ir. Eu marco outro dia com Liv. Foi bom ver você, Thomas. — Ela se dirigiu com pressa à porta.

— Por que Yeats?

Ela se virou para mim, boquiaberta.

— O quê?

— Por que Yeats para um bilhete de despedida? — Eu não consegui não perguntar. *Era oficial: Thomas Keith era um idiota.*

— Eu estava lendo uma coletânea de poemas dele na época, fiquei com a obra na cabeça. Além disso, era como me sentia naquele momento: eu dei meu coração a você e depois o perdi. Eu nunca mais vou amar ninguém como amei você. Mas isso não te interessa, não é mesmo? Você decidiu não me amar mais e, quanto a isso, não há nada que eu possa fazer. Bom, já falei mais do que devia, Thomas. Tchau!

E, sem me dar a menor chance de réplica, ela saiu rapidamente e bateu a porta com força. *Eu dei meu coração a você e depois o perdi. Ah, meu Deus, Lauren...* se o seu coração ainda estivesse comigo, você não o teria perdido. Eu lhe devolveria. O meu

coração é que seria seu e somente seu. Nenhuma outra mulher teria acesso a ele. Mas você precisava viver, precisava sonhar ao lado de um homem que pudesse satisfazê-la por completo.



## CAPÍTULO 35

### LAUREN

Algumas semanas haviam se passado desde que eu tinha visto Thomas. *Ele estava tão bonito!* Eu queria ter me atirado nos braços dele e dito que sentia falta do sorriso dele, dos beijos, do calor, das nossas conversas sobre literatura. Como eu o queria. Mas, ao mesmo tempo, encontrá-lo foi terrível. Porque eu vi o olhar petrificado dele, um azul glacial, e percebi que, apesar de lindo, aquele homem que estava na sala de Liv não era o mesmo pelo qual eu tinha me apaixonado.

Aliás, depois daquele encontro desastroso, dei uma bela bronca em Liv e pedi que ela nunca mais me desse um golpe tão baixo. Ela me disse que a partir de então eu poderia ficar tranquila, porque Thomas já tinha voltado para o apartamento dele. Por um lado, obviamente, eu gostei de vê-lo. Por outro, me senti totalmente humilhada. E se ele achasse que eu tinha armado tudo aquilo? *Argh, ficava com raiva só de pensar.*

O trabalho na editora ia de vento em popa, e, de quebra, consegui uma parceria entre a MH e a The Book Company, e nós iríamos fazer uma série de lançamentos de novos expoentes da literatura britânica e autores internacionais na livraria da minha

prima. Ainda assim, eu não me sentia completa. Apesar de tudo, eu ainda queria Thomas desesperadamente. Sabia que ele não era a pessoa que estava tentando mostrar que era. Esse cara só estava bastante amargurado e ferido, mas ele certamente não estava disposto a me deixar lidar com os seus traumas.

Thomas provavelmente não acreditaria, mas o fato de ele estar paraplégico não tinha tanta importância para mim quanto ele achava que tinha. Ele estar lúcido era o bastante, só que ele não acreditava. Eu ainda tinha esperanças de que um dia ele saberia que, do jeito que eu o amava, o fato de ele não andar não fazia diferença. Ele ainda era o mesmo homem para mim. Sempre seria.

Eu estava bastante cansada e, como era rotina nos dias em que precisava de um relaxamento extra, ia preparar um bom banho de banheira e me sentir uma diva. Assim que cheguei em casa, tirei os scarpins — *ah, meus pés respiraram aliviados* — e pendurei o casaco no cabideiro atrás da porta. Hoje era um dia de sorte, aparentemente, porque assim que entrei no apartamento um temporal começou a desabar. Lembrei todas as noites de chuva em que dormi nos braços de Thomas e senti uma fisgada de tristeza. O apartamento dele era a apenas algumas quadras do meu, mas agora parecia ser muito distante.

Quando estava me preparando para pegar uma taça de vinho, ouvi uma notificação de mensagem no meu celular. Olhei o visor e demorei uns segundos para entender que era Thomas.

*Lauren, eu sou uma porra de um verme idiota.*

*Uau! Não era uma mensagem romântica.* E não parecia algo nem um pouco típico de Thomas Keith. Em seguida, outra mensagem. Agora, ele tinha mandado uma música. “Asleep”, dos The Smiths. Essa eu não conhecia. Apertei o *play* para ouvir a canção.

*Sing me to sleep<sup>[5]</sup>  
Sing me to sleep  
I don't want to  
Wake up on my own anymore  
Sing to me*

*Sing to me  
I don't want to  
Wake up on my own anymore*

*Don't feel bad for me  
I want you to know  
Deep in the cell of my heart  
I really want to go*

*There is another world  
There is a better world  
Well, there must be  
Well, there must be  
Well, there must be  
Well, there must be  
Well*

*Bye bye  
Bye bye  
Bye*

Meu sangue gelou. Parecia uma despedida. *Meu Deus, o que ele estava tentando me dizer?* Imediatamente, liguei para ele. *Atende, porra, atende!* Ele não atendeu. Caiu na caixa postal. Mandei uma mensagem.

*Thomas, atenda esse telefone. Quero falar com você. Por que me mandou essa música?*

Sem resposta nenhuma, decidi que não tinha alternativa. Eu iria até o apartamento dele. Calcei tênis, que não combinavam em nada com a roupa que eu estava vestindo, mas, francamente, aquele era o menor dos meus problemas. O temporal continuava a cair, mas eu não tinha tempo. Corri até a casa dele. Nem sabia que, como sedentária convicta, eu podia correr tanto. Ao chegar ao prédio dele, um dos vizinhos de Thomas, um homem enorme e simpático que quase sempre conversava comigo sobre amenidades quando nos encontrávamos no corredor, me olhou com espanto.

— Por favor, George, não fique me olhando com essa cara. Acho que Thomas pode estar com problemas, me ajude a entrar

no apartamento dele.

Sem nenhum questionamento, acho que por ver minha cara de pavor, George me seguiu. Quando chegamos à porta do apartamento de Thomas, pude ouvir a mesma música que ele tinha enviado para mim. Meu coração acelerou ainda mais. *O que será que ele tinha feito?* Esmurrei a porta e gritei ensandecida para que ele abrisse. *Nada*. Não havia nenhum barulho além da música tocando. Sem pensar muito, George deu um chute na porta, arrombando-a. Agradei a Deus pelo fato de o vizinho ser um homem enorme.

Quando entrei no apartamento, nem parecia o mesmo local em que eu tinha estado tantas vezes. Além de ter algumas adaptações para a nova condição dele — notei que os vinhos, os livros e outros objetos estavam mais baixos, para que ele pudesse alcançá-los da cadeira de rodas —, havia copos e pratos por todos os lados. Eu gritava o nome dele, mas não havia resposta. Fui até o quarto dele e o vi deitado na cama. Parecia que meu coração ia sair pela boca. *Santo Deus, será que...*

— Lau-ren, Lau-ren, minha doce e meiga Lau-reeeeeen... — Ele estava bêbado. Eu nunca o tinha visto assim.

— Thomas, Graças a Deus! Você está vivo. Quase me matou do coração! — Dei um suspiro aliviado.

— Oh, minha linda dama! — Ele deu um sorriso. — Por que estás toda molhada?

— Porque eu vim correndo até aqui, seu idiota! — Agora estava cheia de raiva, e ao mesmo tempo aliviada.

Agradei a George e disse que ele podia ir embora. Byron estava com uma cara assustada. Fui até o toca-discos, que ainda ecoava a música dos The Smiths, e o desliguei. Afaguei a cabeça do gato, que se esfregou nas minhas pernas.

— Seu pai é um imbecil, Byron. Será que ele está cuidando bem de você?

Deixei Thomas balbuciando alguma coisa que eu não entendia e fui ver se Byron tinha comida e água. Incrivelmente, os potinhos dele estavam cheios. A caixinha de areia também estava limpa. Bom, pelo menos ele não estava sendo negligente com o pobre felino. Voltei ao quarto de Thomas pisando duro.



— Lau-reeen — ele dizia meu nome espaçadamente e com a língua enrolada. — Se Byron, o poeta e não o gato, tivesse te conhecido, ele teria feito poemas ainda melhores. *Ah, um coração cujo amor é inocente!* — Ele deu um longo suspiro.

— O que você pensa que está fazendo, Thomas? — indaguei, furiosa.

— Recitando Lord Byron para você, minha musa. — Ele riu. — Além disso, estou deitado, que é uma das poucas coisas que eu posso fazer agora.

— Chega dessa merda de vitimismo!

E, sem pensar muito, fui até ele e o ergui. Ele era pesado, mas não era páreo para a minha determinação. Ele ficou sentado. Coloquei a cadeira de rodas ao lado da cama. Thomas lutou um pouco comigo, mas por fim viu que eu estava determinada e não desistiria, então foi para a cadeira. Eu o levei até o banheiro. Dane-se tudo o que ele tinha dito, eu estava cansada demais para aturar aquilo. Ele ia tomar um banho. Estava com a barba por fazer, descabelado, além de bêbado. Eu nunca o tinha visto tão desleixado.

O banheiro também havia sido adaptado. Dentro do espaçoso box, havia barras de apoio e um banco dobrável. O apartamento inteiro estava configurado de modo que ele tivesse a maior autonomia possível. Mas, enfim, já que ele não queria ser autônomo, então tudo bem. Eu ia dar banho nele. Quando comecei a tirar a camisa dele, ele começou a se debater em protesto.

— É melhor você ficar quieto, porque não vai vencer esta, *professor Keith!* Eu vou te dar banho! — Eu o encarei, furiosa.

Ele pareceu entender o recado e desistiu de lutar comigo. Depois que já estava despido, o transferi para o banco dentro do box. Abri o chuveiro e comecei a lavar os cabelos dele. Ele fechou os olhos e pareceu finalmente relaxar. O chuveiro respingava em mim também, mas eu já estava completamente molhada mesmo, não fazia diferença. Peguei uma toalha e comecei a secá-lo. Depois, alcancei um roupão azul-marinho que estava dobrado numa prateleira e o vesti com ele. Fiz a

transferência dele para a cadeira de rodas e o levei de volta para o quarto.

Ele ainda estava um pouco embriagado, mas já tinha uma aparência melhor. Parecia estar em transe, mergulhado nos próprios pensamentos, então decidi deixá-lo sozinho. Tinha muitas coisas que eu queria dizer, mas precisava me acalmar. Fui até a mesa de cabeceira e peguei a garrafa de uísque, que estava pela metade, e o copo. Saí do quarto sentindo os olhos de Thomas fixos em mim, mas não olhei para ele. Despejei todo o conteúdo da garrafa na pia da cozinha. Comecei a catar todas as coisas espalhadas pela sala. Eu não percebi, mas quando me virei ele estava atrás de mim, na cadeira de rodas, me olhando fixamente.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ele num tom tranquilo.

— Você não lembra que me mandou mensagens?

— Sim, mas eu não pedi que você viesse.

— Você já prestou atenção à letra daquela música que me mandou, Thomas?

— Sim, qual é o problema?

— É uma música de despedida! Pelo amor de Deus! Eu achei que você fosse se matar!

E, então, já cansada demais de me segurar, de fingir, de ter que simular tranquilidade, eu desabei a chorar.

— Lauren, eu sinto muito. Mesmo. Não sei o que me deu. Eu estava muito bêbado. Não queria preocupar você.

— Tarde demais para isso. Eu já estou preocupada. Olha o chiqueiro em que você está vivendo! Logo você, Thomas, que é obcecado por organização! E você está bebendo com que frequência?

— Regularmente — retrucou ele com apatia.

Continuei catando as pilhas de roupas, louças e livros espalhados.

— Você não precisa fazer isso.

— Mas eu quero — respondi, enfática.

— E por que você quer fazer isso, Lauren? Não tem sentido.

— O que não tem sentido é você viver deste jeito. Sem cuidar da casa, sem se cuidar...

— Eu não preciso me cuidar, Lauren. Eu sou um *inválido*.

— Chega dessa porra de invalidez. Chega! Eu não aguento mais essa sua autopiedade! — praticamente berrei.

Thomas não esperava pela minha reação. Arregalou os olhos azuis e ficou me olhando, perplexo. Ele abriu a boca, mas não falou nada. Ficou por algum tempo em silêncio.

— Vá embora, Lauren. Por favor. Eu não tenho nada para te oferecer.

— Eu não vou embora, Thomas. Vá em frente, diga novamente que eu sou uma mulher frágil. Jogue toda a merda que eu vivi com Graham na minha cara, me humilhe, mas eu só te digo uma coisa: *eu não vou embora!* — falei da maneira mais decidida que podia.

— Eu fui um idiota e sinto muito pelas coisas que eu te disse. — Ele suspirou. — Mas eu não posso prender você a mim. — Ele tinha o olhar triste.

— Eu não vejo nenhuma corda, algema nem corrente por aqui — retruquei.

— Estou falando sério. Não posso deixar você enterrar a sua vida ao meu lado.

— Thomas, por favor... você não está andando. Isso é ruim? Sim, é uma droga, mas não me faz te amar menos. Por favor, entenda isso de uma vez por todas.

— Talvez eu não possa ter uma vida sexual normal e te dar filhos.

— A gente dá um jeito em relação ao sexo, eu tenho certeza. Li muitos artigos a respeito, existem diversas coisas que podemos fazer e experimentar. — Dei um sorriso zombeteiro para ele. — Em relação a filhos, eu nem sei se *eu* posso tê-los, Thomas. E quando eu disse isso você não me descartou, lembra?

Ele me olhava com indecisão. Se eu bem o conhecia, ele ainda estava tentando arrumar argumentos para me convencer do quanto a vida ao lado de um paraplégico seria horrível e de todos os obstáculos que nós teríamos que enfrentar. Eu o deixei ali sozinho por alguns segundos e fui até a estante de vinhos.

Selecionei um disco da Billie Holiday e coloquei para tocar “The Man I Love”. Me aproximei dele e o que fiz o deixou em choque: sentei-me em seu colo.

— Dance comigo, Thomas.

— Eu não posso dançar. — Ele me olhou com tristeza.

— Claro que pode. — Coloquei meus braços ao redor do pescoço dele e apoiei minha cabeça em seu peito. O coração dele batia muito forte.

E, de repente, ele não resistiu mais. Começou a guiar sua cadeira para um lado e para o outro, e nós ficamos ali, ao som de Billie Holiday.

— *The man I love, and when he comes my way, I'll do my best to make him stay* <sup>[6]</sup> — sussurrei um trecho da música no ouvido dele.

Ele sorriu para mim. Seus olhos eram de um azul ainda mais intenso do que eu me lembrava. E ele começou a chorar. Eu sequei cada uma das lágrimas que caíam com beijos nas suas bochechas. Ele ficou com uma expressão mais leve, parecia o mesmo Thomas de antes do acidente.

— Eu te amo tanto que tenho medo de sujeitá-la a uma vida de limitações.

— Todas as vidas têm limitações. — Suspirei. — A maior tristeza da minha vida seria ficar sem você. Se não quer que eu sofra, fique comigo. É simples.

— Lauren Taylor, você é a mulher mais espetacular que eu já conheci.

— Thomas?

— Sim?

— Pare de falar e me beije.

Então ele pegou o meu rosto entre as mãos e me deu o beijo mais apaixonado que eu já havia recebido na vida. Agora sim, meu coração estava em paz.



## CAPÍTULO 36

### THOMAS

Desde a noite em que Lauren me provou que eu podia, sim, dançar mesmo estando numa cadeira de rodas, haviam se passado seis meses. E, nesse período, ela também me mostrou que eu não era um inválido e que eu ainda conseguia fazer a maior parte das coisas que fazia antes. Eu tomava banho sozinho, me vestia sozinho e estava até mesmo cozinhando. Também tinha voltado a dar aulas e me sentia muito bem por ter minha vida produtiva novamente. É claro que se locomover numa cadeira de rodas trazia uma série de desafios, mas no fim das contas descobri que era apenas isto: um obstáculo. Ser cadeirante não era uma sentença de morte.

Londres até era uma cidade amigável com os cadeirantes, mas nem por isso deixava de ser desafiador se locomover sobre uma cadeira de rodas numa das maiores metrópoles do mundo. Muitas pessoas olhavam com curiosidade, outras, com pena, algumas fingiam indiferença, mas, enfim, eu estava me acostumando à minha nova realidade. O fato de ter Lauren ao meu lado fazia com que nada mais importasse.

Na noite em que Lauren veio me “resgatar”, eu realmente achava que não havia mais saída para mim, que a minha vida estava destinada ao sofrimento. Apesar de ter enviado para ela o áudio com “Asleep”, eu não estava pensando em me suicidar... Mas estava me sentindo morto por dentro. De qualquer forma, fiquei feliz por ela ter decidido vir até o meu apartamento. Quando vi que ela havia corrido na tempestade e feito George arrombar a porta, eu soube que não queria mais que ela se afastasse. Eu a amava demais para viver sem ela.

Na semana seguinte àquele episódio, Lauren já havia se mudado para o meu apartamento. Byron estava muito feliz; na verdade, eu começava a achar que meu gato traidor gostava mais dela do que de mim, mas eu não o culpava. Como qualquer criatura em sã consciência não iria se apaixonar por ela?

Cerca de duas semanas depois de estarmos morando juntos, eu tive a primeira ereção pós-acidente. Lauren estava usando um pijaminha de dormir minúsculo, e eu percebi que o meu desejo por ela não tinha mudado, nem arrefecido, só estava em hibernação. É claro que as coisas estavam diferentes. Precisamos recorrer à ajuda de alguns medicamentos para que a relação fosse mais duradoura, mas descobrimos novos caminhos a serem explorados, e a conexão entre nós estava cada vez melhor.

A vida caminhava bem. Melhor do que eu poderia imaginar depois que sofri o acidente. Após um período mergulhado nas minhas próprias trevas, Lauren me reconduziu à luz. Mas o fato é que ninguém passa ileso por uma experiência como a que passei. Agora havia um senso de urgência na minha vida, eu sabia que o amanhã poderia não existir. Por isso, convidei Lauren para passarmos uma semana na, agora minha, casa de Derbyshire. Após alguns meses de reforma, a propriedade estava relativamente adaptada às minhas necessidades. Eu também tinha um carro adaptado, o que me permitia dirigir. Então, sim, havia um senso de ordem e normalidade nessa minha nova fase da vida.

Para passarmos uma semana em Derbyshire, dei a ela a desculpa de que precisava finalizar meu livro: sim, finalmente ele

estava saindo do papel. Decidi mudar por completo o rumo da história que estava desenvolvendo e comecei a criar a narrativa focada no ponto de vista de um cadeirante, o que estava sendo terapêutico. Mas, além de estar trabalhando na minha escrita, eu queria voltar àquele lugar especial para fazer as coisas da maneira Thomas Keith de ser: em grande medida, um amante à moda antiga.

Eu me considerava, sem sombra de dúvidas, um progressista: definitivamente apoiava a luta das mulheres pela igualdade; apesar do atentado terrorista do qual fui vítima, defendia o direito dos imigrantes, sabia que a maioria não era violenta e só queria viver dignamente e fugir de condições miseráveis; era contra a LGBTfobia; enfim, era um homem conectado ao meu tempo. Mas, quando o assunto era romance, eu vestia a capa do herói romântico, talvez por influência das minhas pesquisas sobre Byron e a literatura inglesa do século XIX. Eu achava que uma mulher como Lauren merecia ser venerada, e era isso que eu estava disposto a fazer desde o dia em que nos conhecemos.

De certa forma, essa viagem parecia um *déjà-vu*. Estávamos no carro, a caminho de Derbyshire, e Lauren selecionou a trilha sonora. “Madness”, do Muse, começou a soar nos alto-falantes.

— Lauren, preciso lhe fazer uma pergunta. — Meu tom era de absoluta seriedade. Ela me encarou com um ar de preocupação.

— Você realmente acha que Muse é melhor do que The Smiths?

Ela suspirou aliviada e deu uma gargalhada.

— Fique sabendo que Muse é uma das melhores bandas da atualidade, tá? — Ela ergueu as sobrancelhas com um ar debochado. — Mas eu só disse que eles são a melhor banda do mundo para te provocar.

— Ufa! — Soltei um suspiro aliviado. — Falar que qualquer banda que não The Smiths ocupa o lugar de melhor do mundo em seu coração poderia ser uma questão intransponível em nosso relacionamento.

Ela riu de forma leve, natural e espontânea. Ela estava completamente à vontade comigo, e isso nos levava a mais uma categoria de sorrisos de Lauren Taylor: o de pertencimento. Ela

sabia que estava em casa comigo, assim como eu sabia que pertencia àquela mulher mais do que a qualquer outra pessoa, coisa ou lugar. Eu acreditava nela, acreditava que a vida podia ser boa por causa dela.

Nós já estávamos morando juntos havia meses, e eu tinha certeza, como sempre tive, de que ela era a mulher da minha vida. No dia do atentado, eu ia levá-la para jantar no Simpson's-in-the-Strand, que foi o cenário do nosso primeiro encontro oficial. Ia pedi-la em noivado como manda o figurino, ficando de joelhos e tudo. Agora, obviamente, eu não poderia me ajoelhar diante dela. Mas ainda podia pedi-la em casamento.

Eu havia pedido ajuda à minha avó, e a casa estava coberta de escadas-de-jacó, a flor símbolo de Derbyshire. A área do ofurô, que tanto tinha encantado Lauren em nossa outra visita, estava como da outra vez: coberta de velas. Felizmente, o céu resolveu colaborar conosco e estava ainda mais estrelado do que da primeira vez em que fizemos amor sob as estrelas. Ela me ajudou a entrar no ofurô e depois tomou o seu lugar à minha frente, entre as minhas pernas.

— Logo depois que acordei no hospital, eu jamais poderia imaginar que estar assim com você novamente seria possível. — Beijei a testa dela.

— Nós podemos fazer tudo o que fazíamos antes, Thomas. Só precisamos de pequenas adaptações. — Senti o tom caloroso na voz dela.

— Eu sei. Mas só porque você insistiu. Obrigado por não desistir de mim.

— Você está louco? Como eu poderia desistir do meu cavalheiro inglês? — Ela se virou e me fitou com os olhos cheios de paixão.

— Eu tinha tanto medo... de não te proporcionar uma vida satisfatória, de não conseguir mais te dar prazer....

— Obviamente, nós dois sabemos que isso não se provou verdade. — Ela deu uma risada maliciosa e se virou de frente para mim, passando as pernas pela minha cintura.

— Aham. — Mordi-lhe o queixo. — Você está feliz?

— Como nunca imaginei ser possível.



— Eu também, meu amor. — Beije-a com toda a fome que eu tinha.

Por um tempo, ficamos apenas nos olhando sem dizer nada, sorrindo um para o outro. Era inacreditável que estivéssemos juntos depois de todos os obstáculos que enfrentamos. Eu era incrivelmente mais feliz por tê-la a meu lado, não havia a menor dúvida. Como ela era a pessoa mais especial do mundo para mim, o meu maior desejo era fazê-la feliz. Por isso, eu precisava que tudo agora fosse feito da maneira como ela merecia. Como Cummings era um dos poetas favoritos dela, me arrisquei no clássico:

— *Carrego seu coração comigo, eu o carrego no meu coração. Nunca estou sem ele. Onde eu for, você vai, minha querida. Não temo o destino, você é meu destino, meu doce. Não quero o mundo pois, beleza, você é meu mundo, minha verdade.* — Eu a observava atentamente, e ela estava com uma expressão maravilhosa.

— Cummings... — ela praticamente murmurou e me deu um beijo suave. — Mas eu prefiro o seu poema, Thomas...

— Era o que eu temia. Você leu? — Eu ri.

— Sim. Você nunca disse que tinha escrito um poema inspirado em mim.

— Nada do que eu escrevi é digno de você.

— Não é verdade. Eu me sinto lisonjeada como sua musa inspiradora.

— Nenhum poema do mundo, nem todos eles juntos podem fazer jus ao que sinto por você. Eu te amo como nunca sonhei que seria capaz de amar alguém. Você me devolveu a vontade de viver quando eu achei que tudo estava perdido, e não consigo colocar em palavras, de maneira satisfatória, o que você significa para mim.

Estiquei o braço em direção ao bolso do roupão que estava na borda do ofurô e peguei a caixinha de veludo. Lauren arregalou os olhos.

— Eu não consigo mais imaginar uma vida na qual você não exista, não consigo conceber um dia sequer sem suas risadas ou o som da sua voz. Eu te quero de todas as formas que um

homem pode querer uma mulher. Eu não sabia que podia te desejar tanto depois do acidente, mas o fato é que eu desejo — falei num só fôlego. — Eu quero você e tudo o que você tem para me oferecer: sua mente brilhante, seu amor pelos livros, sua força, sua beleza, suas gargalhadas, sua vontade de viver, sua bondade e, é claro, seu sexo. — Abri um sorriso malicioso. — Em troca, talvez não seja um negócio assim tão bom para você, eu te ofereço o meu coração. Até porque ele já é seu, meu amor. — Passei a mão nos cabelos dela. — Você é o meu destino, a porta do seu país, o seu coração, lugar mais sereno não há. É por ela onde hei de entrar e fixar minha morada. O seu mundo, Lauren, seja onde for, é nele em que eu quero estar. — Eu a beijei. Ela estava com os olhos marejados. — É por isso que eu preciso saber se você me daria a honra de ser a minha esposa. Porque eu quero muito ser o seu marido.

Abri a caixinha de veludo e mostrei o anel para ela, o mesmo que ela já tinha usado e deixado para trás. O mesmo dos nossos planos interrompidos, mas que tinha um significado tão importante. O mesmo anel que tinha gravada a nossa piada interna, que não era tão piada assim: *Lauren e Thomas para sempre*. Ela ainda estava com os olhos fixos em mim.

— Quando você apareceu na minha vida, eu fiquei fascinada. Você era tão lindo, tão seguro, mas ao mesmo tempo tão suave! E, quando você me olhou, eu sabia que você estava enxergando através de mim. Eu te queria tanto, mas tinha tanto medo... — Ela acariciou o meu rosto. — No momento em que achei que podia perder você, eu sabia que a única coisa a fazer era lutar por você. E é isso o que eu vou fazer: lutar por nós sempre, todos os dias, eu prometo. E, sim, eu quero muito ser sua esposa.

— Eu tenho mais uma pergunta — disse, sério.

— Pergunte. — Ela sorriu.

— Você disse que quando me conheceu me achou lindo. — Fiz uma pausa.

— Achei mesmo, você sabe disso.

— Mas você disse isso no passado. E agora? Eu continuo lindo? — Arqueei as sobrancelhas.

— Ah, Thomas Keith... — Ela me deu um beijo demorado. —  
Você é o homem mais lindo que eu já vi, pode ter certeza disso.  
Está bom agora?

— Ah, sim, bem melhor... — Dei uma gargalhada.



## EPÍLOGO

**Dois anos depois**

LAUREN

— Isso, Thomas! Ah, sim, por favor...

— Ah, minha querida, não há nada no mundo que eu goste mais de fazer do que satisfazê-la, ainda mais neste momento. — Ele riu.

Eu estava com os pés no colo dele, ganhando uma massagem. Adorava quando ele massageava meus pés, especialmente quando estavam tão cansados e inchados.

Muitas pessoas ao nosso redor costumavam nos parabenizar e achar que a nossa história era um exemplo de amor e superação. Para nós, era apenas a nossa história, a única possível, porque simplesmente não conseguiríamos viver longe um do outro. Nós estávamos casados havia quase dois anos e a nossa rotina era bastante normal. Thomas tinha retomado todas as atividades no King's College; o dia a dia dele continuava bastante agitado, assim como quando nos conhecemos.

Eu agora era editora na MH. Mark havia se aposentado e decidido apostar todas as fichas em mim. Modéstia à parte, eu

estava me saindo muito bem no desafio. Já fazia um ano que tinha assumido a nova posição.

Eu havia editado o livro de Thomas no ano anterior. Sim, finalmente ele tinha escrito o romance! Era uma história fascinante, narrada por um cadeirante que tinha um bloco de anotações chamado de *notas do autoconhecimento*. A primeira vez que li, fiquei tão emocionada que chorei. Ele ficou preocupado, pensando que eu não tinha gostado, mas na verdade foi uma das maiores declarações de amor que eu podia receber. Aquela personagem era uma fusão minha e dele, e eu amei.

O livro tornou-se um sucesso, e Thomas passou a ser requisitado para entrevistas e eventos. As pessoas achavam fascinante o fato de ele *ter dado a volta por cima*. Para mim, ele estava apenas sendo o homem que eu sempre soube que ele era: forte, íntegro, amoroso e inteligente.

Não era segredo que eu sempre quis muito ter um filho. Com a condição de Thomas como cadeirante, eu tinha muito receio de tocar no assunto quando retomamos o relacionamento. A nossa vida sexual, no entanto, nunca teve nenhuma dificuldade. Como nos dávamos cada vez melhor, na cama e fora dela, foi Thomas quem decidiu falar nisso.

Decidimos, depois de muitas conversas e pesquisas, tentar ter um filho. Tivemos que partir para a fertilização assistida. E, surpresa das surpresas, engravidei logo na primeira tentativa. E, ali estava eu observando a nossa menininha, Olivia, num dos raros momentos em que ela dormia ao longo desse nosso primeiro mês de convivência. Sim, mais uma mulher na vida de Thomas. E, como vovó Liv era uma figura cada vez mais presente em nossa vida e definitivamente uma mulher maravilhosa, decidimos homenageá-la.

Estávamos sentados em frente à lareira na sala do nosso apartamento. Era sempre assim, ao final do dia. Nós nos sentávamos, conversávamos sobre o que tinha acontecido durante o dia e ele massageava os meus pés. A vida podia ser muito boa. Thomas ser cadeirante não fazia a mínima diferença em nosso relacionamento. Ele, agora, sabia disso.

De repente, ouvimos Olivia chorar. Ele foi até o berço e a pegou. Ela queria mamar. Thomas voltou à sala com a nossa filha no colo. Ele tinha uma desenvoltura impressionante com a cadeira de rodas.

— O que a nossa pequena Olivia quer ouvir hoje? — Ele beijou o topo da cabeça dela, entregando-a para mim.

— Thomas, a esta altura a nossa filha já conhece melhor o repertório dos Smiths do que o próprio Morrissey. — Dei uma risada.

— Não é justo criar nenhuma criança sem bons parâmetros musicais.

Ele se aproximou de mim e nos beijamos. *Ah, como eu o amava.* Adorava o senso de humor tipicamente britânico de Thomas, seu estoque infinito de poemas, sua gentileza, a forma que ele tinha de me amar, de desnudar a minha alma, de fazer eu me entregar a ele sem reservas. Ele era meu companheiro, meu porto seguro.

Thomas guiou a cadeira até o toca-discos. Ele, obviamente, continuava ouvindo muito The Smiths, mas por causa de Olivia escutávamos muitas coisas diferentes. Segundo ele, era importante que nossa bebê desde cedo tivesse uma *boa educação musical*. Ele selecionou o álbum *Disintegration*, do The Cure. Quando os primeiros acordes de “Plainsong” começaram a soar, ele me convidou para eu me sentar em seu colo, junto com a nossa filha. Começou a movimentar a cadeira delicadamente, e lá estávamos nós numa dança lenta.

— Desde que você foi me resgatar, naquela noite em que eu estava afundado na merda, e me mostrou que nós podíamos, sim, dançar, eu sinto que renasci. Na verdade, eu fui salvo na primeira vez em que vi você. Você me fez sentir de novo. — Ele me abraçou e me beijou.

— Thomas, Thomas... — Suspirei. — E eu ainda estou tentando descobrir quais são os seus defeitos. Por que tão perfeito? — Sorri e o beijei.

— Ah, agora você já sabe que eu sou teimoso como uma mula. E um tanto quanto obcecado por organização, o que, sim, talvez seja um transtorno. — Ele tinha um tom debochado.

Eu o beijei com todo o amor que sentia por ele.

— Eu nunca pensei que seria tão feliz. Nunca mesmo. —  
Suspirei.

Ele me olhou com curiosidade.

— Nem quando estávamos juntos antes do acidente?

— Não. Porque agora somos uma família. E eu digo desde sempre que o fato de você não poder andar não muda nada para mim. Você é o homem pelo qual eu me apaixonei. E para mim você é perfeito, mesmo roncando, sendo teimoso e tendo TOC.

E lá estava o sorriso maravilhoso com covinhas, marca registrada de Thomas Keith. Ele era tudo o que eu sempre quis mas nem mesmo sabia que existia. O conforto que eu tinha encontrado em seus braços, no som de sua voz, nas nossas conversas profundas sobre literatura, no humor ácido dele, nos olhos azuis apaixonados... Ele tornava o meu mundo um lugar muito mais feliz. Eu sabia que não precisava dele, mas eu o queria. E isso era o melhor de tudo.

E, quando começou a tocar “Lovesong”, ele voltou a mover a cadeira suavemente, ao ritmo da música, e cantarolou em meu ouvido:

*Whenever I'm alone with you*

*You make me feel like I am home again*

*Whenever I'm alone with you*

*You make me feel like I am whole again*

*Whenever I'm alone with you*

*You make me feel like I am young again*

*Whenever I'm alone with you*

*You make me feel like I am fun again*<sup>[7]</sup>

Eu o abracei o mais apertado que podia, tomando cuidado para não esmagar Olivia. E assim era a nossa parceria: desafiando as dificuldades, mostrando que podíamos sim, dançar, nos amarmos e ter a nossa família. Byron nos observava a distância, preguiçoso, deitado no tapete. E tudo o que mais importava no universo para mim estava ali. Eu me sentia completa, eu era a mulher que sempre estive destinada a ser.



## SOBRE A AUTORA

Vivian Lemos nasceu no Rio de Janeiro, é jornalista e escritora e apaixonada por histórias, sejam elas reais ou fictícias. É professora universitária, doutoranda em Comunicação e mestre em Direitos Humanos e Políticas Públicas. Adora romances de tirar o fôlego, mocinhas empoderadas e mocinhos apaixonantes.

Mora em Curitiba com o marido e três gatos, sendo os felinos seus mais implacáveis críticos. *Despedaçados* é seu romance de estreia, no qual conseguiu unir algumas de suas paixões: literatura inglesa, gatos, chá e cavalheiros ingleses.

**Para conhecer mais a autora, visite [www.lemoslivros.com.br](http://www.lemoslivros.com.br)**

**Curta a trilha sonora de *Despedaçados* em <https://spoti.fi/2UzZi06>**

---

[1] Morrer ao seu lado é um jeito divino de morrer.

[2] Unha e carne, nós podemos ir aonde quisermos e tudo depende só do quão perto você ficar de mim.

[3] E provavelmente nunca mais verei você outra vez, provavelmente eu nunca mais verei você outra vez.

[4] E eu sei que acabou - mas ainda assim me apego, não sei para onde mais eu posso ir (acabou, acabou, acabou, acabou, acabou), eu sei que acabou.

[5] Cante pra eu dormir, cante pra eu dormir, eu não quero mais acordar sozinho. Cante pra mim, cante pra mim, eu não quero mais acordar sozinho. Não se sinta mal por mim eu quero que você saiba do fundo do meu coração, eu realmente quero ir. Há um outro mundo, há um mundo melhor. Bem, deve haver, bem, deve haver, bem, deve haver, bem, deve haver. Então. Adeus, adeus.

[6] O homem que eu amo, e quando ele vier ao meu encontro, eu farei meu melhor para fazê-lo ficar.



[7] Sempre que estou sozinho com você, você me faz sentir como se eu estivesse em casa novamente. Sempre que estou sozinho com você, você me faz sentir como se eu estivesse inteiro novamente. Sempre que estou sozinho com você, você me faz sentir como se eu fosse jovem novamente. Sempre que estou sozinho com você, você me faz sentir como se eu fosse divertido novamente